

Luisinho Fávero
Organizador

Construções Catedral e Patronato São José

Juiz de Fora
Editor
2019

Copyright by © Pe. Luisinho Fávero (Org.)
2019

Capa

Márcia Rosário

Dados internacionais de catalogação na publicação

F272c Fávero, Luisinho

Construções: Catedral e Patronato São José / Pe. Luisinho
Fávero. Org. Juiz de Fora: Olps Gráfica, Volume 2, 2019.

ISBN: 978-85-7851-254-5
170p

CDD B869
CDU 82-1

Todos os direitos reservados

Arquidiocese de Juiz de fora

PELA CONSTRUÇÃO DA NOSSA CATEDRAL



Padre Luisinho Fávero

Fevereiro de 2018



INTRODUÇÃO

Catedral: casa de oração, liturgicamente aparelhada

Dom Justino José de Sant'Ana, nosso primeiro bispo, veio a realizar grandes obras em nossa Igreja Particular. Elenco aqui as quatro obras de maior volume: Catedral de Santo Antônio, Seminário Santo Antônio, Jornal 'O Lampadário' e o Patronato São José.

A Fonte de todas as pesquisas se encontra no jornal 'O Lampadário'. Este jornal, semanal, foi editado de 01 de março de 1926 até 29 de dezembro de 1968.

Deparei-me em uma pesquisa sobre o Seminário Santo Antônio e o resultado desta foi a edição de um livro de minha autoria. Estou com um projeto para fazer outra pesquisa completa em todo o semanário acima citado. Aproveitando, estou a concluir uma pesquisa sobre o Patronato São José.

Em outra pesquisa, sobre o Padre Rui Nunes Vale, padre centenário e que iniciou seu ministério na Diocese de Juiz de Fora, sendo divulgador do Movimento Litúrgico em Juiz de Fora, constatei que ele havia escrito sobre a Construção da nossa Catedral.

Padre Rui, sendo secretário do Bispo Justino, foi efetivado como Secretário da Comissão Diocesana para a construção da Catedral. E, também, sendo o redator chefe do jornal 'O Lampadário', escreveu por mais de um ano os artigos: "Pela construção de nossa Catedral". O período foi de 08.06.1940 à 26.07.1941. A partir desta data, Cônego Isnard da Gama continuou os escritos até 22.06.1942

Fica aqui a minha contribuição como membro do Clero da Arquidiocese de Juiz de Fora e amante de toda a história que a envolve.

“De Coração e de Altar”

Padre Luisinho



+Ano XV, 08/06/1940, n° 737, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A necessidade de uma catedral em Juiz de Fora é cousa absolutamente vista e sentida por todos de boa vontade. Não há mister mostrar essa necessidade. Para bom entendimento, para provocar entusiasmo sadio, para despertar energias, para concentrar forças, e necessário dizer que a construção de nossa catedral é possível. Só que querer uma organização e operosa estabelecida. De presa não se precisa. De precipitações menos ainda. Deseja uma construção a altura de figurar dignamente, com religiosa majestade liturgia. Entre nossos edificios que se multiplicam com arte. Nossa “Juiz de Fora” sede de bispado há quase 16 anos, merece uma catedral. Nisso não se empenham vistas humanas quaisquer que seja. Não. Nisso se empenha a catolicidade, catolicidade realmente grandiosa, de nossa ‘Juiz de Fora’ cujo centenário já se prepara remotamente. A inauguração de nossa Catedral se fara na ocasião do centenário daqui 10 anos? Todos os de boa vontade respondem sim. Assim seja. Essa palavra sacerdotal ao digníssimo senhor Prefeito, as autoridades todas, as nossas colendas Famílias, sendo orgulho de uma civilização cristã vivida. Essa palavra sacerdotal de coração juiz-forano aos corações juiz-foranos. Haja compreensão e boa vontade e haverá realização de um trabalho - precioso patrimônio as gerações vindouras. Nessa realização seja lembrado que um nada é sempre um nada, mas de nada se fazem grandes cousas.

+Ano XV, 15/06/1940, n° 738, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Reconhecer a necessidade de uma cousa, a possibilidade de realiza-la e mesmo uma certa obrigação de realiza-la e ficar nisso - é ter uma responsabilidade culpada. Longe de mim todas e quaisquer vistas humanas. Pra mim nada procuro a não ser amar e servir a Deus. Nosso Senhor. O que estou fazendo é gagueijar aos grandes e a todos sobre uma empresa absolutamente acima de meus ombros, pequenos e

de quase nenhuma valia. Não tenho a tola pretensão de agradar a quem quer que seja. Não busco honras e dignidades. Louvado seja Deus, me alimento cotidianamente destas convicções “Pati et contmni” - Padecer e ser desprezado ... etc. Si acontecimentos fortuitos me proporcionam ocasião de gloria, prefiro, e, si Deus quiser, hei de preferir sempre a gloria eterna da cruz. O que faço é balbuciar humildemente, a maneira de criança, sobre uma empresa que se impõe pela sua absoluta necessidade. Sou uma criança que esta com fome e sede de ver sua terra com uma catedral digna de seus filhos. Sou uma criança sem lar. Um filhinho de Deus, de Deus sem casa que caiba seus filhos nos dias de festa. Para o Pai de todos é que peço uma casa. Uma casa bonita que se chama Catedral. Casa que será uma herança comum a todos os filhos de Deus. Herança comum e inalienável. Herança, destas que recebemos dos nossos antepassados laboriosos e que devemos aumentar e construir a nossos avindouros. Si assim não fosse, nossa missão histórica, relativamente a isso, estaria falida.

+Ano XV, 22/06/1940, n° 739, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Vantagens de a Catedral ser construída em outro lugar que não a da Matriz de Santo Antônio de Juiz de Fora. Há variantes no modo de expor estas vantagens. Prefiro epilogá-las assim: vantagem histórica, vantagem económica, vantagem litúrgica, vantagem artística.

Vantagem histórica: aniquilar a primeira sede paroquial de Juiz de Fora?!... quebrar bruscamente agradáveis, legítimas tradições da primeira igreja de Juiz de Fora?!... destruir a igreja á sombra da qual se construiu “Juiz de fora”?! Si assim procedermos, mereceremos justificadamente severas objurgações.

Vantagem económica: construir sem destruir ... destruir?! ... nós que precisamos de igrejas?! ... destruir , uma igreja sólida?! ... Destruir, arrastados por motivos de segundo plano?!...destruir uma igreja que não se controe por menos, no mínimo, de 800:000\$000?! Não há exagero nessas afirmações. Sejam atentamente examinadas e

serão devidamente aceitas.

Vantagem litúrgica: remodelar por diversas vezes... disso resultaria coisa artística?!... quem admite essa hipótese poderia fazer o obsequio de pedir a opinião dos especialistas. Veria logo o engano em que labuta a hipótese admitida.

COMISSÃO DIOCESANA PRÓ-CATEDRAL

Presidencia: Excmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano.

VICE “ “ “ Excmo. Mons Vigário Geral.

SECRETARIADO; Revmo. Sr. SECRETARIO do Bispado. TESOURARIA; Revmo. Sr. Aprigio Ribeiro de Oliveira.

Conselho: Excmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano, Excmo. SR. General Christovão Barcellos. Excmo. Sr. Major José Coelho de Araujo, Excmo. Sr. DR. Aprigio Ribeiro de oliveira, Excmo. Sr. Dr. José Procopio Teixeira, Excmo. SR. Dr. João Nogueira Penido , Excmo. Sr. Dr. João Nogueira Penido, Excmo. Sr. Dr. João Ribeiro Villaça, Excmo. Sr. Dr. Enéas Mascaranhas, Excmo. Sr. Dr. João Tostes, Excmo. Sr. Dr. Antonio Augusto Teixeira, Excmo. Sr. Dr. José Baptista de Oliveira, Excmo. Sr. Dr. João Nunes Lima, Excmo. Sr. Dr. Frederico Alvares de Assis, Excmo. Sr. Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, Excmo. Sr. Dr. João Nunes Lima, Excmo. Sr. Dr. Frederico Alvares de Assis, Excmo. Sr. Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, Excmo. Sr. Dr. Josué Lage Filho, Excmo. Sr. Prof. Henrique Hargreaves, Excmo. Prof. Lindolfo Gomes, Excmo. Sr. Dr. João Bernadino Alves, Excmo. Sr. Francisco Azarias Vilela, Excmo. Sr. José Augusto Alves, Excmo. Sr. Arnulfo Nascimento.

Muitos outros excmos. srs receberão importantes incumbências: Também as excmas. Sras. e senhoritas. Também os moços, as crianças e criancinhas. Todas as classes e posições sociais, em todas as paróquias organizar-se-ão, em tempo oportuno, atividades sob a benevolência e apoio dos Revmos. Srs. Párcos.

+Ano XV, 29/06/1940, n° 740, página 04

Pela construção de nossa Catedral

No centenário de nossa 'Juiz de fora' haverá sem duvida a proclamação viva de suas grandezas. Grandezas justificadamente louváveis. Haverá também acareações, involuntárias talvez, entre os diversos progressos realizados á porfia de seus laboriosos filhos. Canto. Louvor. Admiração. Tudo se justificará diante das inconcussas provas dos fatos. E quando chegar a vez de considerar a VIDA CATOLICA de Juiz de Fora no correr dos 100 anos que se passaram?! A vida católica interior foi, é e será sempre um santo orgulho de nossas colendas Familias. Idem quanto á vida católica de caridade. Si alguém ousasse desmenti isso eu chamaria a examinar de perto as realidades. Criei-me aqui. Deste pequenino, batido por circunstâncias que Deus, nosso Senhor, sabe quais foram e quais são, acostumei me á pratica da "logica viva", i. é.; á pratica de desenvolver meu espirito pelo contato dele com a VERDADE . Conheço grande porção de almas elevadas, simples e escondidas: humildemente escondidas, sob o veo discreto de um evangélico anonimato Graças ao Bom Deus! E porque sou daqui, e porque conheço a terra, terra boa, em que vivo é que me animo a gaguejar a meus irmãos, pais mães venerandos, é que me animo a gaguejar – lhes sobre a possibilidade e urgência de construir nossa CATEDRAL . Nosso centenário, teremos nossa catedral, LITURGICAMENTE APARELHADA, ao lado dos majestosos edificios que se multiplicam com arte. Teremos uma catedral a proclamar aos séculos, numa lição viva de fé e amor ao Bom Deus, nossa religiosidade operante em tudo.

+Ano XV, 06/07/1940, n° 741, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Com relação á morte do Excmo. Sr. Mons. Dr. Domicio de Paula Nardy, a comissão Diocesana pro catedral coloca-se em humilde silencio de resignação cristã. A gente se preocupa com um rôl de questões e questiúnculas. Muitas louváveis, dignas sem valimento ou

de valor muito pequeno. Poderia, para falar com provas reais, citar alguns exemplos. Isso faria em outra ocasião, si fosse necessário. Não deve provocar susceptibilidades. Ao jornal não venho para isso. Se um irmão se susceptibiliza, saiba ele que o caso se dá fortuitamente. Escrevo a todos os leitores de O LAMPADARIO em completa e sincera impessoalidade. Por meio deste pequeno cantinho de nossa gazeta, desejo colaborar despretenciosamente no alarme de uma ‘revolução cristã’ (revolução - voltar ás origens cristãs). O mesmo ideal que mantendo em minha ‘cartas’. Nesse ideal, á medida que jornadeio minhas ideias se simplificam e se fortificam. Louvado seja Deus, não ando á procura da verdade e desejo espalha-la. Voltar as origens cristãs!.. voltar aos primeiros tempos pela participação direta dos Fieis no ‘Misterio’ da igreja. Explico – me: que a igreja seja, como realmente deve ser, a reunião de todos os fieis. Reunião de corpo e de alma. Reunião quanto as verdades professadas. Reunião quanto á vida pratica. Reunião quanto á *vida litúrgica*, pela qual todos os fieis se agrupem em derredor do altar eucarístico. Altar, único ponto de contato entre Deus os homens, entre os homens e Deus. Falar assim, a muitos parece fantasia. A mentalidade cristã de muitos está asfixiada por ideias extravagantes. Ideias sem razão. Ideias sem bom senso. A muitos cristãos a gente precisa falar sobre o Cristo Jesus como falaria a qualquer pagão.

Benévolo leitor, falamos da reunião litúrgica dos fieis... como conseguir isso nos dias de festa? Quanto o *Pontífice, Pastor, Cristo Jesus continuado*, pontifica numa catedral provisória? Vê-se então o rebanho dividido. Não se realizam as humildes apoteoses de Cristo Jesus: esses argumentos alto falantes *de uma fé vivida. Não temos uma Catedral. Não temos. Precisamos fazer. Não podemos passar ao amanhã a provisória que ai está. Ficar durante bom numero de anos com essa provisória, e ainda passa-la* ao futuro, seria risível. Nossos sucessores depois de historiar lealmente as condições em que vivemos, nos estigmatizariam com justiça. Falo a bons entendedores. Templo que caiba a todos é irrealizável. Trata-se de um templo que caiba muita gente.

+Ano XV, 13/07/1940, n° 742, página 04

Pela construção de nossa Catedral

E cousa sabida que a velhice não se marca pelos anos, sim pelas disposições da alma. Há muitos velhinhos – moços. Há muitos moços – envelhecidos. “Juiz de Fóra”. Aos cem anos (!) de idade, quer provar com fatos o vigor de suas disposições da alma. Provará que não é velha. Ao contrario, moça em completa e robusta vitalidade “Juiz de Fora” idealiza progressos e sabe o que deve realizar ainda. Não se embevece com o que possui. Sabe que muito lhe falta e muito quer fazer. Assim, reconhece a necessidade premente de uma CATEDRAL. E não fica a lamuriar... Dispõe de recursos de devidamente ORGANIZADOS lhe permitem caminhar sempre “Juiz de Fora” nunca pretextou mingua diante de realizações necessárias. Caminha sempre empregando bem seus próprios recursos. Essa “Juiz de Fora” assim moça forte. Dará de ombros, quanto a construção de sua CATEDRAL? Não. Seria injúria admitir tal possibilidade. Também nessa realização, “Juiz de Fora” será “Juiz de Fora”. Não consentira que alguém desminta a generosidade com que sempre acolhe os nobres empreendimentos. “Juiz de Fora” é a semelhança destas grandes almas que não poupam sacrifícios em favor do próximo. “Juiz de Fora” se elevava com a ideia de sua futura CATEDRAL. Essa ideia num futuro próximo será plenamente concretizada. Não se duvida que haverá canseiras. Desfalecimentos. Para alguns: noites mal dormidas. Machucados. Mãos calosas. Vestes empoeiradas. Jornadeios compridos, estafantes, ingratos. Sim... e uma persistência cristã a tudo responderá.

+Ano XV, 20/07/1940, nº 743, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Em 8 d. as 14hrs., no salão nobre da catedral provisória reuniu-se pela primeira vez a Comissão Diocesana pró-Catedral. Referente a reunião o secretariado registrou a seguinte crônica – ‘Estiveram presentes: Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano D. Justino José de

Sant'Anna, Exmo. Sr. General José Christovão Barcelos, Exmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano – d. d. Prefeito Exmo. Sr. Major José Coelho de Araujo – d. d. Comandante da Policia, Exmo. Sr. Aprigio Ribeiro de Oliveira – d. d. Tesoureiro da Comissão Sr. Dr. João Nogueira Penido. Exmo. José Procopio Teixeira, Exmo. Sr. Dr. Luiz Fossati. Exmo. Sr. Dr. José Baptista de Oliveira, Exmo. Sr. Dr. João Bernardino Alves. Exmo. Sr. Dr. Antônio Augusto Teixeira, Exmo. Sr. Dr. Josué Lage Filho, Exmo. Sr. Prof. Lindolfo Gomes, Revmo. Sr. Pe. Rui Nunes Vale. Justificaram sua ausência: Exmo. Prof. Hangreaves, Exmo. Sr. Dr. Aprigio de Ribeiro de Oliveira e Exmo. Sr. Dr. Eneas Mascarenhas. Os outros membros da Comissão, todas foram convidadas, mas, não estiveram presentes. Trocaram-se ponderadas reflexões sobre a construção de nossa catedral, sobre o local trançando-se as linhas gerais de um estudo fundamental sobre o estilo a ser adotado. Dr. Luiz Fossati, o arquiteto convidado proclamou com inteira sensibilidade artística, a convicção ardente de apresentar um anti-projeto bem digno, considerando todas as circunstâncias necessárias. Olhou-se lealmente, o lado econômico do grande problema, ficando recalçada a necessidade de uma organização esclarecida. Há oportunamente apresentação de resoluções praticas e eficazes. Dr. Josué Lage Filho ofereceu-se galhardamente para estudar a natureza do terreno apresentado para a construção. O Secretariado ficou encarregado de passar ao Dr. Fossati os memorandos que observará na elaboração do anti-projeto.

Graças ao bom Deus! Sem vaidade confidencia-lhe, benévolo leitor, o seguinte: minhas aspirações primeiras – coloquei-as no meu genuflexório. Minhas primeiras aspirações, ganhas no convívio cristão, integro com o amigo, pai, confidente, sincero que é Exmo. e Revmo. Sr. Bispo. Peço ao Bom Deus para me conservar nesse procedimento. Minhas lidas, minúsculas, passaram primeiro pelo genuflexório cotidiano, sempre mantido numa profunda submissão ao Bom Deus, a Quem toda honra e gloria.

Pela construção de nossa Catedral

“Juiz de Fora” é a mãe equitativa. Por isso quer responder dignamente a insistente exprobação de um de seus filhinhos, de um e de muitos. Insistente e aparentemente desrespeitosa. “Juiz de Fora” quer responder. Significa “Juiz de Fora” responde com o silêncio ativo de preparações sinceras. Silêncio realizador e produtivo assim como o silêncio das águas nos grandes reservatórios, que, saindo de sua concentração, desenvolvem energias prodigiosas produzindo força, produzindo luz. Temos uma catedral: força corporificada.

Teremos uma *Catedral*: luz materializada. Teremos uma *Catedral* enorme, possante, esplendorosa. Teremos uma *Catedral*: símbolo dos corações e inteligências, juiz-forana. Teremos uma *Catedral*: fato eminente na história da cidade. Teremos uma *Catedral*: marco indelével do centenário de “Juiz de Fora”. Não estou fazendo hipóteses. Brincando com palavras. Jogando frases. Nem admitindo utopias. Não. Estou lidando com dados reais que me permitem essas conclusões. Conclusões em que prelibo o enlevo de nossa futura Catedral, *liturgicamente aparelhada*. De um bom começo depende muita coisa. Não haja lugar para se dizer mais tarde; si nós soubesse- nos!!!... Haja estudos rigorosamente meticolosas. As mínimas coisas sejam seriamente examinadas. A construção seja tão perfeita quanto possível a trabalho humano. Prevejo o orgulho de “Juiz de Fora” ao inaugurar sua Catedral. Então, será dito: orgulho razoável porque grande coisa se fez. Realizou-se um trabalho que merece, sem favores, os encomios dos séculos.

+Ano XV, 03/08/1940, nº 745, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nossa “Juiz de Fora” repete, sem querer, um drama evangélico. O drama, a passagem do Centurião a dizer ao Mestre Jesus: Senhor, minha casa não é digna... .. _ Nosso Senhor Jesus vai igualmente á

choupana do pobre como ao palácio do rico. Mora com o pobre. Mora com o rico. Sempre o Amigo, sempre Deus, sempre o mesmo para todos. E' verdade, e verdade destas que ocultam uma profunda lição pratica... ..

Mas, "Juiz de Fora", repetindo, sem querer, a passagem referida, não se justifica. Justificar-se ia se tivesse somente a choupana do pobre. Ao contrario, num continua afan de progresso e de beleza, possui palácios e mais palacetes, nos quais recebe nossos chefes, nos quais abriga a muitos dos nossos irmãos materialmente mais afortunados. "Juiz de Fora", que é assim, não pode repetir inocentemente o drama mencionado. Não pode. Seria rízivel. Dar-se ia isto: a nossos chefes e irmãos materialmente mais afortunados receberia e agasalharia em palácios, - e a nosso *Chefe Supremo, a casa provisória*.

Deus, nosso Senhor, possui aqui muitos templos, muitas casas. Esta bem, Mas, não possui seu *palácio*, sua *Catedral*. Deus, Nosso Senhor, aqui em Juiz de Fora esta em condições materialmente inferiores as daquelas que possuem palácios residências e muitas casas de aluguel. Deus, Nosso Senhor esta pacientemente com sua *casa provisória*... esperando calmo, o curso normal das cousas, que ele próprio permite seja dirigido acidentalmente pelas cousas segundas. Esta com sua *casa provisória*. Casa que já sofreu provavelmente diversos concertos. Casa á maneira de vestido remendado. Falo a bons entendedores. Para o Bom Deus, ser digna nenhuma casa é. Trata-se de uma construção menos indigna. Construção de que é capaz "Juiz de Fora" sempre cativa de altos sentimentos.

+Ano XV, 10/08/1940, n° 746, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A família católica da Diocese de Juiz de Fora, com uma só alma com o mesmo ideal e entusiasmo, construirá a Catedral desejada. Essa Família, unida em Cristo Jesus, conservará religiosamente essa união. Sabe que a Catedral será para todos, tendo um proprietário único: Deus, nosso Senhor. Deseja manter e aumentar entre seus mem-

bros a cooperação necessária para um trabalho tão importante. Essa Família se enleva com o pensamento de que a Catedral será dedicada a Deus, Nosso Senhor, na glorificação mediata de Santo Antônio.

Na Construção de um edifício, observam-se, sob pena de ruína, as leis referentes às proporções, às residências, etc. Observando-se sob pena de lastimável engano, as qualidades de todos os materiais a serem empregados *Sacrificam-se* detalhes em relação *ao todo*. Acrescentam-se detalhes em benefício do efeito total desejado. - Cousas semelhantes se operam em nós, filhos da *Família católica* da Diocese juiz-forana. Somos o “tempo vivo de Deus”. Um “tempo vivo” a construir um tempo material.

Nós, com a lembrança eficaz destas responsabilidades, manteremos *em ordem* nosso «tempo vivo»... e o tempo as ser construindo será a reprodução material do que se passa em nós.

A *doutrina* pela qual sabemos com certeza sermos “tempo vivo de Deus” - é *mãe* também do ideal que nos leva a construir nossa *Catedral*. A doutrina do “templo vivo de Deus” – insiste profundamente sobre a caridade fraterna. E’ doutrina revelada, E’ doutrina de Deus.

Nossa Catedral será construída *crístamente*. A *Família católica* Diocese Juiz-forana é e será antes de tudo - *crístã* e crístã em tudo e sempre sempre.

+Ano XV, 17/08/1940, n° 747, página 04

Pela construção de nossa Catedral

“Juiz de fora” multiplica trabalhosamente seus muitos meios de recreação. Divertimentos muitos. Poderia citar fatos. Quais todos razoáveis e em ocasiões também razoáveis. Não os critico. No convívio íntimo de hoje, convido meu irmão leitor á esta reflexão que é recrear?.....

Recrear, a própria palavra indica, é criar de novo. Relativamente ao homem a recreação física: revigoração, etc; há a recreação espiritual: desenvolvimento mortal, aperfeiçoamento, etc.. Esses fatos são recreações novas no sentido vulgar palavra criação. Esse sentido é que

estou adotando agora.

Quando as recreações espirituais ha tempo especialmente proprios. Entre outros destaco o tempo das grandes concentrações católicas. Todos revirados pela mesma Fé. Todos vigorados pelos mesmos principios. Todos formando um só coração e uma só alma. Todos sob a mesma cobertura de majestoso tempo, quando se operam as solenes cerimonia pontificais do pastor-chefe. Templo que acaba a todos é irrealisavel. Trata-se de um templo que caiba muita gente.

Essa *ação comum* de milhares de fies constitui verdadeiramente um tempo de *recreações* espirituais. Falem nisso os que se reúnem-se com compreensão. Ainda estamos privados dessa *ação comum* pelo fato de não possuirmos nosso *grande templo*. Grande, semelhante ás almas Juiz-foranas. Essa lacuna não pode ser por muito proclamada. “Juiz de Fora” não suportará, indiferente, esta repetida recriminação. Daqui a pouco haverá o desejado começo do grande empreendimento.

+Ano XV, 24/08/1940, nº 748, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O Secretariado Com Dioc. pró-Catedral enviou ao Dr. Luiz Fossati, arquiteto convidado á elaboração da planta, os seguintes memorandos gerais para o anti projeto Uma conjectura: Cripta- Matriz-Catedral, superpostas, linhas goticas Cripta: simples, disposições para panteão. Matriz: Simples, estilo interno diferente do estilo da Catedral, batisterio ao lado esquerdo de quem entra seis altares laterais - 3 de cada lado, coro pulpito do lado esquerdo de quem entra, sacristias- {de cada lado espaçosas e sem escadas, para trás das sacristias- 4 salões- sendo 3 de tamanho regular e 1 grande, havendo por cima um terraço de acesso para a Catedral. Catedral: simplicidade majestosa, no fim da nave direita - capela do Santíssimo, no fim da nave esquerda - sacristia episcopal, pulpitos - 1 de cada lado, capela muita espaçosa, linhas goticas cripta: simples disposição para panelão. Catedral: simplicidade majestosa, seis alteres laterais - 3 de cada lado, coro, batisterio do lado esquerdo de quem entra, pulpilos.. 1 de cada lado no fim da

nave direita - capela do santíssimo, no fim da nave esquerda - sacristia muito espaço e sem escadas, para trás da capela do Santíssimo e da sacristia.. 4 salões muito 3 de tamanho regular e , grande , capela muito espaço.

Sustenta-se, com clarividência, o opinião pró segundo conjectura.

Dr. Josué Lage filho, com distinguida galhardia esclarecido e fundamento entusiasmo, fez que chegasse ao Dr. Fossati o exame da consistência do terreno, o qual exame acusa condições ótimas. Ao Dr. Fossati, em breve enviar-se á também o levantamento topôgrafico do local.

Dominus custodiat introitum.. Deus, Nosso Senhor, guarde o começo.

+Ano XV, 31/08/1940, n° 749, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Uma única IDÊA: fundamente abstraída, conservada, alimentada, plenamente VIVIDA, é o bastante para levar alguém ao heroísmo, a um autentico heroísmo. Isso é coisa absolutamente certa. E disso uma sequencia se impõe: quanto mais nos simplificamos - mais nos fortalecemos

Eu vivo ao lado de alguém cuja perfeição já chegou a esse ponto. E eu não sabia de uns dias pra cá é que estou percebendo. Até agora, D. Justino não me parecia com essa qualidade. Eu não enxergava, não considerava devidamente a importancia de certas atitudes de S. Excia. Agora vejo Graças a Deus

Plenamente conscio da responsabilidade episcopal, sabedor de que é “episcopus”, realiza seguramente a missão histórica que a Providencia Divina lhe confiou. Missão rodeada de circunstancias muitas e diversas. Circunstancias nem sempre boas e desejáveis

Calmo e seguro, tranquilo e energico, D. Justino tem dito: penso na construção de nossa Catedral.

E eu pego a pensar nesta frase... no tom com que é falado...

nos condições em que é falado.... é devo tirar a condição seguinte: D. Justino possui a IDÉA da nova CATEDRAL.. nova não... possui a IDÉA da CATEDRAL (porque não temos nenhuma). Possui a IDÉA, ideia dessas de que lhe falo no começo desse convivo, benevolo leitor.

A CATEDRAL em IDÉA será CATEDRAL em FATO, não duvido. Não duvido da existência do fato como não duvido da ideia a do idealizador.

Haja boa vontade. Compreensão. Religiosa, cristã coadjuvação. O PASTOR seja devidamente acompanhado. As ovelhas rabugentas, derrotadoras espalhadoras de cizanias etc, reconheçam a indignidade, a hediondez de seus atos. Reconheçam e se corrijam, graças serão dadas no Bom Deus, Ou ponham-se e sejam postas ao lado .. caminho é para quem quer andar e anda galhardamente . Não haja tranbôlhos.

+Ano XV, 07/09/1940, n° 750, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A tradição eclesiastica emprega na construção de “casa de Deus” qual maior qual menor esplendor de ARTE que, inspira remotamente nas grandes verdades dogmaticas chama-se ARTE CRISTÃ. Nessa, quando criteriosamente olhado sobreleva-se o estilo gotico. Porque nossa CATEDRAL contruir-se-à em linhas goticas, proponho-me transcrever nesta coluna os pensamentos que os entendidos proclamam sobre esse estilo.

Por hoje, lembremo-nos somente da solicitude com quem a Santa Igreja sempre acolheu e acolhe tudo de bom e belo que a inteligência humana engendra. Acolhe maternalmente. E mamãe, vóvo ou bisavó de qualquer sentimento elevado que leva um verdadeiro artista a execução de uma verdadeira obra de arte.

Nas atividades humanas, nas atividades no universo, as realizações do bom e do belo foram, são e serão impreterivelmente um produto de religiosidade cociente e inconsciente. Da religião verdadeira - a arte verdadeira. Das religiões falsificadas, caricaturas verdadeiras - as artes falsificadas, caricaturas.

Da Igreja é título de glória também o zelo com que rodeia os MONUMENTOS espalhados pelo orbe católico. De há muito estabeleceu regulamentações prudentes e eficazes. De quando em quando no marulhar de homens – cousas-fatos, marulhar provocado pelos próprios homens impiedosamente, a ameaça de tudo desaparecer, a Igreja conserva - com carinho seu patrimônio do bom e do belo. Tudo de bom e de belo que possa legar maternalmente a posterioridade. Aos posteros que distraídos e ingratos, a gargalhada e ao chiste, a injúria-morie praga, tentam extinguir o sol de amor que a Mãe os guia, defende, vivifica.

+Ano XV, 14/09/1940, n.º 751, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Em tudo sempre houve – há - haverá multiplicidade de gastos, daí a variedade de estilos. No Ocidente, encontramos três principais estilos: o Romano, o Gótico, o da Renascença.

Pelo nosso último convívio, benévolo leitor, lembremos de que nos convém ler alguma coisa sobre estilo gótico.

“No estilo gótico tudo respira concentração e recolhimento. O interior semi-escuro parece repetir “Oportet semper orare”. Do Mestre, enquanto suas torres esguias e arcos ogivais lembram um “Sursum Corda” as almas cristãs. No princípio dominava tanto esta característica que foi denominado estilo gótico lanceolado, porque as ogivas eram tão esguias que se assemelhavam a ponto de uma lança. Existe também o estilo gótico “Chamejante” em que as rendas de pedra pareciam imitar chamas em movimento, para lembrar ao cristão em sublime simbolismo que sua alma deve ser uma fornalha ardente de amor. Exatamente para conseguir esta imitação, este estilo está cheio de circunvoluções aplicadas, especialmente nos caxilhos das janelas”.

Lembra-se que as torres são de grande importância, “Os edifícios que elas dominam são a ECCLESIA OPERANS, elas mesmas são a ECCLESIA ORANS”. Por isso proclamam aos viajores desconhecidos a verdadeira liturgia de uma terra. Ainda quando emergissem dum

mar de incredulidade e ódios, em solene imperturbável simplicidade salmodiaríamos eviternamente “Bendizeis ao Senhor todas obras do Senhor”.

Benevolos leitores, tardara a ocasião de trabalhos efetivamente pela construção de nossa CATEDRAL. E o faremos com sincera liturgia de inteligência e coração.

+Ano XV, 21/09/1940, nº 752, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O Secretario Com. Dioc. pró-Cat. Permite seja publicado o documento seguinte, á maneira crônica do que se dá nestas operações pró-Catedral. “Juiz de fora, 9 de setembro de 1940. Exmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano – D. D. Prefeito Municipal de Juiz de Fora. Excelentíssimo Senhor Prefeito – è com o mas vivo reconhecimento que venho agradecer a V. Excia. o inestimavel serviço que V. Excia. Acaba de prestar a esta Diocese mandando confeccionar a planta ao levantamento planimétrico e altímetro que a seção cargo do competente engenheiro Dr. Paulo Corrêa e Castro executou, para poder ser feito e estudo e o consequente projeto de construção do futuro Catedral de Juiz de Fora por parte do arquiteto Fossati, a quem vamos encaminhar a planta ora recebida. Com os meus agradecimento retiro a V. Excia, Senhor Prefeito, os protestos da minha particular amizade, alto apreço e distinta consideração. D. Justino, Bispo de Juiz de Fora”

- Nossa Catedral construir-se á em LINHAS góticas (?...)

Essa afirmativa suscitou uma vigorosa objeção. Esse estilo corresponderá plenamente á nossa realidade, á realidade brasileira?!.. Entre nós, uma civilização correspondente?!...

Essa objeção ainda não foi respondida. È sincera, é leal, é sem um estudo para isso necessário. Pela A resposta, parece-me insinuada Catedral... LINHAS goticas, não em gótico absolutamente caracterizado.

A oportunidade me permite dizer que a Comissão Diocesana pró Catedral aceita, sinceramente grata, avisos em ordem a melhores

orientações. E, principalmente agora no começo, isso é de um valor enorme. A planta que está se elaborando será minuciosamente estudada; uma comissão organizar-se-á para isso; não há o menor compromisso entre nossa Autoridade e o arquiteto convidado. A primeira planta não agradando aos que a examinarem criteriosamente será rejeitada. O arquiteto convidado não agradando será justificadamente substituído Também nosso não há motivo para suspeita ou duvida.

+Ano XV, 28/09/1940, n° 753, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Também nessa atividade há e haverá Contradições entre dois grupos.

Um grupo: não VEJO a necessidade de uma Catedral. E esse grupo é sincero consigo próprio age por convicções, Deste não tenho medo porque é sincero e no momento que enxergar a VERDADE – abraça-la lealmente.

Outro grupo: zomba, achincalha, fala, o torto e a direita, sem considerar, porque fala e para que fala, É um grupo formado pelos despreocupados, deslocados, negligentes, derrotadores, fantasistas, etc... os que agem somente por cogitações humanas e mesquinhas, os que se alimentam de picuinhas quotidianas, os que vegetam absolutamente alheios a qualquer ideia da vida e a qualquer noção de personalidade. Esses, em regra comum são incorrigíveis deles sempre houve e haverá na humanidade de todos os tempos. São o peso morto das ordens sociais. Si dependessem deles as ordens sociais seriam grupos desordeiros. Não têm o mínimo idealismo. São espíritos derramados nas bagatelas nos nadas de cada dia. São forças perdidas, Constituem uma espécie de tributo injustificadamente pago a morte. Para eles a VIDA é apenas um punhado de agitações. Um punhado de anos e dias enchendo uma existência oca e desorientada. Uma existência perdida na mediocridade dos fatos, discursos, cousas e acontecimentos. Uma existência sem verdade. Uma existência sem luz.

Ah! Si eles quisessem compreender que a VIDA è uma FOR-

ÇA intima presidindo o desabrolho se nossos atos e a evolução de nos-
so ser moral; FORÇA intima que preside o desenvolvimento do nosso
ser físico; FORÇA intima presidindo a evolução do nosso sobrenatural
cuja ordem – crescimento e governo são GRAÇA DIVINA median-
te nossa COOPERAÇÃO. Se eles quisessem compreender, que bom!
Que alegria! Que consolo!... o plano de Deus realizar-se-ia também
para eles.

+Ano XV, 05/10/1940, n° 754, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Em terceira publicação, a 25-VI-40, lembrei uma dificuldade
que merecia atenção. Houve o devido critério e tudo esta se resolen-
do justificadamente, sem partidarismos, particularismos ou vazios e
desorganizados sentimentos. Que bom!

Também na data supra-mencionada publicou-se o estabeleci-
mento da Comissão Diocesana pró-Catedral. A lembrar repete-se.

PRESIDENCIA: Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano

VICE PRESIDENCIA: Exmo. Mons. Vigário Geral.

SECRETARIADO: Revmo. Sr. Secretario do Bispado.

TESOUREIRO: Exmo. Sr. Aprígio Ribeiro de Oliveira

CONSELHO: Exmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano. Exmo. Sr. General
José Cristovão Barcellos. EXMO. Sr. Major José Coelho de Araujo,
Exmo Sr. Dr. Aprígio Ribeiro de Oliveira, Exmo. Sr. Dr. José Proco-
pio Teixeira, Exmo. Sr. Dr. João Nogueira Penido, Exmo. Sr. Dr. João
Ribeiro Villaça, Exmo. Sr. Dr. Enéas Mascarenhas, Exmo. João Tos-
tes. Exmo. Sr. Dr. Antônio Augusto Teixeira, Sr. Dr. José Baptista de
Oliveira, Exmo. Sr. Dr. João Nunes Lima. Exmo. Sr. Dr. Frederico Al-
vares de Assis, Exmo. Sr. Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, Exmo. Sr.
Dr. Josué Lage Filho, Exmo. Sr. Prof. Henrique Hargreaves, Exmo. Sr.
PROF. Lindolfo Gomes, Exmo. Sr. Dr. João Bernardino Alves, Exmo
Sr. Francisco Azarias Villel, Exmo. Sr. José Augusto Alves, Exmo. Sr.
Arnulfo Nascimento.

A lembrar repete-se também, em profundo sentimento de ir-

mandade e colaboração em Cristo Jesus, repete-se, com real convicção o seguinte: Muitos outros excelentíssimos senhores receberão importantes incumbências. Também as excelentíssimas senhoras e senhoritas. Também os moços, crianças e criancinhas. Todas as ordens sociais. Com essa lembrança repetida, antecipo uma conclamação de todos os irmãos em Cristo Jesus. Trata-se de uma empresa comum a todos, em que todos farão seu papel por mínimo que seja. E o farão com sinceridade litúrgica de inteligência e vontade.

Cumprindo o desejo e determinação do falecido Theodorico de Assis, D. Emerenciana Alvares de Assis passou as mãos do Sr. Bispo em cheque de cinco contos para a Catedral. S. Excia. Dispoz fosse considerado pró futura Catedral e entregou ao Sr. Tesoureiro que inicia então um movimento no Banco Credito Real. Ao Sr. Tesoureiro, absolutamente autorizado, dirija-se todo qualquer donativo. Para colher as esmolas, brevemente organizar-se á uma operação já pensada e amadurecida. Tudo a luz da FÉ, no poder de ORAÇÃO, com a operosidade do ESFORÇO HUMANO nisso baseado.

Ao falecido Theodorico de Assis religioso reconhecimento e gratidão.

+Ano XV, 12/10/1940, n° 755, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Tudo a luz da fé, na força da oração, com a operosidade do esforço humano nisso baseado. Sob esse pensamento estabelecer-se-á toda ação pró Catedral. Esse não é um pensamento retalhado. Não é uma imaginação vazia. Não é um sentimento desordenado. É uma convicção.

Em tudo que se faz o homem age por causa de um fim, em busca de alguma cousa. E agindo ou bem ou mal o homem age acética e misticamente. Tem uma acética e mística boa ou má. Agindo bem ou mal age aceticamente, isto é, emprega ordenadamente para o bem ou para o mal os recursos naturais que possui. Recursos naturais, quero

dizer, recursos físicos e espirituais. Agindo bem ou mal age misticamente, isso é, age elevado por uma contemplação boa ou má, uma contemplação ordenada ou desordenada. Contemplação, quero dizer, o estado de uma pessoa satisfeita com aquilo que esta vendo ou considerando.

Dessas considerações podemos tirar lealmente benévolo leitor, esta conclusão: também os trabalhos pró Catedral reclamam uma acética e uma mística. Uma acética e mística bem dirigidas. Uma acética e mística de homem integro. De homem completo. Quero dizer: uma acética e mística em que a Razão põe e a Fé ordena, em que a Razão fala e a Fé exige.

+Ano XV, 19/10/1940, n° 756, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A AÇÃO pró-Catedral será essencialmente social. Será *organizada* em um feitio que permita- procure- espere- receba o trabalho de todos. Assim, porque, nos cristãos, somos uma *comunidade* (como uma- unidade). Isso a alguns parece talvez utopia. E que nossos olhos se gastam no mundo das aparências, tornando-se impotentes à visão de cousas superiores. Nos cristãos, muito precisamos de *conversão* para nos próprios para Deus. Vivemos fora de nos próprios, e, conseqüentemente, afastamos de Deus. Também nós cristãos estamos contagiados pela fascinação das bagatelas e pela mania de grandezas aparentes ilusórias. O homem é verdadeiramente homem, integro, completo, quando se coloca e se mantém no seu lugar. Quando vê e sente-se e vive pequeno de ante de Deus. Queira ou não queira, o homem é quasi nada diante de Deus. Assim reconhecendo, e vivendo conseqüentemente, - encontra a sua real grandeza, real e eterna. Não reconhecendo - fica no limite pegado ao nada.

Como estava dizendo, a AÇÃO desejada será essencialmente social. E' comum a gente ouvir: fulano é o grande heroi e desta realização. Concordo em parte. Não abafemos com essa linguagem as muitas cooperações que ele encontrou. Muitas, ás vezes ocultas e

silenciosas. Muitas, pequeninas e humildes, produzindo um resultado admirável. Vendo as cousas com clareza, o fulano é um operário, é um funcionário que dispõe com jeito a *organização* dos recursos procurados - esperados - recebidos. Vendo as cousas com clareza, a gloria de muitas realizações nunca pode se atribuída a uma pessoa. E' de muitos que reunidos organicamente formam uma comunidade.

+Ano XV, 26/10/1940, n° 757, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Agradeço religiosamente ao bondoso prof. Lindolfo Gomes as delicadas considerações que há dias publicou em sua "Notula". Ao nosso bondoso Professor toda a comissão Diocesana pró Catedral agradece.

A doação de dez contos, feita a Catedral pelo Coronel Alfredo Bastos, foi considerada pró Catedral futura e entregue ao Sr. Tesoureiro.

Já tive ocasiões de insistir sobre isto: nossa Catedral *liturgicamente aparelhada* é uma Catedral – casa de oração, e não uma Catedral – casa de espetáculos religiosos com dramatizações menos ou mais teatrais. Casa de oração, isto é, lugar em que os fieis estabelecem em comunidade – seu comercio intimo e eterno com Deus, Nosso Senhor.

Aparelhagem de uma igreja e tudo aquilo que se coloca e dispõe externa e internamente para qualquer utilidade. A aparelhagem de uma igreja é ou não litúrgica. Os cânones eclesiásticos sabiamente estabelecidos prescrevem seja litúrgica. Entretanto, por mau gasto de gerações, trabalhadas por fantasias e sentimentalismo desorganizados, temos nos afastado muito e muito da simplicidade litúrgica. A diferença entre a aparelhagem litúrgica e a não litúrgica é a seguinte: A *litúrgica* chama os sentidos para leva-los a *oração*. A *não* litúrgica prende os sentidos na *distração*.

Procuo em tudo a lei - a verdade - a vida. Os que me lêem ou fazem o mesmo ou me achincalham. Para ambos os grupos rezo: que

a graça divina esteja com eles aqueles para afervora-los, estes para reconduzi-los.

+Ano XV, 02/11/1940, n° 758, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A qualquer pessoa, desejosa de cultivar o *bom senso*, o silencio é absolutamente necessário. Por silencio não se entenda um motivo sem pé nem cabeça. Silencio é arte de falar bem, isto é, a arte de falar quando convém. A pratica leal dessa arte destrói muitas dificuldades. Também este movimento pró Catedral quanta conversa tem sofrido?! Tudo devidamente examinado e compreendido, fica tão longe das apreciações fabricadas ao sabor das impressões menos ou mais tendenciosas!.. Pobre de nós! Temos *razão*, *bom senso*, mas, não fazemos uso dele. Longe de mim me irritar contra quem quer que seja, mas, sinto a deslealdade. Sinto a incompreensão, experimentando-a até suas ultimas consequências, a sós, num interior sinceramente resignado, graças a Bom Deus! Resignado e humilde, em contato com a lama humana, esforçando-me sempre para manter puras minhas intenções e retidão nos atos.

+Ano XV, 09/11/1940, n° 759, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Enquanto esperamos o projeto e planta de nossa Catedral, alimentemos, benévolo leitor, nosso pensamento nossa mentalidade que é raiz de nossas convicções. E quando a raiz é boa - também o são a arvore e frutos. Nossa Catedral será uma construção ligada às *belas artes*. Par que fossemos hoje sobre o conceito de beleza,

Beleza, em geral e objetivamente considerada, é a propriedade em virtude da qual os seres excitam nossa complacência. *Belo* é todo ser em cuja presença ou contemplação a gente acha repouso e contentamento. “*Pulchra dicuntur quae visa placent*”. A causa principal dessa complacência é a *ordem* e a *proporção*. Ordem e proporção. Ordem

e proporção entre os elementos que constituem a coisa bonita. Ordem e proporção entre a coisa bonita e nossa faculdade cognoscitiva. Sem isso não há contentamento, ao contrário repugnância e inquietação. Donde se infere que a beleza é percebida pelos sentidos internos e externos (imaginação, vista, ouvido) e é *apreciada* pela *razão*. É apreciada pela razão porque só a razão é capaz de alcançar o fundamento da beleza: a ordem. Com isso a gente vê que o nome *Estética*, dado a ciência do belo, é muito improprio. Estética significa: o que pertence aos sentidos. A ciência do belo não se estabelece pelos sentidos, sim pela razão. Por isso a gente deve dizer: *Calologia* ou *Caleologia* ou *Caleotecnica*, nomes que significam: tratado de beleza, ou arte da beleza. O uso vulgar faz que o nome improprio prevaleça até hoje. Também hoje, não estou com pretensões a mestre. Transcrevo, a meu modo, o que ensinam os mestres.

+Ano XV, 16/11/1940, nº 760, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A gente pode estudar a beleza em diversas classes ou espécies segundo as qualidades da coisa bonita que nos agrada. Distinguem-se: artificial ou artística, natural e sobrenatural, física e moral, corporal e espiritual, relativa ou absoluta, real e objetiva ou ideal e subjetiva.

A *beleza artística*, de que desejamos falar, é a propriedade de virtude da qual as obras de arte nos agradam e tranquilizam. A beleza artística é real, física, corpórea. É fundamentada pela proporção e ordem entre aquilo que constitui a coisa de arte bonita é nossa faculdade cognoscitiva.

A regra ou princípio em cuja base a gente julga realmente da beleza artística, existente em uma obra qualquer, chama-se *critério estético*. Há critério a priori e critério *posteriori*; o primeiro resulta do conhecimento exato das leis e condições de beleza; o segundo da contemplação direta da obra bela. De ambos se compõe o *gosto estético* que é a faculdade de perceber a beleza dos seres; e diz-se *gosto artístico* quando essa faculdade aprecia a beleza das obras de arte.

O gosto se astraga e mesmo se deprava pelas falsas ideias e pelos torcidos sentimentos, reinantes na época ou período histórico em a gente vive. A isso contribuem os artísticos, esquecidos de sua missão educadora, quando queimam incenso ao mundo corrompido que os rodeia; conseqüentemente são eles próprios reflexo também dos costumes sociais, porque não são, nem poderiam ser, homens isolados.

A responsabilidade dos artistas é maior do que a responsabilidade dos filósofos. A filosofia é cultivada *por muitos*. A arte é apresentada a todos.

+Ano XV, 23/11/1940, n° 761, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Expendemos o conceito de beleza, as classes de beleza, critério estético, gosto estético e artístico. Consideramos hoje o conceito exato – claro – simples de *arte*. Na vez próxima: o ideal artístico e a fé cristã. *Arte*, (latim: ars, grego: *aro*, adaptar – dispor) em sentido próprio e objetivo, é o conjunto de regras, fundadas na razão, pelas quais o homem faz ou dispõe perfeitamente as cousas exteriores. Definição clássica: pela razão das cousas factíveis.

Pode considerar-se de três modos. Em si mesma, como disciplina humana. Na pessoa que a possui ou cultiva. Na obra exterior realizada. No 1° caso temos a *arte objetiva* i. é., um conjunto de regras que a razão formula, v. g., a Arquitetura, etc... No 2° a *arte subjetiva* i. é., a disposição habitual ou habilidade de alguém adquire para ver, sentir e operar segundo as ditas regras; esse alguém, assim culto, chama-se artista. No 3° caso a *obra de arte* i. é., o pensamento humano adequadamente manifestado na obra realizada.

Com essa explicação, a gente vê a diferença entre artista, artesão e crítico da arte. *Artista* é alguém que sente, idealiza uma obra de arte e possui a habilidade suficiente para realizar. *Artesão* é alguém que possui habilidade para realizar uma obra de arte, mas, não sabe idealizar. *Crítico* é quem possui a ciência da arte e sabe formar juízo exato das obras artísticas.

Com essa explicação, a gente vê que os animais não são artistas, Seus produtos são admiráveis mas, não conhecem as leis e a razão da arte, agem por instinto, por necessidade da natureza; por isso a uniformidade e a carência de progresso observadas nas produções de cada espécie.

+Ano XV, 30/11/1940, n° 762, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Terminamos nosso pequeno estudo da expressão: *belas artes*

Hoje alguns pensamentos, exatos – claros – simples, sobre: o *ideal* artístico e a fé cristã.

Ideal é o tipo ou conceito superior que a gente forma de uma cousa. *Ideal artístico* é isso mesmo em matéria de belas artes. Cada artista, a *seu* modo, concebe e expressa o ideal. E nisso consiste a inspiração ou *gênio artístico* que se define: potencia extraordinária, creadora de originaes obras artísticas. Para o artista *idealizar* é aproximar sua obra exterior do tipo concebido, num esforço de expressar esse tipo com a maior perfeição possível.

Com essa explicação, a gente compreende porque a *fé* cristã trabalha o artista elevando-o divinamente. A *doutrina revelada*, a *revelação divina* eleva nossos conhecimentos a alturas incomensuráveis. Consequentemente produz em os afetos os mais delicados e profundos que *operam vitalmente* em todas as nossas manifestações. A arte cristã esta divinizada pela *revelação* de Verbo assim como, em Cristo Jesus, Homem – Deus, a natureza humana esta divinizada pela *incarnação* do Verbo.

Movidos por essas convicções, muitos artistas falam assim: Nossa *vocação* é, pela graça de Deus, publicar as grandesas da fé as almas que não sabem ler de outro modo. E procedem assim: rezam e comungam verdadeiramente ao iniciar qualquer trabalho. E durante o trabalho se põem em meditação.

+Ano XV, 07/12/1940, n° 763, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Uma Catedral liturgicamente aparelhada é uma escola de filosofia. Uma escola muda onde os fieis em tudo constatarem o reflexo da doutrina fundamente formadora, educadora, dos grandes e verdadeiros caracteres. Escola que nos lembra o infinito, razão suprema de tudo. Escola onde a gente aprecia um ideal crente fixado na construção material. Onde o puro esplendor religioso, moral e artístico, é percebido e realizado. Onde cada um na nulidade de si próprio, prescrita o mistério da imortalidade a que foi criado. Reunida numa Catedral litúrgica, a comunidade cristã de hoje restabelece a beleza de seus primeiros ágapes. Os motivos sobrenaturais que perpetuam a *unidade* dos crentes veem-se cristalizados numa Catedral litúrgica. Por exemplo: um altar sem balaios de flores, com os utensílios litúrgicos liturgicamente preparados, com uma cruz trazendo o monograma XP, nos fala, e muito, do Cristo Jesus, Unidade a que somos incorporados na realização real, viva, de uma comunidade (como-uma unidade) Si uma igreja litúrgica não agrada, a culpa não é da liturgia, corre sim por conta da mentalidade cristã atrapalhada, entupida. Entupida pelas entumescências de sentimentos mundanos. Entumescências que impedem a circulação da seiva de Cristo Jesus. O mal está nisto: essas entumescências são cuidadosamente conservadas como relíquias tradicionais e intangíveis. Sem ousadia posso afirmar: meu irmão! Isso não é relíquia tradicional; ao contrario, é lixo tradicional, absolutamente contrario á verdadeira tradição; voltemos ao desejo eficaz de uma Catedral litúrgica. Catedral, escola de filosofia... da filosofia suprema que nos leva á eternidade numa simplicidade divina.

+Ano XV, 14/12/1940, n° 764, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nossa construção, tal como nós desejamos, será um sacramental juiz-forano. A construção, tal como nós desejamos, evocará ideias

á luz do infinito, á luz do sobrenatural, provando consideração e dispondo os corações á graça divina. A maneira de um sacramental, o espirito de nossa população cristã se imortalizará no musicado silencio de nossa construção liturgicamente aparelhada. Nesse modo dizer há poesia. Poesia verdadeira, porque como a escrita e a palavra, também a ordena construção de uma Catedral proclama a vitalidade cristã de um povo. Nossa Catedral será um ser vivificado: símbolo de fé viva e de amor imperecível. Nossa Catedral afirmara a juventude moral de nosso povo e sua elevação de espirito, estilizados no evangelho de sua construção religiosamente operada. Queremos uma Catedral que seja nosso Magnificat, nosso Alleluia petrificados. Uma Catedral a cuja sombra todos sintam-se bem. Uma Catedral: templo material. Templo material: símbolo perfeito dos templos vivos que somos nós próprios. Símbolo perfeito a lembrar sempre: o caminho, a verdade, a vida que é Cristo Jesus, caminho, verdade, que se relevou para que tenhamos a vida que é Ele próprio A construção assim idealizada e realizada será efetivamente um sacramental juiz-forano.

+Ano XV, 21/12/1940, nº 765, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Queremos uma Catedral: *casa de oração*. Casa onde tudo se conjugue em ordem a lembrar eficazmente oculto que devemos a Deus a aos Santos. Culto vivo e eterno. Casa de dulia, hiperdulia e latria. Não queremos pomposidades teatrais. Queremos pompas, esplendor, liturgicos, que provoquem a celebração vital das cerimoniais santas. Queremos não aparecem os ritos sagrados, que são sinais e sombras, sem as realidades por eles significados. “Non feramus signum sine significato”. Queremos sejam os pormenores e o conjunto de nossa Catedral: reflexos de atitudes internas, e reciprocamente. Favoreçam atitudes internas. Atitudes internas de quem canta coma vida, a Salve Rainha. Atitude interna de quem balbucia vitalmente a Ave Maria. Queremos uma casa de Deus a proclamar com viva seja vivo nosso procedimento cristão. Queremos uma Catedral a nos falar de Deus e

a ensinar nos a falar a Deus. Queremos uma Catedral silencio. Uma catedral: sombra silencio e sombra á maneira daqueles que se estabeleceram em Nazarelh; silencio e sombra velando religiosamente os misterios de Cristo Jesus. Mistérios que se devem celebrar com vida, na vida *pela* vida. Somos vivos da vida de Cristo Jesus. Essa qualidade eterna deve espelhar-se na construção de nossa Catedral.

+Ano XV, 28/12/1940, n° 766, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nessa passagem de ano, faz-se mister uma revelação ás pessoas boa, e são muitas. Aos muitos que nos oferecem o valioso carinho, calor, de seus gestos, suas palavras, vividas. Nosso movimento pró- Catedral está procedendo sob esta convicção: tudo á luz da Fé, na força da oração, com a operosidade esforço humano nisso baseado. Abriu-se o “Livro de ouro dos Benfeitores da futura Catedral de Juiz de Fora” com a subscrição de cinquenta contos, feita pelo Exmo. Dr. José Procopio Teixeira. Por descuido irreparável, o livro traz na capa e em todas as folhas a palavra bem feitor escrita com n. Digo irreparável porque o expediente seria fazer outro, mais, não quis gastar mais cento e cinquenta mil reis por causa de uma letra trocada. Prefiro dar as mãos á palmatoria. Para colher as esmolas, brevemente organizar-se não outras operações já pensadas e amadurecidas. A planta ainda está se elaborando. O Tesoureiro, Sr. Aprigio Ribeiro de Oliveira, muito acima de elogios jornalísticos, esta com *religiosa* boa vontade; é, com seus setenta anos, moço de intensa vitalidade cristã; espera, submisso á Vontade Eterna, ver e decantar a futura Catedral. Tudo corre, louvado seja Deus, muito bem. Outras desejadas atividades ainda não apareceram porque a Comissão Diocesana adota... .. ‘silencio realizador e produtivo , assim como o silencio das aguas nos grandes reservatórios, que, saindo de sua concentração, desenvolvem energias prodigiosas, produzindo força, produzindo luz’.

+Ano XV, 04/01/1941, n° 767, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Queremos nossa Catedral. Não haja ilusão de que eventualidades, essa ou aquela não nos desarmar. Absolutamente não. Podem atrasar a construção. Convenho. Fazer seja relegada. Não Trabalha-se com Deus e para Deus e trabalhar-se-á. E quando um trabalho assim se executa, em nada importam as criaturas, são simplesmente instrumentos. Instrumentos que podem ser mudados, transformados, substituídos. Si a obra é de Deus, realiza independentemente das circunstancias alarmadas pela razão humana. Si não é Deus, os maiores e melhores reursos humanos nada fazem há não ser estardalhaços. Os fatos provam isto a cada momento. Os que não vem e não aceitam a prova real, não veem e não aceitam porque não querem, Sempre houve e haverá os de má vontade, que se gabam de independentes quando estão presos na sua pequena esfera de cogitações humanas. A razão, limitada, pequena, finita, a razão sem fé, não aceita e não pode aceita; o porquê de certos fatos. Também nisso a razão é razoável e leal consigo propria. Não aceita porque não está em condições de aceitar. Somente pela fé chegamos não a compreender, mas, a aceitar sem repugnancia certos porquês. Pretender com discussão, polemica, retorica pavoneada, desfazer prontamente certos raciocínios - seria de mais. A fé é dom, e dom gratuito. Tudo que a gente faça e possa fazer estará para a fé é assim como a terra está para o céu. Nisso a atitude mais e mais digna é a atitude da oração, e essa atitude não é frequente como devia ser. Pior ainda; é muitas vezes caricatura da, e por isso posta a ridículo áqueles que se governam pelo que vêem e não examinam. Queremos nossa Catedral, trabalha-se e trabalha-se-á com Deus e para Deus.

+Ano XV, 11/01/1941, n° 768, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Vivo ocupado com a questão de planta. Na verdade, eu também já alcancei uma desejada altura no modo de compreender as cou-

sas. Graças ao Bom Deus. Altura sofregamente por mim desejada e desejável a todos. Si interrogado, alheio á exhibição, eu responderia: para chegar a essa altura é necessário, antes de tudo, cultivar inteligentemente o bom senso. Vivo ocupado com a capital importância da planta. Causa-me temor o pensamento de que preocupações de *estilo* possam matar a simplicidade e beleza *litúrgicas*, desejadas e sempre desejáveis pelos espíritos de cristianismo *vivido*. Causa-me temor a possibilidade de se construir um museu medieval, estranho a nosso ambiente, a nossa realidade. Deseja-se e seja desejada uma Catedral em linhas góticas, mas, adequadamente colocada em nossos dias, uma Catedral de e para cristãos do século XX. Para longe o futurismo. Queremos uma construção religiosamente moderna. Uma construção que seja o reflexo do evangelho vivido no século XX, e vivido por *nós próprios*. Uma construção a lembrar com eficiência sua finalidade santa e viva. A alguns essas afirmativas parecerão enigmáticas. Com o devido respeito, adianto-lhes abertamente, o enigma não esta no meu modo de falar, sim na ignorância do verdadeiro critério e do bom gosto artístico. O estilo não pode e não deve matar o espirito. A letra seja serviço do espirito. Também o estilo seja a serviço da liturgia. Preferir isso é agir á semelhança de alguém com *exterior* estilizado e *interior* ridiculamente desconchavado.

+Ano XV, 18/01/1941, n° 769, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Tenho escrito muitas vezes: Catedral litúrgica. Reconheço o percuciente pleonasma dessa palavra. Assim tenho escrito repetidas vezes porque também em construção e aparelhamento de igrejas houve e há lamentáveis cochilos. Há uma legislação eclesiástica sabiamente ordenada, mas, de frequente postergada com sutis pretextos. Também nesta matéria há a verdadeira cultura clássica, e o lado em perturbador desconchavo: o pseudo – classicismo. Há também (é serio) ignorância mesmo onde não pode e não deve haver. Nós próprios (deixamos os vizinhos em paz) labutamos em ambiente tal que o pleonasma aludi-

do vigora por necessidade, necessidade bárbara. Necessidade causada pelo sono em que vivemos a liturgia. Sono e sonho. Sono: não a vivemos a plena e *vitalmente*. Sonho: fantasiemos a liturgia. A *liturgia*, (culto eterno a Trindade Santíssima). O homem não pode abandoná-la vez nenhuma. E não abandona, viva bem ou mal, viva dormindo ou acordado. Entretanto, não há negar, vivendo em sons e sonhos, prejudica-se pavorosamente numa vital diminuição de vida. A vida, o valor humano tudo do homem, só é plenificado na *ordem* eterna em honra e glória ao Pai, ao Filho e ao Santo Espírito.

+*Ano XV, 25/01/1941, n° 770, página 04*

Pela construção de nossa Catedral

Elaboremos ideias verdadeiras sobre a palavra: *Arquitetura*. Em geral chama-se Arquitetura: a arte de construir com utilidade e beleza. Em sentido restrito e próprio é: “a arte de imprimir utilidade e beleza nas construções que servem para a morada dos homens”. Desde a antiguidade, a Arquitetura é distinguida com o qualificativo de “regina artium” - rainha das artes. Não é mais perfeita das Artes, entretanto, reúne em si maior importância, chamando em seu auxílio todas as artes: Escultura pintura, etc... Reune em si maior importância realizando um ideal completo. E a obra capital da Arquitetura é o templo católico. E a construção de uma igreja, mais do que qualquer outra, deve presidir o duplo fim de utilidade e beleza. Utilidade na solidez e amplitude do que oferece a comunidade cristã reunida. Beleza na proporção e conjunto harmônico de todas suas partes. Utilidade beleza numa conspiração para obter o ideal da Arquitetura Cristã: torna visível no tempo, por meios materiais, a obra eterna da Sabedoria e onipotência divinas, a saber, a Santa Mãe Igreja na plenitude de suas realidades santas. Ah! Desgraçadamente, essas realidades não são consideradas como deviam ser. Ora, diriam alguns como desdem, não temos recursos! Sim?! E a piscina do Esporte? Foi construída somente com o dinheiro das pessoas batizadas?! Verdadeiramente, maior e melhor e mais sincera e mais pura e mais real convicção cristã

levaria as ações mais consequentes. Na próxima vez, continuarei com linguagem desse teor. Quero, feitas as vênias que se impõem, provocar atitudes sinceras e desmascarar salamaleques vazios de galhardia. Devo adiantar o seguinte: farei isso por minha conta, como pequeno particular. Um pequeno que se chicoteará a si próprio em primeiro, e depois se perdoará aos muitos que se fazem de grandes com sintomáticas e sutis encenações.

+Ano XV, 01/02/1941, n° 771, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Como disse não vez passada, quero, feitas as vênias que se impõem e nem sempre são completamente merecidas, provocar atitudes sinceras. Desmascarem-se os salamaleques vazios de galhardia. Chicotem-se os muitos que se fazem de grandes com sintomáticas e sutis encenações. Não é raro a gente ouvir de católicos (?) isto: não temos recursos. E o carnaval que aí vem? Terá em dinheiro, muitos somente das pessoas não batizadas? Dirão alguns: melhor seria que aquele padre não se intrometesse em nossa vida... .. Como homem como cristão, como padre, posso e devo e quero provocar atitudes sinceras. Ou alguém é católico ou não é. Si é, não faz favor a outrem que não a si próprio. Si não é e não quer ser, perca-se, mas, tenha a hombridade de ser e parecer o que é. Já se foi o tempo (esse tempo nunca existiu, isso é modo de falar) em que era fácil fazer tapeações. Hoje, (e os bons sempre fora e são assim) desejam-se atitudes sinceras. Definam-se os pró e os contra. Definam-se, cresçam e apareçam. Apareçam e campo de batalha, com lealdade completa e visão larga e elevada. Precisamos de: menos 90% de discursivas. Precisamos de: mais 90% de ação construtora, calma, enérgica, constante, varonil.

+Ano XV, 08/02/1941, n° 772, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Este escrito, não o mantenho por esporte, snobismo ou capricho. Não. Louvado seja Deus, também nisto me gasto com atividade ordenadamente vital. Nisso de operar pró Catedral estou gastando um pedaço de minha vida. Em meu horário e programa semanais esse trabalho ocupa um lugar. Agora, estou escrevendo estas considerações e leio o seguinte telegrama: continuo acompanhando com interesse projeto Catedral seguirá quarta-feira e pela SER. Recebeu o Sr. Bispo que passou com religioso entusiasmo. Refere-se ao projeto, por isso de novo voltei-me á importante quantão da planta. Ao que tenho escrito acrescento dois pensamentos de um crítico moderno. Tantas vezes na Historia a Arquitetura muda de formas, outras tantas também a civilização. Si em um época qualquer, as construções não têm originalidade, a gente pode afirmar que também as ideias tem.

+Ano XV, 15/02/1941, nº 773, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A direita no alto da reprodução em cores do projeto da Catedral, a gente vê as armas do Sr. Bispo. Nessas, o tema que fala alto e muito: Dominus fortitudo mea - *o Senhor é minha fortaleza*. Minha pedra, rochedo inquebrantável. Realmente, em todas as operações, outra não tem sido a coragem, a constância, a fortaleza do Sr. Bispo. Nesse trabalho pró Catedral, como em todos, é e será esse lema a repetir com fé. Tudo á luz da Fé, na força da oração, com a operosidade do esforço humano nisso baseado. Sob essa convicção se estabelecem e estabelecer-se ao todas as operações pró Catedral.

Uma única *ideia*, fundamente abstraída, conservada, alimentada, plenamente *vivida* é o bastante para levar alguém ao heroimo, a um autentico heroimo. É disso uma sequencia se impõe: quanto mais nos simplificamos – mais no fortificamos. É com essa qualidade que o Dom Justino possui a ideia da Catedral. A Catedral em *ideia* será Catedral em fato, não duvido. Não duvido da existência do fato como não duvido da ideia e do idealizador. Plenamente concio da responsabilidade de suas atitudes, Dom Justino realizará a missão histórica

que a Providencia Divina lhe confia. Missão, rodeada de circunstâncias muito e variadas. Circunstâncias que o bom senso, cultivado, sabe apreciar em justo valor.

A Catedral em *ideia* será Catedral em *fato*. *O Senhor é minha fortaleza!*

+Ano XV, 22/02/1941, n° 774, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A planta apresentada esta agregando a todos que vêm com objetiva lealdade. E' realmente um trabalho de mestre. Um trabalho de especialista. Um trabalho não é comum. Olhando e *estudando* com inteligência razão e vontade *próprias*, a gente fica satisfeito. As vezes o critério de abala se inquieta se perturba e desorganiza porque os pensamentos dos vizinhos são aceitos sem exame e circunspeção. Ninguém mais do que eu tem se interessado por esse capital questão: a questão da planta. Tenho estudado. Tenho refletido o quando posso, mas com emancipação desejada e desejável. Há uma cousa que não sei fazer. Não quero aprender. Não fazei nunca. E' isto a que se hoje chama plebescamente: "fazer farei". Que Deus Nosso *Senhor*, não permita me afaste um dia deste regimem de espirito. Pareça embora desprezível. Seja desprezado. Não importa. A verdade e as cousas verdadeiras valem por si. Sejam ou não compreendidas e aceitas, valem eternamente. Valem sempre porque são realmente alguma cousa que existe.

A *Família Católica* da Diocese de Juiz de Fora, com uma so alma, com o mesmo ideal e entusiasmo construirá a Catedral desejada. *Essa Família unida em Cristo Jesus*, conservará religiosamente esta união. Somos e seremos o "templo vivo de Deus". Um "templo vivo" a construir um templo material. A eficaz lembrança dessas responsabilidades manterá em ordem nosso "templo vivo"... e o templo a ser construído será reprodução material do que se passa em nós.

Tudo se está operando com absoluta ponderação. Quem disso quiser provas, faria bem em examinar, com isenção de animo, todos os fatos deste os primeiros.

+Ano XVI, 01/03/1941, n° 775, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nesse trabalho fundamental que ora se opera bom é gastem-se tempo – paciência - estudo. Em 22-VI-1940, publicou se o estabelecimento da Comissão Diocesana pró Catedral. A lembrar, em terceira vez, repete-se.

Presidência: Exmo e Revmo. Sr. Bispo Diocesano

Secretariado: Revmo. Sr. Secretario do Bispado

Tesouraria: Exmo. Sr. Aprigio Ribeiro de Oliveira

Conselho: Exmo. Sr. Dr. Raphael Cirigliano, Exmo.

Sr. General José Christovão Barcellos, Exmo. Sr. Major José Coelho

de Araújo, Exmo. Sr. Dr. Aprigio Ribeiro de Oliveira. Exmo. Sr. Dr.

José Procopio Teixeira, Exmo. Sr. Dr. João Nogueira Penido, Exmo.

Sr. Dr. João Ribeiro Vilaça, Exmo. Sr. Dr. Eneas Mascarenhas, Exmo.

Sr. Dr. João Tostes, Exmo Sr. Dr. Antônio Augusto Teixeira, Exmo. Sr.

Dr. José Baptista de Oliveira, Exmo. Sr. Dr. João Nunes Lima. Exmo.

Sr. Dr. Frederico Alvares de Assis, Exmo. Sr. Dr. Joaquim Ribeiro de

Oliveira, Exmo. Sr. Dr. Josué Lage Filho, Exmo. Sr. Prof. Henrique

Hargreaves, Exmo. Sr. PROF. Lindolfo Gomes, Exmo. Sr. Dr. João

Bernardino Alves, Exmo Sr. Francisco Azarias Villel, Exmo. Sr. José

Augusto Alves , Exmo. Sr. Arnulfo Nascimento.

Pendentes, delegadas, dessa Comissão Diocesana estabeleceram-se as seguintes sub-comissões.

COMISSÃO TÉCNICA

Dr. Luiz Tossati, Dr. Saint-Clair J.de M.Carvalho, Dr. José

Baptista de Oliveira, Dr. Josué Lage Filho, Dr. Oswaldo Mascarenhas,

Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, Dr. Luiz Ribeiro de Oliveira, Dr.

Raphael Arcuri, Dr. Deusdeti Salgado, Pe. Dr. Everaldo Guilherme

Molengraaff, arquiteto.

COMISSÃO DE FINANÇAS

Dr. Bernardo. Dr. Mascarenhas, Dr. José Procopio Teixeira Filho, Sr. Vicente Nardelli, Sr. Olympio Reis.

Sr. Newton Brandão, Dr. Francisco Ignacio Monteiro de Andrade, Sr. Francisco Azarias Villela, Sr. José Malla, Sr. Anibal de Paiva Garcia, Sr. Sylvestre Soares de Oliveira.

COMISSÃO DE PROPAGANDA

Prof. Henrique Hargreaves, Prof. Lindolfo Gomes, Lampadario, Lar Católico, Diario Mercantil, Gazeta Comercial, Carriço Filme, Empresa Central.

DO SECRETARIADO

+Ano XVI, 08/03/1941, n° 776, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Por um lamentável cochilo do notário “ad hoc”, na publicação ultima faltou o seguinte - Na Comissão Técnica o nome do Dr. Hugo Vocurca. Na Comissão de finanças o nome do Sr. Gastão Lomez. Na Comissão de Propaganda a ‘Radio’ local; nessa Comissão publicouse: Empresa Central em vez de Empresa Cine Teatral Ltd. Nesta publicação de agora, pede-se desculpa aos distintos senhores supramencionados. Ao notário pesa lhe esse esquecimento, disse se alivia pedindo seja feita em publico essa separação.

A boa vontade, o entusiasmo, o interesse afetivo e efetivo do Dr. Bernardo Mascarenhas são extraordinários. O Secretario da Comissão Diocesana a ele deve grande parte do que tem feito. Publica isso com permissão do mesmo Secretario que assim agradece, reconhecido ao excelentíssimo Dr. Bernardo.

O mesmo Dr. Bernardo tem apresentado o processo das pequenas subscrições mensais, subscrições por casas; isso com o auxilio da Campanha Mineira que permitiria fossem seus profissionais os recebedores, sem compromisso e peso para a Companhia. Esse e outros

expedientes serão devidamente aplicados. Todas as ordens sociais serão conclamadas a este empreendimento que dirá aos séculos se nossa religiosidade operante em tudo. A *Família Católica* da Diocese de Juiz de Fora construirá a Catedral desejada. Dizer *Família* é dizer *união*. Trabalharemos *como uma unidade* em Cristo Jesus. Olhos fechados as expectativas de desfalecimento. Ouvidos cerrado às vozes se desanimado. Corações afervorados em Cristo Jesus: pedra, rochedo inquebrantável. Braços a dar do amor provas reais.

+Ano XVI, 15/03/1941, nº 777, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O gosto se estraga e mesmo se deprava pelas falsas ideias e pelos torcidos sentimentos reinantes na época ou período histórico em que a gente vive. A isto contribuem os artistas esquecidos de sua missão educadora; quando queimam incenso ao mundo corrompido que os rodeia; conseqüentemente são eles próprios também o reflexo de costume sociais, porque não são, nem podem ser, homens isolados. Os artistas, muitos se esquecem de que possuem uma responsabilidade maior do que a responsabilidade dos filósofos; a filosofia e cultivada por muitos; a arte é apresentada a todos.

A Fé Cristã trabalha os verdadeiros artistas elevando-os divinamente. A doutrina revelada, a revelação divina, eleva nossos conhecimentos a alturas incomensuráveis; conseqüentemente produz em nos afetos os mais delicados e profundos, que operam vitalmente em todas as nossas manifestações. A arte cristã esta divinizada pela revelação do Verbo assim como em Cristo Jesus, Homem-Deus, a natureza humana esta divinizada pela encarnação do Verbo .

Quando uma construção eclesiástica, sob essas convicções idealizadas, não agrada a culpa corre por conta da mentalidade cristã atrapalhada. Atrapalhada pelas entumescências de sentimentos mundanos. Entumescências que impedem a circulação da serva de Cristo Jesus. E essas entumescências, por ilusão e desequilíbrio, são conservadas como relíquias tradicionais e intangíveis. Ilusão! A verdadeira

tradição leva a eternidade numa simplicidade divina.

+Ano XVI, 22/03/1941, n° 778, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O estilo não pode e não deve matar a beleza litúrgica, assim como a letra não deve matar o espírito. A letra seja a serviço do espírito. Também o estilo seja a serviço da liturgia. Preferir isto a agir á semelhança de alguém com exterior estilado e interior ridiculamente desconchavado. O lidimo ideal da Arquitetura Cristã é este: tornar sensível no tempo, por meios materiais, a obra eterna da sabedoria e onipotência divinas, a saber, a Santa Mãe Igreja na plenitude de suas realidades santas. As *realidades* as Igreja desgraçadamente, não sano consideradas como deveriam ser. Misturam-se fantasticamente de sonhos e sonhos. E assim, nós Cristãos, nos prejudicamos pavorosamente numa vital diminuição de vida. Há fantasia muita. Há discurseiras muitas. Há “manter aparências”, muito. Há um esquecimento terrível, formidável. Esquecimento disto: a vida, o valor humano, tudo do homem, só é plenificado na *ordem* eterna em honra e gloria ao Pai, ao Filho e ao Santo Espirito.

+Ano XVI, 29/03/1941, n° 779, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Queremos nossa Catedral. Teremos nossa Catedral. Em nada importam as circunstancias fantasiadas pelo zoilos e exploradas pelos vivedores a tona. Trabalhar-se-à. Quando um trabalho assim se executa em nada importa esta ou aquela criatura; em nada importam as criaturas como causas; são simplesmente *instrumentos*. Instrumentos que se mudam, se transformam, se substituem. Essas afirmações não são aceitas por aquelas todos se prendem na pequena esfera de suas cogitações humanas. Nós a *Família Católica* da Diocese de Juiz de Fora, estamos tranquilos e de pé os capciosos que pretendem quebrar

ou diminuir ou enfraquecer nossa união em Cristo Jesus. Dessa união, seja proclamado alto e em indefectível juízo, um característico certo ao viver com Bispo *nihil sine episcopo*. Nada sem Bispo. Dessa união outro sinal é o afastamento do espírito gregário. De espírito gregário enquanto tende a formar grupos e grupinhos em torno de alguém ou de alguma coisa. A Santa Mãe Igreja é Católica. É Universal. Leva todos á eternidade. Não é um punhado de capelas e capelinhas espalhadas pelo orbe a se baterem em emulações humanas. Somos ou não somos católicos. Temos ou não temos *mentalidade* católica. Si a mentalidade esta suja, lave-se. Si esta torcida, endireite-se. Si há capricho, afaste-se. Si há má vontade, haja inteligência, compreensão e em seguida: *ordem e ação*. *Espírito* de campanário não serve: *espírito* de tal e tal grupo não serve; *espírito* de *critica*, sarcástica ou felina não serve; são caricaturas do *espírito católico*. Não somos de Paulo. Não somos Cefas. Não somos de Apolo. Somos de *Cristo Jesus*. *Vivemos* de Cristo Jesus pelo Santo Espírito em Deus.

+Ano XVI, 05/04/1941, nº 780, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Todas as pessoas boas que eu conheço (e são muitas) veem com benevolência a construção de nossa Catedral. Acompanham com marcada galhardia tudo que se organiza em favor. Isso me faz pensar o seguinte. Querer o bem ou não a esta obra seria talvez um possível critério de a gente apreciar as pessoas boas e as pessoas menos boas. Falo assim, sem o menos refôlho, porque olho as cousas tais quais são. A gente deve saber com quem lida. A gente deve saber com quem pode contar em tudo. Longe de mim todas e quaisquer vistas humanas. P'ra mim nada procura a não ser amar e servir a Deus. Não tenho a tola pretensão de agradar a quem quer que seja. Não busco honras, dignidades, proventos. A todas as supostas glórias e gloriolas do mundo fantasista hei de preferir sempre a gloria eterna da Cruz. Sou ambicioso e ciumento de valor e gloria... é verdade, mas do valor e da gloria verdadeiros: conhecer, amar e servir a Deus. Com essa convicção. Opor-

me—ei sempre ás aparências que se firmam em estonteantes paradoxos.

+Ano XVI, 12/04/1941, n° 781, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A luz, calor e vida pascoal, escrevo desejando igual comportamento a todos que me lêem. Comportamento igual ou em grau maior. Na sucessão histórica das comemorações **litúrgicas. Pasca é para nós** e uma *recreação* vital. Até o fim dos tempos, Pasca será para cristãos um fato a marcar começo de *vida, triunfo e gloria*. Vida, triunfo e gloria que se atualizam cada um de nós, mediante nossa cooperação a *graça*. Vida, triunfo e gloria sempre reiois ainda que nossas defecções quotidianas, muitas repetidas e multiplas pareçam negá-lo. A redenção é realidade consumida. A todos é dada a *graça* suficiente para se salvarem. Si muitos não se beneficiam, a culpa corre por conta deles próprios.

Em Pasca, assim comemorada e vívida, estou a póstos pró Catedral. E a *família Católica* da Diocese de Juiz de Fora, cujo operar e convicção em atos, não estará certamente em outra atitude. Quer, assim devo admitir, viver a doutrina e a realidade pascal sempre em tudo, Também nesse trabalho não se trata de garantir essa ou aquela precariedade humana. Trata-se de cooperar numa obra comum pela maior gloria de Deus em nosso tempo e em nossa terra. Somente assim existirá relação verdadeira entre o que *somos* pela Graça o que devemos fazer em cooperação da *Graça*.

+Ano XVI, 19/04/1941, n° 782, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Os trabalhos pró Catedral continuam normalmente. O arcabouço de toda construção já foi orçamentado em e pode-se-á fazer em dois anos aproximadamente. Também o total da construção já se orçamentou em Construir-se-á primeiro a cripta, sem prejuízo

do movimento religioso as atual igreja, Depois continuar-se-á a construção ficando a cripta em funcionamento. Desde modo não haverá nenhuma quebra nas funções que se exercem dia a dia. Operar-se-á parceladamente. Abrir-se-ão concorrências entre nossos construtores e construtores de fora. A meu vêr entre o segundo semestre deste ano e o primeiro do próximo, lançar-se-á a pedra fundamental, e no tempo previsto surgira o arcabouço de tudo. Não estou sonhado, não. Estou lidando com dados reais que me permitem esse otimismo fundamentado. Sem duvida, estou submisso as disposições divinas e eternas; ninguém mais do que eu se coloca sob esta verdade: o homem põe e Deus dispõe. Tudo que falo e faço, quero falar e fazer sob providencia divina. Providencia divina tantas vezes esquecida e negada pelas técnicas modernas, sedentas de aparências, imediatismos, farões cujos valores e brilhos são essencialmente fugazes. Mas atenção! coloquemos as cousas em seus lugares... devemos confiar em extremo na Providencia divina, sem nos servir disso pra esconder a insuficiência de nossa mediocridade culpada. Não e raro a gente ouvir a esse ou aquele dizer: Deus não quis e não quer ... Sim?! responderia eu, e o seu comodismo, a sua preguiça, seu 'ir vivendo', querem ou não querem? seja sincero, deixe de tapeações, corrija-se e vá pra frente, ou ponha se a beira de sua sepultura numa antecipação merecida; a vida e para quem quer vive-la num aumento progressivo de valor e mérito dentro do plano eterno em honra e gloria ao Pai, ao Filho e o Santo Espirito.

+Ano XVI, 26/04/1941, n° 783, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nas operações pró Catedral é necessária a existência de um grande capital; grande capital medúla de todos os valores reais e inteiramente produtivos. A que capital me refiro? Refiro-me a este capital *Cristianismo-vida*. Também nas operações pró Catedral, não basta o cristianismo - escola teológica. Não basta o cristianismo - sistema filosófico. Não basta o cristianismo - direito canônico. Não basta o cristianismo - conjunto de ritos. Tudo isto é importante e é necessário.

Tudo isto entretanto, e nada sem a *vida* a que esta ordenado. Tudo isto é casca. E a casca de nada vale sem o miolo que deve conter. *Cristianismo – vida*. Cristianismo com a prova real do comportamento quotidiano. Cristianismo manifestado nas *ações*. Os recursos que a Bondade Divina nos prodigalisa, devemos explora-los em beneficio também da gloria externa de Deus e em beneficio de nosso próximo. (Cf. I^a. Joa. III-18) *Cristianismo – vida!* Cristianismo: vida divina participada ao homem cristão que disso deve dar testemunho sempre em tudo.

+Ano XVI, 03/05/1941, n^o 784, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O ar em que se processam as operações pró Catedral está louvado seja Deus, bastante oxigenado. Há compreensão. Há boa vontade. A *Família Católica Diocesana*, guiada pelos reverendíssimos senhores padres que mantêm, todos, virtuosa união Excelentíssimo Ordianrio, numa ordem realmente propicia as trabalhos evangelicos, a *Família Católica Diocesana* respira bem. Na Diocese toda por toda parte, há avigoramento celular. Neste Séde Episcopal, esse avigoramento é perceptível a todos que com *circunspeção*, perscrutam o *cérne* das realidades. Paroquia de S. Antônio (Matriz), Gloria, S. Matheus, S. José, Capelania do Rosário, S. Sebastião, os diversos Colegios e Casas Religiosas, por toda parte há avigoramento celular, provocados pelos zelosos padres que estão sabendo realizar a missão histórica que a Providencia lhes marcou. Como pequeno particular, pigmeu em meios de grandesas muitas, que estou proclamando essas desprentenciosas apreciações. Despretenciosas e sinceras sacerdotamente.

+Ano XVI, 10/05/1941, n^o 785, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Há um ano existe este escrito – *Pela construção da nossa Catedral*. - O autor, absoluto e sinceramente concio de sua exiguidade,

repete ao publico sua atitude inicial. Ajoelha-se, humilde, diante do bom Deus... ..

Um agradecimento religiosamente proclamado, ao Pe. Humberto que tem sempre acolhido com desvêlo esta pequena colaboração.

Um ano se passou, e, com a *graça* de Deus o autor destes escritos está fresquinho. Deus, *Nosso Senhor*, querendo consersar-se-á sempre neste estado. É que não o prendem cogitações humanas. E' que não está á procura de agrados. É que não confia loucamente em si ou neste ou naquele. Confia em Cristo Jesus. O Cristo Jesus de ontem, de hoje, dos séculos e da eternidade. Ao autor destes escritos, quanto mais na terra da vida lhe é dado conhecer as almas, os fatos, cousas e acontecimentos - mais se define e afervora no amor a Cristo Jesus. O autor destes escritos quer ser um apaixonado. Um apaixonado pelo Cristo Jesus. Quer, *por amor*, realizar todas as ações a seu alcance. A todos que o leem proclama: louvado seja Nosso Senhor Jesus.

+Ano XVI, 17/05/1941, nº 786, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Atemoriza-me quando vejo e ouço o empirismo com que alguns consideram esta questão de construir uma igreja. Há quem fale sobre construções de igrejas do mesmo modo com que fala sobre construções de casas, residências, garagens, etc.. Na construção de uma igreja devem-se aplicar todas as habilidades técnicas, arquiteturais. É certo. A tudo, porém, devem presidir uma ideia religiosa. A ossatura é todo conjunto de uma igreja deve formar uma fisionomia exterior em harmonia com essa idéia. Essa idéia deve ser a forma substancial da construção assim como a alma é a forma substancial do corpo humano. Para alguém orientar dignamente a construção de uma igreja não lhe basta a Técnica, são lhe necessárias convicções cristãs. A Técnica pode logicamente produzir uma igreja ao sabor dos estetas científicos; mas, a igreja não é uma casa para reuniões da estetas. A igreja é uma casa para reuniões de *crentes*. É casa de oração. Antes de tudo e sobre tudo dela se espera uma atmosfera re-

colhimento e de elevação pelas considerações das verdades eternas.

+Ano XVI, 24/05/1941, n° 787, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Como dizia na vez passada, a construção de uma Igreja supõe necessariamente convicções cristãs. Muita razão teve uma distinguida personagem quando, diante de uma celebre igreja exclamou: “estes homens tinham *dogmas*, nós só temos *opiniões*; mas não é com opiniões que se constroem catedrais”. A construção de uma Catedral supõe a integridade da Fé. A gente não vai longe quando pretende libertar o dogma cristão sobrenatural; quando pretende conciliar a moral dos salões e a filosofia racionalista com o Evangelho; quando pretende pôr Cristianismo no alcance do homem em harmonia com a fraqueza do seu espírito. A construção de uma Catedral é uma grande empresa religiosa. E uma grande empresa religiosa reclama grande Espírito de Fé. Espírito de Fé que a luz para as grandes ações, luz para as resoluções generosas, luz que nos aproxima mais e mais de Cristo Jesus: Luz eterna.

+Ano XVI, 31/05/1941, n° 788, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Com distinguido entusiasmo, foi feita a igreja de Bemfica. Totalmente estão caminhando na construção da igreja de São Matheus, de Santa Rita e da Sagrada Família. Não tarda iniciar-se a construção da Igreja da Santíssima Trindade em Poço Rico. Todas realmente necessárias. Todas merecendo nossa boa vontade afetiva e *efetiva*. Todas merecendo nossa *generosidade*. Por cima dessas construções é que surgira nossa Catedral, igreja *mãe*. Os que mourejam nas remotas operações pró Catedral felicitam religiosamente a todos os irmãos de trabalho; felicitam-os, recebendo deles valiosas animações. Os tímidos não têm por que se inquietarem com esse movimento relampago. As sabias prudentes organizações obviarão

a todos os inconvenientes. Os carrilhões de nossa futura Catedral e os sinos de nossas igrejas e capelas, num futuro não remoto, harmonizar-se-ão triunfalmente, anunciando com jubilo imenso a existência de *um só coração e uma só alma*, realidade já existente agora.

+Ano XVI, 07/06/1941, nº 789, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Não duvido que muitos considerem a construção de nossa Catedral como coisa afêta *principalmente* as empresas construtoras. Engano. A coisa é *principalmente* questão *cultural*, afêta *inicialmente* aos demais problemas de cultura. As empresas construtoras são instrumentos, importantes sim, mas *secundários*. Isso a gente compreende e aceita, mediante o conceito de cultura, explicado pelos mestres: “cultura é o aperfeiçoamento do homem, em todas as direções de suas multiplas possibilidades”. Cultura é o *todo* da missão confiada ao homem na terra. “Missão a que ele se não pode furtar sem negar a si mesmo. Cumpre-lhe desenvolver a sua inteligência com a conquista da realidade na variedade inesgotável de seus segredos: missão da ciencia. Cumpre-lhe praticar o bem governando os proprios atos em harmonia com as exigências da razão, na coerencia de uma vida interior pacificada: aspiração continua da moral. Cumpre-lhe estreitar as suas relações com Deus, Principio e Fim de todo ser, alimentando esta vida divina, razão suprema de nossa existência e resposta ás mais profundas tendências de nossa alma em busca da felicidade: missão sublime da religião”. E, do lado por que estou olhando este assunto, vem como sequencia ultima: “Cumpre-lhe dominar as resistências da matéria e subjugar as suas energias, modelando o mundo segundo as proprias necessidades ou plasmando-o para exprimir a beleza de suas ideias: função das tecnicas e das artes.”

+Ano XVI, 14/06/1941, nº 790, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Também na Arquitetura Cristã, os símbolos exercem função importante. Símbolos são figuras ou objetos representando imediatamente uma pessoa ou uma Idea, se bem que imediatamente representam algo muito diferente da pessoa ou ideia imediatamente representadas. O estudo dos símbolos chama-se – Simbologia. A universalidade e constância do simbolismo leva-nos a constatar suas verdadeiras origens. O simbolismo não é fruto de simples capricho humano, não é fruto deste daquele gosto por tal ou qual adorno. Sua raiz está nas condições naturais do homem social e religioso: a necessidade de um meio adequado para representar ideias abstratas e seres suprassensíveis; a conveniência de velar, cobrir, certas verdades, isto por algum tempo para evitar falsas interpretações. Nas composições didáticas aparecem diversos programas, entre outros este: símbolos pagãos, símbolos cristãos, símbolos comuns. Os primeiros envolvem proximamente uma ideia mitológica ou de culto idolátrico. Os segundos expressam ideias cristãs. Os terceiros são símbolos de fenômenos naturais, de virtudes ou qualidades morais, e são patrimônio de todos os tempos e crenças. Por lógica natural a gente encontra maior importância nos símbolos cristãos. Ao benevolente leitor transmitir-lhe-ei o que dizem os mestres acerca da *Simbologia Cristã*.

+Ano XVI, 21/06/1941, nº 791, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. *Simbologia Cristã* é o estudo dos símbolos de que se serviram e se servem os cristãos para a representação gráfica de suas ideias religiosas. No conjunto desses símbolos há uma linguagem figurada que nos proclama as ideias e o espírito dos cristãos de todos os tempos e lugares, e nos mostra a *identidade* de *doutrina* e de *vida* cristãs. Nos primeiros séculos, o simbolismo era mais necessário para evitar que os dogmas fossem mal interpretados pelos infiéis. Existia

mesmo a *lei do arcano* que proibia se contassem claramente aos infiéis (e em parte aos catecúmenos) certas verdades a praticas religiosas, v. gr.: a Trindade, a Eucaristia. Há uma diferença medular entre o simbolismo cristão e o simbolismo pagão. Diferença: reflexo das ideias e costumes dos fieis e dos infiéis. No simbolismo cristão: veracidade, lhaneza, caridade, paz. No simbolismo pagão: incoerência, ridículo, ódio, interesse material, sensualidade, orgulho. Os símbolos cristãos, podemos olhá-los em três classes: a) figuras emblemáticas propriamente ditas, b) figuras históricas, c) figuras alegóricas. Continuar-se-á.

+Ano XVI, 28/06/1941, n° 792, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. Figuras cristãs, *emblemáticas*. Defluem comumente da linguagem bíblica e da crença vulgar de certos fenômenos naturais. Representam ordinariamente: Jesus Cristo, o fiel cristão, as virtudes, os vícios, a vida futura. Em razão da matéria do assunto podem ser olhadas em cinco classes: símbolos comuns, tomados da natureza, tomados da arte, símbolos parlantes, símbolos literários e personificações.

Apresentaremos estudos sob essa classificação.

O *peixe*. Um dos mais importantes e mais antigos símbolos cristãos. Data do II° s.. Em grego, as letras da palavra peixe – *ichthys* - são iniciais de títulos de Jesus Cristo. A primeira explicação disso se encontra em S. Agost., *De Civitate Dei* – XVIII-25. As iniciais I. X. T. Y. S. querem dizer: Jesus Xristos Theou Vios Soter, equivalentes a: Jesus Christus Dei Filius Salvator. Em português: Jesus Cristo Filho de Deus Salvador. Continuar-se-á.

+Ano XVI, 05/07/1941, n° 793, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando: O *delfim*. Na antiguidade considerado como amigo do homem. No simbolismo das Catacumbas existe este grupo: delfim unido a um tridente (- cruz) e a uma ancora. Significado: Cristo Jesus que se dignou chamar-nos: *amigos*, e que pela cruz operou nossa redenção, e é nossa esperança.

A *pomba*. Figura muito encontrada nas lápides funerárias. Representa a alma fiel ou o justo, que no dizer de Tertuliano, deve ser – pomba sem fel. Traz às vezes, um ramo de oliveira no bico, o que equivale ao – In pace - das inscrições: outras vezes aparece só, ou, em par, bebendo num cálice, o que é emblema da Eucaristia e dos outros sacramentos, fontes do Salvador, aludindo ao texto de Isaias: *haurietis aquas in gaudio de fontibus salvatoris* (XII,3); também ao salmo XXII.

O *galo*. Aparece nos relevos e alguns sarcófagos. Alude a São Pedro e simboliza a esperança que seu canto desperta (seu – do galo).

O *cordeiro*. Emblema muito comum em todos os séculos. Se a figura se debuxa com nimbo, ou com na cruz, ou sobre u’ a mesa ou livro de sete selos – representa Cristo Jesus, Cordeiro de Deus. Quando aparece ao lado ou os ombros de um pastor, alude inequivocamente às sentenças do Mestre: Bom pastor que busca a ovelha perdida, Continuar-se-á.

+Ano XVI, 12/07/1941, n° 794, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. O *pavão* real e *fênix* (esta – rara nas catacumbas) simbolizam a ressurreição e a vida eterna. A plumagem do pavão renova-se anualmente, e os antigos julgavam se ele de carne incorruptível; a *fênix*, diziam que ressuscitava das próprias cinzas.

O *pelicano* (de data posterior) e tomado como emblema de amor de Cristo Jesus na Eucaristia; afirmava-se que essa ave alimentava os filhinhos com o próprio sangue.

O *leão* – símbolo de Cristo Jesus que no Apocalipse e chamado de “Leão da tribo de Judá”; quando colocado ao lado de um sepulcro, representa a ressurreição, por cauda da crença de que esse animal res-

suscitava suas crias só com um rugido.

O *veado* - esculpido nos sarcófagos ou pintado a beber num manancial, etc., alude aos textos dos salmos (XLI), em que se fala do cervo ansioso por fonte águas vivas; representa o diligente servidor cristão á procura dos sacramentos.

Muitos desses símbolos são um reflexo das narrações (fabulas) da *Historia Natural* de Plinio (s. I) e Eliano (s. III); suas origens perdem-se nas lendas de longingua antiguidade, em seus simbolismos chegam ate nós. Continuar-se-á.

+Ano XVI, 19/07/1941, n° 795, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. O *Tetramorfo*, os quatro “santos amimais”: águia, leão, touro e o homem, todos com asas. Aparecem desde o IVs., simbolizando os Evangelistas, segundo a visão de Ezechiel (I) e a de S. João (Apoc. IV). Há muitos outros símbolos comuns, tomados da natureza e da arte: a palma, o ramos de oliveira, vinha, espigas, espinhos, ancora, nave, pão, etc.

Símbolos *parlantes*. São uma espécie de hieroglifos significando o nome ou profissão de alguém. Assim, uma cabritinha sobre o sepulcro de uma cristã chamada - Capréola; um martelo no epitáfio de um artesão.

Símbolos *literários* – foram-se de letras diretamente representativas de ideias. Já estudámos o acróstico: *Ichthy*, quando falámos do peixe. Há um monograma chamado – *crismòn*, formado pelas duas primeiras letras da palavra Cristo em grego: XPISTOC (Christos). O *crismón* é usado desde o IIIs.. No começo do IV. já se escrevia a primeira letra em forma de cruz, com cuidado de destacar em tudo sublime “*mysterium crucis*”. Continuar-se-á.

O primeiro trabalho pro Catedral: elaboração, critica e escolha de um projeto, continua normalmente. *Cousa alguma está definida*. Não se admitem se nisso fôr gasto muito tempo ainda. Há nisso importância *vital*. De pressa não se precisa. Haja estudo, bom senso, plano,

ordem, ação.

+Ano XVI, 26/07/1941, n° 796, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Continuando. As *personificações*. São figuras de homem ou mulher em atitude significativa de virtudes cristas ou praticas piedosas. As mais comuns nos primeiros séculos e a orante: figura feminina com os braços extendidos. Representa ora cristão em prece e alimentado pela esperança, ora a alma se desprendendo do corpo cadaver, ora a igreja intercedendo por seus filhos. Há muitas outras personificações que aparecem na época da arte romântica.

Figuras cristãs históricas. Três grupos, cenas históricas do Ant. Test, cenas milagrosas do Novo e *representações da cruz*. Propo-nho-me transmitir rápidas indignações sobre essas ultimas e os Crucifixos. A Cruz, usada particularmente e em comunidade pelos primeiros cristãos. Explicitamente, rara vezes aparece nos monumentos públicos dos 3 primeiros séculos. Desde longes tempos, tem sido fartamente fantasiada. Enumerando as principais, adotadas em diferentes séculos e terras: latina, grega, imissa, bífida, comissa, decussada, patriarcal, papal, palada, pontesada, recruzada, de Malta, de Santiago, de Calatrava, de Alcántara, trevolada, florensada, gamáda, egípcia. *Crucifixo*. Aparecem mais tarde que a Cruz. Mesmo no s. V encontram-se raramente. Existem dois pequenos entalhos que os estudiosos atribuem ao II e III s., no Oriente. Existe um desventurado crucifixo, atribuído ao começo do III s., assim caluniosamente imaginado: um homem com cabeça de asno pregado numa cruz e adorado por um fiel. Por oposição disso a gente infere: os primeiros cristãos adoravam os mistérios da paixão e veneravam suas imagens. Também os crucifixos têm sido fartamente fantasiados. Do VI s. ao XI (não me responsabilizo pela matematicidade de todas essas datas): o Senhor vestido com túnicas sem mangas. Do XI em diante simples faixa, mais simplificada ainda do s. XIV em diante. Até o s. XIV existiram as “Majestades”: túnica comprida e com mangas, ora menos, ora mais fantasiadas; represen-

tam o Senhor vivo, majestoso e triunfante, braços horizontais, sem coroa de espinhos, com nimbo e coroa real, pés separados. Do s. XIII ate agora tem prevalecido os crucifixos onde Cristo Jesus, *Homem-Deus*, é visto no realismo divinamente nefando do “mysterium crucis”.

+*Ano XVI, 02/08/1941, n° 797, página 04*

Pela construção de nossa Catedral

A construção da Catedral de Juiz de Fora é uma obra de arte finamente estilizada que se impõe á simpatia, admiração e prodigalidade de todos os brasileiros.

Trata-se, futuramente, do patrimônio artístico do nosso grandioso País.

Para tal fim todos devem trabalhar e contribuir num sentido único de solidariedade, já não digo, somente, Cristã, mas, Nacional.

Agora mesmo, em tempo oportuno, saiu a publicidade, a excelente pastoral do Exmo. Snr. Bispo, que é a voz de comando, incentivo e governo em ordem á uma ação inteligente, disciplinada, coordenadora.

Em breve, num otimismo sadiamente cristão, concretizaremos o nosso ideal.

As pedras, justapostas na extensão do templo, as paredes esguias em busca da torre, e as flechas pontilhando os céus, serão a prova cabal da união dos fiéis no corpo da Igreja e do sentimento espiritualista do nosso povo que encurta, retilineamente, as distâncias em busca de Deus.

Falou o nosso Bispo que “não há testemunho mais eloquente dos sentimentos religiosos de um povo do que a construção de um templo”.

Realmente. Um templo que se eleva majestosamente observando a unidade na variedade, o gosto na simplicidade, a precisão e a harmonia na estética das linhas perfeitamente equilibradas, atestará de modo altiloquente, aos séculos vindouros, a vitalidade perene da fé

concretizada em obra e o sentimento profundo de piedade cristã que concebe e realiza, o que há de melhor, para morada de Deus.

Continua

Padre Isnard da Gama

+Ano XVI, 09/08/1941, n° 798, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A Arte Sacra, através dos tempos, é o mais grandioso e elevado cenário que ao espírito cristão, ou melhor digamos, ao espírito social, é dado contemplar.

Revestida dos três elementos essenciais, a saber: idéia, meio, relação, como si fossem elos inseparáveis da mesma corrente, a Arte Sacra, com a sua tendência espiritualista de formação cristã pela imagem, tem procurado transmitir nas obras, os sentimentos de religião e piedade que invadem a alma aprimorada do arquiteto.

A Arte Sacra comove, entusiasma, arrebatada, empolga, sobretudo, quando bebida nas fontes límpidas do cristianismo nascente e posta em prática, nas formas clássicas da arquitetura ogival.

A Arte Sacra não é só admirada pela justeza e precisão de seus elementos componentes, mas, constitui verdadeiro enlevo intelectual para aqueles que estudando a estrutura orgânica das suas linhas, descobrem, em todos os pormenores, um cunho especial de espiritualismo cristão dando um outro sentido á vida, em oposição á vida moderna material mecanizada.

Consagrada á cultura dos nobres ideais que constituem os foros clássicos da civilização cristã, a Arte Sacra está destinada a uma grande missão na sociedade pagанизada dos nossos dias.

É a escola prática de formação cristã, incutindo na alma do povo pela sobriedade, firmeza e rigidez das linhas o sentimento de convicção profunda em busca do nosso Deus.

É uma fórmula de oração petrificada.

(Continua)

+Ano XVI, 16/08/1941, n° 799, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Todos nós católicos temos o dever inalienável, imprescindível, de velar religiosamente pela decência, dignidade e beleza dos templos do Senhor.

Urge em nossos tempos, uma campanha constante de idéas – mestras e idéas que sejam força no sentido de fazer convergir os elementos arquiteturais para a renovação concreta do espírito profundo da arte cristã. Assim, procederam os nossos antepassados e irmãos na fé, que, atalhias vivos da tradição primitiva, conservaram e procuraram transmitir pelos séculos afora, aquelas atitudes e formas tão impressionantes, revestidas de um caráter suavemente hierático que, hoje, como sempre, devem constituir as fontes da arte verdadeiramente SACRA.

Tratando-se da arquitetura sagrada, diga-se, logo de passagem, que a concepção do plano, o processo da técnica e a perfeição da forma, na harmonia cativante do conjunto, devem estar aliadas á idéa cristã plenamente amadurecida.

A Arte Sacra para não perder o seu sentido único de pureza inicial e de escola muda de formação cristã, não pode apregoar o libertarismo estético de concepções originais, que sacrifica a arte ao naturalismo moderno para quem a liberdade absoluta na disposição das linhas, é a única lei de verdade e beleza.

O ideal do artista cristão, perfeitamente estudado, deve se consorciar com a mais justa, adequada, realização concreta; mas, sempre no sentido e nos moldes das formas clássicas do espiritualismo artístico.

+Ano XVI, 23/08/1941, n° 800, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Sendo a vida de Jesus Cristo a manifestação exata do Verdadeiro, do Belo e do Sublime em sua fonte primaria, perfeita e eterna, a Arte Sacra, na disposição meticulosa dos elementos arquiteturais de

composição e efeito, deve inspirar-se n' Aquele que é a sublimação da natureza humana na resplendência da Sua Pessoa Divina.

Jesus Cristo deve ser o centro principal para onde convergem as linhas mestras da Arte eminentemente Sacra.

O Verbo Eterno de Deus, é com efeito, o tipo ideal do Belo Absoluto em sua perfectividade plena, Beleza sempre antiga e sempre nova, que jamais perdeu o seu sabor primitivo, porque Eterna, e não poderá ser transformada, porque imutável.

Ora, sendo Jesus Cristo, na expressão fiel do salmista: “O mais belo dos filhos dos homens”, a Arte Sacra, puramente cristã, vivendo em torno de Jesus Cristo, está destinada a refletir nas obras os esplendores do Infinito no Finito, do Increado no Creado.

A Arte Sacra, verdadeiramente Cristocêntrica, é devéras, para o artista, o requinte inexcedível de inspiração, comunicando às suas obras um vigor espiritualista pelo qual elevando-se a si mesmo, eleva os outros também.

Continua

+Ano XVI, 30/08/1941, n° 801, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O ideal do Belo, na Arte Sacra, deve impregnar-se de Jesus Cristo que é a própria Verdade por essência, divinamente revelada aos homens.

O gosto artístico, no que diz respeito aos monumentos religiosos no passado, tem variado entre os diversos povos, conforme a ideia que se há feito do verdadeiro ideal do Belo.

Houve imperfeições, impropriedades, juxtaposições viciosas, que marcaram na história a posição trágica do artista e a decadência irremediável da Arte rigorosamente Sacra. Contudo, ao observador cauteloso, não passará despercebido, que si o gosto artístico na sua extensão multiforme variou, este cambiante se operou sobre pontos secundários, que não sacrificam absolutamente a Beleza da Arte primitivamente Cristã.

Há Beleza, que são de todos os tempos e lugares e constituem, para o Artista Cristão, as formas clássicas da arquitetura sagrada eminentemente Cristocêntrica.

Há Belezas, que são integridade, harmonia e esplendor do ser, deixando aparecer através de formas sensíveis, um surto de Vida cristãmente espiritualizador.

Há Belezas que perduram eternamente porque concretizam na Arte, a Verdade católica da doutrina revelada, em perfeita consonância com a Pessoa de Jesus Cristo.

O espírito da Arte religiosamente Sacra, se assemelha muito ao espírito da doutrina revelada, que se adapta maravilhosamente às contingências de tempo, lugar e meio, sem falências de atitude e desmaios de colorido.

Amemos, pois, a Beleza dos Templos do Senhor e o lugar onde habita a glória do Altíssimo e teremos em breve, a Catedral de Juiz de Fora, majestosamente, edificada sobre a pedra firme de nossas almas unidas.

Continua

Ano XVI, 06/09/1941, nº 802, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Existe um Ofício litúrgico que a santa Igreja, em determinadas solenidades, coloca nos lábios dos seus sacerdotes, exaltando a magnificência, dignidade e beleza dos Templos do Senhor.

Chama-se “Ofício da Dedicção de Igreja”. As Antífonas, os Salmos, os Responsórios e Versículos na harmonia encantadora do conjunto, nos indicam que tudo na “Casa de Deus, é nobre, belo e sublime, expressão acabada da beleza artística na arquitetura profundamente Sacra.

Dir-se-ia que todos os motivos para a edificação da “Casa do Senhor” ali se fundem e se harmonizam na unidade perfeita do verdadeiro ideal do Belo: - Jesus Cristo, Verdade Suprema, enchendo de majestade o interior do Templo.

A Beleza física e moral, escrupulosamente unidas entre si, na extensão esplendorosa das linhas do templo, deixam-nos escapar discretamente, a própria doutrina católica, - Jesus Cristo falando-nos sob a forma sensível.

A sensibilidade do lugar, o Recolhimento da alma, a Firmeza da fé, são as notas dominantes das Antífonas Sagradas, despertando a piedade da alma cristã que entra no Templo para orar.

Meditando sobre o Ofício Sagrado, eu digo assim:

Convém, Senhor, que a vossa Casa seja santa em todos os seus pormenores e modalidades, porque é o Tabernáculo de Deus, a Casa de oração onde gravastes eternamente o vosso nome. Nada de profano deve existir n'Ela. E então, as nossas almas, avistando os Templos Católicos, todas, no sincronismo da mesma fé, exclamariam, certamente. Com efeito, os Templos são a Casa de Deus e a Porta do Céu, porque os vejo divinamente Belos, cheios da visão de Paz, abraçados nas glórias do Altíssimo.

Continua

+Ano XVI, 13/09/1941, n° 803, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Qual deve ser o ideal do Artista Cristão? Onde reside, precisamente, o segredo de sua Arte religiosamente Sacra?

- O Artista verdadeiramente cristão, deve construir para o espírito cristão da comunidade dos fiéis.

Deve Ele empenhar-se, criteriosamente, para que o conjunto arquitetônico, num acorde, inteiramente uníssono, leve os fiéis á adesão concientemente clara dos mistérios da fé.

O Artista Cristão, depois de haver escolhido o estilo que é o corpo, não deve despreocupar-se, sobretudo, do espírito, que é a Vida.

E o espírito da Construção Sagrada enchendo literalmente as naves do Templo Católico da majestade do Senhor, é o espírito da Liturgia Romana.

Não basta impregnar a Arte da Pessoa santíssima de Jesus.

É preciso adaptal-a, geitosamente, ao Culto, de tal modo que o Corpo Místico da Igreja encontre positivamente em cada linha, uma elevação suprema; em cada curva, uma prostração humilde; em cada símbolo, digamos, a comunhão íntima da mesma fé profunda.

Era este o grande ideal dos Artistas Cristãos, que desataram a sua alma das amarras egoísticas de concepções chocantes, infundindo medularmente, nas suas obras, o espírito d’Aquele que é a pedra Angular das Construções Sagradas – Jesus Cristo.

A beleza da Arte Sacra, revestida de suas influências psicológicas, possui ao lado da Liturgia católica, uma capacidade formadora incontestavelmente ilimitável.

A Liturgia, pela precisão, justeza e adequação dos elementos, não acorda e nem fomenta apenas os sentimentos religiosos, mas, infunde uma Vida realmente nova.

Continua

+Ano XVI, 20/09/1941, n° 804, página 04

Pela construção de nossa Catedral

No dinamismo hodierno das evoluções sociais, a Arquitetura, em geral, se apresenta como reflexo perfeito da Filosofia de um povo.

Reveste Ela, inconscientemente, o caracter tendencioso de uma época febrilmente irrequieta, cheia de prurido de inovações.

Para a nossa Arte Cristã, liturgicamente Sacra, existe o grande perigo de ressentir-se das influências do meio ambiente social do século em que vivemos e encarnar, em suas concepções, as formas exquisitamente berrantes do superficialismo artístico.

Existe o grande perigo da corrente extrema do naturalismo, muitas vezes falho de ideal de Vida Superior, de vida sobrenaturalmente cristã, plenamente vivida em Deus.

Á perspectivas de certas construções, ditas, impropriamente Sagradas, sente-se, extensivamente, o domínio do elemento arquitetural profano, á medida que decresce, vertiginosamente, o elemento de Vida da Arte Liturgicamente Sacra.

O emprego metuculoso e utilitarista das linhas geométricas, parece ter o único fim de construir para a comodidade corporal da sociedade, em detrimento, ás vezes, do expressionismo artístico da beleza cristã e mais do que isso, - em sacrificio imperdoável para o espírito de Vida da comunidade dos fiéis, que deve ser Jesus Cristo.

Não se pode condenar, é bem verdade, os novos processos da técnica arquitetural moderna; mas diga-se, que ao lado do elemento profano, no seu emprego comedidamente justo, deve prevalecer, radicalmente, o elemento de vida sobrenaturalmente cristão.

+Ano XVI, 27/09/1941, n° 805, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A Arte Cristã, liturgicamente Sacra, é uma escala de ascensão continua para as almas remidas por Jesus Cristo.

Sendo a assembléia dos fiéis o Corpo Místico de Cristo, dotado de um Organismo Vital, tudo no Ambiente Sagrado, pela articulação harmônica dos elementos materiais espiritualizados, deve facilitar o acesso das almas nos Tabernáculos de Deus Vivo.

Para o Altar, devem convergir os elementos da Arte Sagrada, fomentando e operando extensivamente, a virtude maravilhosa da aproximação das almas.

Enquanto as nossas almas cristãs, diante da serenidade augusta dos Templos Católicos, se dobram reverentemente recolhidas, devem sentir vivamente, que do Altar Sagrado, figura simbólica de Cristo, a vida se derrama, abundantemente, na comunicação bondosa dos seus dons divinos.

A Arte Cristã, liturgicamente Sacra já se vê, obedece a um plano espiritualmente construtor. Ela não termina, não pára, simplesmente no Artista; mas, o seu termo é a Vida mais intensa, racional e operante da parte da comunidade dos fiéis.

Trata-se, pois, de estudar e reconhecer, a tempo, a medida, o valor, o alcance, do material que perfaz a construção sagrada dando-lhe um caráter peculiar.

A Arte Cristã Liturgicamente Sacra, deve propor-se expressar o que se passa no interior da humanidade remida. Colocará evidentemente, em primeira plaina, a Vida de Deus, na pessoa de Jesus Cristo, Vida esta, que se comunica às almas, pela virtude santificadora do Espírito Santo, enchendo literalmente os fiéis da plenitude de Deus.

Os Membros do Corpo Místico, articulados na mesma fé e radicados na Caridade, poderão assim, compreender, através de formas sensíveis, qual seja a largura, o comprimento e a profundidade dos mistérios da Redenção que a Arte cristãmente exprime.

Assim como a linha reta é o caminho mais curto de um ponto a outro, assim também, em suma, a linha da construção sagrada deve ser o caminho mais curto da alma a Deus.

+Ano XVI, 04/10/1941, n° 806, página 04

Pela construção de nossa Catedral

O Culto Oficial da Igreja que se desenvolve ritmicamente, em torno do Altar de Deus vivo, é uma Teologia de Ação e Vida pondo em relevo as energias latentes da Liturgia Sagrada, ordenando as lamas dos fiéis para a participação eficiente dos Mistérios da fé.

O Altar, no fundo da nave santa, no recesso do presbitério, domina e unifica os elementos da Arte Cristã, liturgicamente Sacra, pondo a alma, na esfera transcendente da realidade sobrenatural, fazendo o Corpo Místico da Igreja sentir ser membro de um organismo visível cuja cabeça é – Jesus Cristo.

Ora, tudo o que diz respeito ao bem estar material e espiritual da comunidade cristã, mesmo em seus pormenores caprichosamente escolhidos e apropriadamente aplicados, interessa profundamente ao Arquitecto sagrado. Dando o valor comedido aos elementos profanos da composição e ornato, evitará ele que a alma piedosa se perca em contemplanções de sentimentalismo flácido; mas que penetre intensamente no Sacrifício da Redenção que o Altar representa.

É bem verdade, que a natureza humana é incapaz de atingir o Espírito sem passar pela Matéria. O homem sente primeiro, depois

consequentemente, pensa e age de conformidade com o meio ambiente em que vive quotidianamente.

Na aplicação metódica dos elementos profanos deve haver tanta precisão e consonância com a doutrina Católica, que as faculdades todas da alma humana, unidas na mesma fé, longe de qualquer impressionismo artístico momentâneo, se aproximem e penetrem mais e mais nos Altares de Deus Santo.

Continua

+Ano XVI, 11/10/1941, n° 807, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A Arte Cristã, liturgicamente Sacra, desenvolvendo-se harmoniosamente em torno do Altar de Deus Vivo, assegura, plenamente, ao fiel cristão ao máximo de Vida Católica no âmbito da unidade da Igreja.

É impossível discriminar as grandes influências psicológicas, simbólicas e estéticas da Arte Cristã, liturgicamente Sacra, sobretudo, quando se esforça, intencionalmente para que os membros do Corpo Místico entrando nos umbrais sagrados da Capela M'Or, descubram o segredo da força, o dinamismo de vida interior intensa que procede do Altar Sagrado.

Ali, na Pedra sagrada, no traçado horizontal de sua forma plástica, naquela aparência da quietude e calma, desdobram-se aos olhos da Comunidade Cristã, os Mistérios todos do Cristianismo, assimilam-se, quotidianamente, na unidade do mesmo Espírito Cristão, os frutos da Redenção de Cristo, constantemente, em todos os tempos e lugares, aplicados ás almas pelo poder divino outorgado á hierarquia sagrada.

O Altar, sugere-nos primariamente, a ideia de Oblação e Sacrifício.

Oblação total e irrestrita. Sacrifício extremado e eterno.

O mistério da Morte de Jesus Cristo se renova mística e realmente na extensão longitudinal da Ara Santa; assim como o Seu mis-

tério de Vida se perpetua, nas almas, pela continuidade do Sacramento Eucarístico que o tabernáculo encerra.

O Altar, com efeito, desde os tempos das Catacumbas até a época hodierna, imprime, na alma cristã que adora a divindade latente o sentimento da ortodoxia da fé sincera, perfeita e eterna.

Continua

+Ano XVI, 18/10/1941, nº 808, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Ao contemplarmos os motivos arquitetônicos da cristandade nascente, bem como a magnífica estrutura das catedrais da Idade Média, pensamos muitas vezes, em todos os recursos da técnica arquitetural; em todos os dados científicos sobre o equilíbrio e resistência dos materiais; nos ornatos simetricamente aplicados; mas, infelizmente bem pouco penetramos no Espírito que informa a obra.

O mesmo pode acontecer com a Arte Cristã, liturgicamente Sacra. O que a caracteriza, não é somente o conjunto meticulosamente harmônico de linhas, fechando-se nos ângulos da Capela M'Or. É mais, muito mais.

O caráter intencional da Arquitetura sagrada é algo de mais nobre, elevado e sublime. Confunde-se com o ideal cristão. Magnífica em seu conjunto, variada em suas partes, precisa em suas formas de elevação moral, a Arte Cristã, liturgicamente Sacra, sem incorrer em servilismo artístico, é a sucessão da aplicação no tempo, das formas clássicas do cristianismo primitivo. Dir-se-ia que a Arte Cristã, liturgicamente Sacra, possui um caráter especialmente marcante, tornando-se imortalizada nas páginas da História, pela consagração do Espírito universal Cristão. Vejamos este caráter, no que se concerne ao Altar Sagrado.

Continua

+Ano XVI, 25/10/1941, n° 809, página 06

Pela construção de nossa Catedral

Eu sempre tive para mim e a isto religiosamente me apego, que a Arte Cristã, liturgicamente Sacra, é a mais difícil de todas as artes. Continuo ainda a manter-me na minha convicção, porque em face do Modernismo Artístico, bem reduzido é o número daqueles que mantêm na Arquitetura Sagrada o seu Espírito Universal peculiarmente cristão.

A Arte Cristã, liturgicamente Sacra, não foi uma revolução brusca, operada caprichosamente, pelo espírito de independência e inovação. Não se impôs, nas páginas da História, pela força derrotista, nem pelo desprestígio dos elementos Greco-romanos, tradicionalmente reconhecidos como clássicos.

O grande segredo de sua conquista foi, precisamente, o ter estudado e compreendido a tempo, o meio em que vivia.

Não rejeitou tudo, destruindo, propositalmente, o material existente para construir sobre os escombros do passado o pedestal de sua glória. Penetrou Ela, insensivelmente na sociedade pagã, e aos poucos, suavemente apropriando-se dos elementos paganizados, aperfeiçoou-lhes as formas, transformou-lhes os ideais, inculcando o seu caráter universalmente cristão.

A sua Ação, ou melhor digamos, a Reação que operou era superior, racional, eminentemente construtora.

Ora o que se diz da Arte Cristã, liturgicamente Sacra, quanto ao todo, podemos afirmar o mesmo quanto às partes, também. Assim, o Altar Sagrado, na sua forma hodierna, primitivamente clássica, é o aperfeiçoamento dos modelos existentes no passado. Encontram-se Altares entre todos os Povos. Eram construções erigidas em lugares elevados e sobre as quais os homens primitivos consumavam os sacrifícios á divindade pagã.

Continua

+Ano XVI, 01/11/1941, n° 810, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Abro, hoje, um parêntesis, na serie de artigos aqui publicados, para descrever em suas linhas gerais, um magnífico Templo, agora em construção, na cidade do Rio de Janeiro.

Refiro-me á basílica de Santa Terezinha, á entrada do Tunel Novo. Dir-se-ia que o Arquiteto, a maneira dos Artistas Antigos, estudou cuidadosamente a Doutrina Católica, antes da elaboração e execução do plano arquitetônico.

É uma obra autêntica de Arte moderna estilizada, pondo em prática os princípios básicos da Arte Cristã liturgicamente Sacra.

De imponente fachada, traduzindo em sua forma uma justeza e sobriedade de linhas encantadoras, a construção daquela Basílica revela um bom gosto artístico pronunciado e é para nós um marco luminoso da Arquitetura Religiosa nas terras do Brasil.

Diante da maravilha do conjunto arquitetônico, vê-se e mais do que isto, - sente-se que o objetivo que presidiu á concepção e realização do plano foi, para o Artista, a Idea primária de Vida Cristã que o Cristianismo inspira e a Arte com o seu potencial de expressão, finalmente traduz.

Tudo ali surpreende, impressiona, arrebat. Despojada aquela obra, de todos os acessórios que não condizem com a dignidade e beleza dos Templos do Senhor, brilha ao lado da unidade do plano a beleza da Verdade Cristã transfigurada em linhas, num esforço constante e premeditado de introduzir Jesus Cristo na Arte numa forma artística inteligente e cristãmente adequada.

+Ano XVI, 08/11/1941, n° 811, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Referindo-me, mais uma vez, à Basílica de Santa Terezinha no Rio de Janeiro, cuja imagem trago decomposta na retina de meus olhos,

digo, que a construção daquele Templo em apreço é bem uma afirmativa oportuna contra aqueles espíritos que pensam ser a Arte cristã, liturgicamente Sacra, incompatível com o progresso evolucionista da Arquitetura Moderna, apegada rigorosamente às formas do passado. Não será supérfluo, nem fora de propósito relembrar aqui, as condições fundamentais, que perfazem as linhas daquele edifício sagrado, dando-lhe um cunho, especialmente hierático e profundamente cristão.

Quatro coisas, logo, afluem à nossa mente, ao descansarmos a vista sobre o conjunto majestosamente harmônico daquele Templo Católico: 1^a.) A expressão fielmente dogmática da Idea cristã; 2^a.) Uma forma concreta sensivelmente delicada; 3^a.) Partes proporcionalmente equilibradas; 4^a.) Adequação dos elementos profanos, isto, é, adaptação da matéria empregada à natureza e dignidade do objeto tratado.

O elemento material, isto é, a idea de vida cristã em consonância perfeita com a forma sensível do material empregado, manifesta-se de modo direto, simples, espontâneo. Direto, sem rebuços; simples, sem afetação; espontâneo, da própria espontaneidade natural. Atingir o alcance e compreender a Idea de uma obra de Arte Cristã, liturgicamente Sacra, é antes de tudo, trabalho de esforço pessoal, que requer não somente um potencial invulgar de iniciação artística, mais e mais do que isto, um conhecimento exato, claramente definido da doutrina católica que informa, extensivamente, a obra.

+Ano XVI, 15/11/1941, n° 812, página 04

Pela construção de nossa Cathedral

O “Artista Cristão” arrasta consigo uma grande responsabilidade que não se mede unicamente pelos princípios rigorosos da técnica arquitetural moderna; também e sobretudo, pelos princípios básicos da composição cristã.

Muitos fazem da “Arte Cristã, liturgicamente Sacra”, um simples trabalho artificial de “imaginação artística”, dissociada, por conseguinte, da “realidade sobrenatural” da vida plenamente cristã.

Vivem no mundo inteiramente subjetivo, num desdobramento cons-

tante de virtualidades sem a ligação precisa, oportuna e pratica com a ideia central de vida Cristã.

Para que um homem seja “Artista”, no sentido literal da palavra (sobretudo, artista cristão), é preciso que se trabalhe sua alma e que a transforme num tecido precioso de linhas perfeitamente entrelaçadas, prontas a informarem a ideia cristã, dentro da unidade do plano concebido.

O “Artista”, em geral, devido à contingencia de sua natureza humana, está sujeito a tudo. Ele vê, sente e age no mundo exterior que fornece idealizações à sua “veia artística”, contudo, ele sabe que os elementos profanos, podem e devem ser espiritualizados em ordem ao Criador dos seres.

Eu só compreendo a “Arte Cristã, liturgicamente Sacra”, como um Sacerdocio Mediador, que liga o sentido objetivo das cousas à realidade sobrenatural que os elementos exprimem. No fundo de toda “Arte Cristã, liturgicamente Sacra”, deve existir um traço de união ligando as almas á contemplação da Beleza Increada que é Deus. Estão, pois, bem longe, do verdadeiro sentido da Arte, os Estetas personalistas, que fazem da Beleza natural dos seres uma criação do homem pelo homem e para o homem, como se a Beleza objetiva das cousas não fosse participada de Deus.

+Ano XVI, 22/11/1941, n° 813, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Disse, no ultimo artigo, que a Arte Cristã, liturgicamente Sacra, é um Sacerdocio Mediado que liga o sentido objetivo das cousas á realidade sobrenatural que os elementos exprimem.

Hoje não retirando a expressão, explico-me extensivamente.

A Arte Cristã, liturgicamente Sacra, é sacerdócio no sentido real da composição timologica do termo. Trata-se, com efeito, de um officio altamente nobre, da parte daquele que deixa sair das profundezas de sua alma, uma dádiva perfeita de comunicação sagrada.

Sacerdócio é “quase sacra dans”. É um dom perfeito de uma para outra

alma. É um dom perfeito que reveste, necessariamente, uma forma perfeita, com caráter sagrado que nada tem de comum com o profano.

As raízes da Arte Cristã, liturgicamente Sacra, se acham dentro, no íntimo do próprio homem. É até aí que precisamos chegar, se quisermos compreender, na prática, a função peculiar do Sacerdocio da Arte.

O Artista Cristão, deve ser um homem, que na sua vida profissional, viva em plenitude o mistério da fê revelada. O Artista Cristão é um homem completo, que deve, integrar, no Sacerdocio de sua Arte, o plano eterno de Deus.

É porisso que na Arte Cristã, liturgicamente Sacra, não há lugar para mediocridade, não se pode conhecer falsidade e erro.

Tudo infalivelmente deve tender á Verdade Eterna que é o próprio Deus.

+Ano XVI, 29/11/1941, n° 814, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A Arte Cristã, liturgicamente Sacra, é realmente um Sacerdocio, pois, sentimos todos, que ela exige, a tempo, a compreensão nítida da: Sublimidade vocacional do Artista Cristão, integrando no Sacerdocio de sua Arte, o plano eterno de Deus.

Nós queremos todos, que ele, com o artifício da técnica, aproprie a si o material empregado e dê-lhe a forma intencionalmente cristã. Nós desejamos ver na extensão da obra, na visão pormenorizada e de conjunto, os traços característicos do misticismo artístico que religam as almas ao Criador, numa interdependência mutua de influxos vitais, que começam na terra pela enlevo de forma, mas terminam no céu pela contemplação de Deus.

Nós desejamos, do Sacerdocio da Arte, mais ainda:

Que se faça com grande esmero e sobriedade cristã a espiritualização dos elementos profanos, contando tudo aquilo que não condiz com a dignidade dos Templos do Senhor e que desvirtua, apouca e afeta a Beleza increada e Imutavel que é o próprio Deus, - da qual todos os se-

res, por mínimos que sejam, participam, embora, em graus diferentes. Que sintamos todos, a reprodução sensivelmente fiel da ideia primária de vida cristã, fazendo que os fiéis vivendo plenamente os mistérios da fé, evitem as divagações bisonhas de sentimentalismo ocioso, que certas construções, ditas sagradas, infelizmente, fomentam. Só assim, a Arte Cristã, liturgicamente Sacra, será um meio de elevar as almas até as altiplanuras dos céus e pô-las em contato com a beleza inefável que é Deus.

+Ano XVI, 13/12/1941, nº 816, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Todos os artigos que publicamos até agora, concernentes à Arte Cristã liturgicamente Sacra tiveram por fim em relevo, a grandeza e dignidade e excelência de uma Arte que absolutamente nada tem de comum com o profano.

Vimos, em suas linhas gerais e às vezes, particularizando, que a Arte Cristã liturgicamente Sacra é a extensão, ou melhor, digamos, é a concretização no tempo, (si assim podemos nos exprimir) da Beleza e Verdade Eterna que é o próprio Deus. Por isso no conjunto harmônico das linhas, na atitude edificante da forma, no relevo encantador do estilo, tudo em seus contornos e pormenores, deve estar tão intimamente ligado à Verdade revelada do Cristianismo, que os fiéis, longitudinalmente dispostos no corpo central da Igreja, vejam, sintam e possam agir conforme os mistérios da fé.

Sem esta ideia principal, sem este fio condutor das virtualidades cristãs, sem a concretização nas linhas, da ideia primária de Vida Cristã, despertada pela espiritualização dos elementos profanos, a Arte Cristã, liturgicamente Sacra, nunca estará á altura de sua nobre missão, por mais perfeitos que sejam os processos de técnica arquitetural moderna. E, digamos mais, que haverá o grande perigo de formar-se na consciência crítica da alma popular um mau gosto artístico, uma anomalia plástica, em detrimento funestíssimo do Sacerdício da Arte Cristã liturgicamente Sacra.

Padre Isnard da Gama

+Ano XVI, 20/12/1941, n° 817, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Há pouco tempo, caiu-me sob os olhos um álbum de Arquitetura Sagrada.

Abri-o avidamente, estudando pela aproximação comparativa dos quadros, os motivos e efeitos arquitetônicos dos séculos passados, daqueles séculos de vida cristã intensa e de intrepidez na fé incomparável. E enquanto me perdia no exame minucioso dos pormenores, senti profundamente, que não só os elementos da Arte, meticulosamente dispostos, se conjugavam, harmonicamente, em ordem á beleza plástica da matéria; mas também e sobretudo, (o que é para admirado), os arquitetos, possuídos de uma convicção profunda, construíaam para a eternidade de nossas almas.

Construir, simplesmente, é pouco. Construir, admirando as nossas almas, não basta. Construir, edificando e espiritualizando a corporação cristã, - é Tudo. Quem constrói simplesmente edifica para o tempo. Quem edifica espiritualizando constrói para a Eternidade. É por isto que nunca nos cansaremos de afirmar, que antes de atingirmos a matéria, devemos procurar o espírito; antes da forma bruta do edifício, devemos criar o espírito, digamos assim, que informa a obra.

Não nos esqueçamos nunca de que a Igreja que distribuiu a civilização e fomentou as Artes, sabe vencer através dos séculos, porque sabe desenvolver e repetir o que os homens tem de bom nas suas criações passadas, prestigiando deste modo, o patrimônio artístico da humanidade.

+Ano XVI, 27/12/1941, n° 818, página 04

Pela construção de nossa Catedral

No fundo de todas as Artes humanas, notemos, há sempre um cunho

particular de misticismo religioso, e acentuada saudade do céu.

É historicamente certo, que o Cristianismo aperfeiçoou, nas bases da doutrina revelada, o verdadeiro sentido da vida humana. Imprimiu, por assim dizer, á ordem das cousas, um caráter iminentemente sacral, que faz o homem, muitas vezes sem o pressentir, encarar a realidade existente sob o prisma da eternidade futura.

O que se deu em todas as esferas do conhecimento humano, havia de dar-se, também, de modo particularíssimo, no Sacerdocio da Arte Cristã, liturgicamente Sacra.

Integrados plenamente nos mistérios sagrados da fé revelada, eles, os cristãos, compreenderam desde cedo, no limiar da Arte Cristã primitiva, o Sacerdocio Superior de sua vocação artística.

E lá, nas Catacumbas Romanas, no labirinto daqueles esconderijos tenebrosos, mas, de aproximação divina, rompia-se os borbotões, a veia genial dos improvisados Artistas, que, sem materiais precisos de execução técnica, desenhavam, esculpiam e gravavam em toscas lápides, a grandeza, dignidade e excelência que o Cristianismo encerra.

Dir-se-ia, que os Artistas Cristãos afinavam os seus instrumentos, molhavam as suas palhetas no coração de Deus.

Esta eloquência muda dos tempos antigos, que nos é grato, agora, recordar, encontrava seu ponto de partida e de junção no espírito de simplicidade cristã, que do elemento aparentemente desprezível, tirava as melhores tonalidades de cores para debuxar, nem que fosse de leve, a grandeza da Onipotência de Deus na harmonia das suas perfeições divinas.

+Ano XVI, 03/01/1942, nº 819, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Nos dias sombrios que nos envolvem, quando vemos o *modernismo* avassalador infiltrar-se, sorratamente, nos ramos da atividade humana, arrastando as ciências, as artes e as letras a um sacrifício imperdoável, que riquíssima lição para nós, - a *vida*, o *exemplo* e a *ação* da primitiva comunidade cristã.

Nos primeiros séculos da Igreja, quando recrudescia a perseguição ao nome de Cristo, as almas cristãs, tolhidas na liberdade se refugiavam nas Catacumbas, florescia, maravilhosamente, o culto ao verdadeiro Deus dos cristãos, conhecido que estava, perfeitamente, o sentido superior da vida humana.

A *Arte* que é, precisamente, o meio prático e sensível de exprimir-se o *Belo*, achou, desde cedo, uma compreensão nítida, perfeita, de aproximar as almas de Deus pelos caminhos mais curtos da simplicidade evangélica.

Nada de rebuços, imprecisões, sentimentalismo vago.

Aquelas gravações singelas de inspiração cristã; aquelas formas aparentemente toscas, porem, de relevo divino; aqueles símbolos sagrados de comunhão na fé nunca perderam, através dos tempos, o seu sabor primitivo e foram guardados pela Igreja, como servindo de lugar positivo para mostrar ás almas que ali, nas Catacumbas, os *Cristãos*, desempenhando o *sacerdócio* da sua *Arte*, incarnavam nas suas obras, - a moral fielmente *pratica la* e o dogma plenamente *vivido*.

+Ano XVI, 10/01/1942, n° 820, página 04

Pela construção de nossa Catedral

As Catacumbas Romanas arrancam da alma cristã o sentimento espontâneo da emoção religiosa.

Sómente olhos distraídos de projeção fraca, não descobrem, nem distinguem, através daquelas galerias subterrâneas, os focos luminosos das sarças de fé eternamente ardentes.

Compreenderam os nossos primeiros irmãos na fé, aquela passagem da Sagrada Escritura em que se diz: “Não se acende uma luz para coloca-la sobre o alqueire; mas, sobre o candelábrio para que brilhe para todos os que se acham em casa.”

Com efeito, entre a prece e o exemplo, o sacerdócio da Arte primitivamente cristã.

Entre a prece e, dir-se-ia, a maior prece, a exemplo do Divino Mestre: “Pernoctans in oratione Dei.” E o exemplo, o maior exemplo:

“Ut diligatis invincem.

A concepção daquela Arte, filha da Eternidade das nossas almas, assinala, na história do mundo, um fato assombroso que separa precisamente o quimérico do real, o profano do sagrado, colocando as almas bem juntinhas, diante do pórtico do céu, - da Casa do Pai Eterno.

O gênio cristão pela prática constante da *meditação e prece*, encontrou o meio fiel de encarnar na Arte o Amor. E como o *Amor*, é tanto mais perfeito quanto mais se aproxima de Deus, eles, os *cristãos primitivos*, vivendo da mesma fé, na unidade do mesmo *espírito*, - criaram também, - o Amor da Arte Cristã.

O Artista genial, quando a inspiração o deslumbra, irmana-se com o santo.

As Obras verdadeiramente de Arte devem trazer o selo da Beleza de deus que elas incarnam e comunicam às almas.

+Ano XVI, 17/01/1942, n° 821, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Uma das páginas mais belas e emocionantes da *Arte*, primitivamente *cristã*, é, sem duvida alguma, aquela que se refere ao *simbolismo sagrado* das formas espiritualizadas, ligando, por assim dizer, o tempo limitado á eternidade de nossas almas.

Tudo alli, revestido da concepção cristã de uma *vida superior* e elevado ás altiplanuras da fé revelada, - ressen-te-se da presença de Deus.

É a presença do *espírito* na *matéria*, facilitando e elevando as almas ao gozo infável da prelibação dos céus.

Esta sensação do *divino* e objetivação das *realidades eternas*, brota, pura e consciente, das concepções cristãs, como si fossem *colunas de fogo* emergindo das catacumbas, dissipando as trevas pagãs.

A *Arte figurativa e simbólica* daqueles tempos de primitivo fervor cristão, nasceu, espontaneamente, do próprio espírito de contemplação e comunicabilidade.

O seu potencial de força criadora, destina-se a servir á realidade sobrenatural que o mistèrio encerra; de tal modo que a concretização exterior das obras, forme-se, estabeleça-se, pela necessidade interior que provém da contemplação da fè.

+Ano XVI, 24/01/1942, n° 822, página 04

Pela construção de nossa Cathedral

Quem quisesse dignamente tratar qualquer tema que se refira ao fervor primitivo da comunidade cristã, precisaria, por certo, pena de anjo sua vemente humedecida no coração de Serafim.

Porem, caros leitores, se assim acontecesse na ordem das cousas, a beleza do tratado poderia ser atribuída não á sublimidade intrínseca do assunto, mas á sublimidade extrínseca da pena.

Portanto, melhor há de se falar, *simplesmente* das almas cristãs das Catacumbas, tal como o nosso próprio coração dita e tal como dita, ao nosso coração, o próprio Espírito de Deus. E mesmo, digamos, esta nossa incapacidade de fixar, em nossos tempos, com cores indeléveis, o desempenho fiel do *sacerdócio* da *Arte Cristã*, glorifica a beleza excelsa de Deus, diante do qual, vale tanto uma estrofe minúscula da terra, quanto um hino harmonioso de um anjo do céu, perante o qual a pena de uma águia na sua juntura admirável é tão considerada quanto a asa ligeira e débil de um passarinho veloz.

O Sacerdócio da Arte Cristã nas Catacumbas obedecia a um impulso de *vida interior* cujas características formais eram derivadas do próprio coração de Deus.

Era um impulso de execução, inteiramente livre, porque ato intelectual e meritório.

E este impulso, dir-se-ia, um habito novo, integrado no conceito de vida cristã, fazendo com que as almas unidas se pusessem diante do pórtico do céu, copiando, fielmente, na extensão das obras, a beleza infinita de Deus.

Pela construção de nossa Catedral

Ter olhares e não ver a *beleza, o bem supremo*; ter mãos e não querer sobraça-la, ter ouvido e dela fugir para não escutar, é, e só pode ser, ou por ignorância do assunto, ou imperfeição moral bem pronunciada.

Com efeito, Deus, na comunicação constante das suas dádivas de amor com que brinda o coração humano, deu a todos os mortais uma *razão* que é *luz* e, uma *vontade* que se torna – *força*.

Mostra nos com a força penetrante da *revelação cristã* as cousas, *os* motivos, *para a adesão completa da nossa inteligência* criada. Si esta razão é *reta, pura e sincera*, a clareza da Verdade esplende dos nossos olhos, sem dificuldade alguma; o *belo* se nos apresenta com toda a estética guardando inviolavelmente a unidade harmoniosa do plano preconcebido.

Do mesmo modo, a vontade dirigida pela razão aprova-lhe os atos, destrói-lhe os preconceitos, aperfeiçoa e confirma a inteligência humana que é criada única e tão somente, para a Verdade!

Sim, póde acontecer que muitas vezes, não se perceba o *nobre*, o *belo*, o *sublime*. Pode acontecer, que estando nós diante de um painel artístico, não nos fale, eloquentemente, a grandeza do pincel que o pintou; mas, o Belo em si não deixou de ser *belo*; somente a nossa razão não lhe compreendeu a expressão do alcance, porque guiada por uma vontade malsã que descobre constantemente nos quadros defeitos que eles não tem.

E é por isto que não se compreende o espírito da Arte primitivamente cristã, relegando-a, muitas vezes, para segunda plaina, como si fosse anacrônica e obsoleta.

+Ano XVI, 07/02/1942, n° 824, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Antes de tratarmos d'outro assunto, deixamos, aqui, traçado em suas linhas gerais, tudo o que estudamos no ano passado, concernente á Arte Cristã, liturgicamente Sacra.

Aspecto teórico: - Jesus Cristo, Ideal do Belo na Arte Sacra:

1°) Princípio *vivificador* da Arte

2°) Meio *condutor á gloria do Pae*

3°) *Fim ultimo da Beleza plastica*

Jesus Cristo, Verdade Suprema

1°) Princípio *animador* da comunidade cristã dos fieis: “Ego... veritas.”

2°) Fim *ultimo* das almas unidas na extensão do Templo: “Ut omnes unum sint.”

Aspecto pratico: Elementos do *Sacerdócio da Arte Cristã*:

1°) *Concepção* do plano na unidade do Espírito Cristão

2°) *Simplicidade* de ação no movimento arquitetônico

3°) *Espiritualização* da forma em ordem á Eternidade

4°) *Penetração* do estilo no pensamento cristão.

(Dogma vivido – Moral praticada)

+Ano XVI, 17/02/1942, n° 825, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Não sei se alguém já houve que tenha estudado “ex professo”, a cultura do Sangue no Sacerdócio da Arte primitivamente cristã.

Não sei si já houve alguém que descobrisse naquele culto de veneração cristã ao sangue dos Mártires pela fé, o traço característico, a expressão fiel, daquilo que eu não trepido em afirmar: - *Racismo Cristão*.

Neste mundo moderno paganizado e paganizante, quando, os olhos desarmados, vemos e sentimos perichtar a civilização cristã,

quando o *Racismo Alemão*, congestionado de torpezas, ensina e espalha aos quatro ventos, a teoria absurda da *mistificação da raça*, em detrimento funestíssimo da *fé e moral* católica, é bom que ponhamos em relevo, diante da Consciência Católica dos fiéis, a Cultura do Sangue no Sacerdócio da Arte primitivamente Cristã.

Nisto, também, existia Arte nas Catacumbas Romanas.

E com o Racismo Alemão é formalmente condenado pela Santa Igreja, antes de expormos a natureza, dignidade e excelência da cultura do Sangue entre os cristãos primitivos, faremos um estudo sobre o neo-paganismo racista que é o pomo de discórdia na Europa toda.

(Continua)

+Ano XVI, 21/02/1942, n° 826, página 04

Pela construção de nossa Catedral

Diante de um mundo que se debate continuamente em confissões descabidas de erro e que parece haver perdido o senso nobilitante da dignidade cristã, - o Nazismo Alemão ou Nacional Socialismo com o seu Credo medularmente errôneo e sua Mística tendenciosamente extremista, se nos apresenta como fator pronunciado da decadência vertiginosa de uma nação, que pretende libertar-se dos princípios básicos da moral evangélica.

Haverá, realmente, um Racismo perfeito de proporções e vantagens gigantemente fantásticas conforme assinalam e ensinam, abertamente, os Instrutores oficiais da Alemanha Nazificada?

Haverá, positivamente, um puritanismo de raça tal, que se possa distinguir, através dos tempos, como causa preponderante do progresso de uma nação civilizada?

Haverá, com efeito, á margem da História etnológica dos povos, uma raça tão transcendente, de uma atuação caracteristicamente peculiar, que seja supereminente e leve em desprestígio as demais raças espalhadas pelos quadrantes do Planeta?

Qual o princípio filosoficamente certo, ou pelo menos, provável, em que possa estribar-se a teoria absurda do racismo pagão?!

Onde se acha uma justificativa para a cultura do Sangue?
Sustenta-se, porventura, tal teoria á luz da crítica histórica?
(Continúa)

+Ano XVI, 28/02/1942, n° 827, página 04

Pela construção de nossa Cathedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO Á CULTURA RACISTA ALEMÃ

Falemos, hoje, sobre a Raça considerada em seu aspecto geral. Deixemos os torneios e atinjamos, logo, o assunto em sua fonte primaria.

O Racismo Alemão é a exploração extrema da ideia – raças humanas.

Sabemos todos, desde a escola rudimentar, que existem no mundo quatro Raças distintas entre si, pela colaboração da epiderme, a saber: *Branca, preta, amarela e vermelha.*

Mas, então, a que Raça pertencem os homens que possuem as diversas modalidades de côres destas quatro côres já existentes?!

A noção de raça, considerada em si mesma, parece-nos pouco *justa.*

Reveste ela muitos outros sentidos. Vejamos: Quando falamos da raça humana, a expressão, consoante o nosso modo de ver, torna-se, patentemente, sinônima de *espécie humana*. Assim também, de um homem de elevação proeminente, dizemos, vulgarmente, que é *granfino*, pertence á *raça cultivada*; ao contrario, de um criminoso, de um individuo de maus instintos, dizemos que ele é de *Raça Inferior*, camada profundamente baixa.

Por falta de conhecimento exato do valor do vocábulo “*Raça*”, falsifica-se a expressão, estabelece-se a confusão reinante.

Continuaremos na próxima vez.

+Ano XVII, 07/03/1942, n° 828, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

Dizem os entendidos em matéria de Etnologia, que quanto mais progredirem os nossos conhecimentos, mais difícil se torna a definição exata de Raça em sua concepção plenamente satisfatória, consequentemente científica.

O antropologista inglês Haddon, afirma que o termo Raça é, geralmente, empregado para expressar um grupo de homens que possuem, em comum, certos caracteres.

Na sequência dos séculos afora, duas correntes deterministas se formam, à margem da História e pretendem impôr-se à consciência individual dos povos ditos civilizados.

São duas Escolas que se debatem na apresentação de suas teorias baseadas em princípios meramente prováveis e não, como muitos apregôam, absolutamente certos.

São dois fatores necessários, entrando largamente em jogo, para determinação científica da Raça humana.

São, em suma, os Fatores Culturais e os Fatores Somáticos.

Ora, quem não vê que tal concepção é um materialismo grotesco na sua aplicação imediata?!

Quem não percebe que o valor exagerado de tais Fatores preponderante, é um culto dedicado às forças biológicas do Sangue?!

Quem, porventura, não sente nisto a imposição necessária de uma lei ética determinante e, dir-se-ia, degradante, que arruína, totalmente a hierarquia dos valores colocando o Sangue da Raça Humana como princípio único, não sómente da vida Inferior, mas, também e sobretudo, da Vida Superior, Cognitiva e Volitiva?!

(Continúa)

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

A lei determinante da seleção racial destrói, na mente do homem, a concepção cristã da vida sem respeitar o fôro interno das consciências individuais.

Para o *racismo Alemão* o homem não se pode furtar às exigências da raça. Acha-se, essencialmente, subordinado à Raça, formando com ela, um todo *homogêneo e exclusivo*.

O valor do homem é, apenas, *relativo, efêmero, acidental*; ao passo que Raça concretiza o valor *transcendente, absoluto, real*.

O *Sangue racial* tornou-se o princípio formal e exclusivo do *Direito*, bem como o fundamento último de uma *Moral* meramente *utilitária*. Considera-se como *justo, razoável, adequado*, tudo aquilo que convem à Raça Humana enquadrada nos limites estreitos da força biológica do sangue.

Injusto, ao contrário, é tudo aquilo que se contrapõe como nocivo à Raça. Consoante as próprias afirmações de Rosemberg, o filósofo introdutor do Nazismo, “as cousas só valem à medida em que servem à Raça”.

Entre os princípios absurdos que veem ferir, de cheio, a doutrina Moral Cristã e tem ponto de contato com a moral de Machiavel, nós podemos encontrar o seguinte: “Tudo o que conserva a pureza e aumenta o vigor da Raça, é honesto e licito.” Ao contrário, tudo aquilo que pode contribuir à degenerescência racial deve ser, terminantemente, impedido mesmo à força técnica de processos medicinais.

E diga-se, ainda, que o Racismo Alemão não se contrapõe, evidentemente, ou melhor, digamos, aberrantemente, ao espírito do Racismo Cristão, fundado na Redenção de Cristo!!!

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

Abro, hoje, um parêntesis e falo:

S. Paulo, o Apostolo Bandeirante do Evangelho, com o seu espírito eminentemente *realista e prático*, é bem um programa de *Vida* para os homens de nossos dias.

S. Paulo, com sua atitude dignamente sobranceira, pairando acima do envoltório carnal, não temia o desfavor das circunstancias, nem o susurro intempestivo da natureza falha. O seu estribilho era: “Préga a palavra, insta oportuna e inoportunamente... Em certa circunstancia, dissera: “Em tudo somos atribulados, mas, não angustiados; perplexos, mas não desesperados; perseguidos, mas, não desamparados; abatidos, mas não destruídos...”

Afirmou, também, que a *dissensão* do Espírito opõe-se a Cristo, discorrendo, categoricamente, sobre a Doutrina Revelada: “Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como sábio construtor; mas, outro edifica sobre ele”. “Porém, cada um veja como sobre ele edifica. Porque ninguém póde pôr outro fundamento, sinão o que foi posto, que é Jesus Cristo.”

Em outro passo, S. Paulo, acautelando os fieis das Igrejas nascentes, diz: “para que não sejamos Crianças jogadas de um para outro lado e levadas por todo o vento de doutrina, devido á malicia dos homens e á astucia com que induzem ao erro.” E mais, ainda: “Estai de sobreaviso, para que ninguém vos iluda com a Filosofia e com Sofismas vãos, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo.

Num mundo moderno, causticamente enervante, quando a Ideologia Racista pretende destruir o código do Sinai; quando o Direito da Força trama, abertamente, contra a Força do Direito; quando as

nações divididas contra si mesmas, tombam por terra, fragorosamente; não podemos embaralhar, estropiar, dissecar a essência puríssima da Doutrina da Igreja, “Coluna e firmamento da Verdade”.

A proposito, Jesus Cristo, no Evangelho da III Dominga da Quaresma: “Todo reino dividido contra si mesmo, será assolado...” Quem não está comigo, está contra mim; quem não reúne comigo, disperdiça.”

As meias – atitudes – não positivamente definidas, são caricaturas da Fisionomia de Cristo no Tempo e no Espaço.

Fecho, agora, o parêntesis e calo.

No 3º Artigo, onde se leu “colaboração da epiderme, “leia-se: coloração da epiderme.

No 5º Artigo, onde se leu “introdutor do Nazismo,” leia-se: Instrutor do Nazismo.

+Ano XVII, 28/03/1942, nº 831, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

Era o meu desejo continuar nesta coluna a mostrar, com provas, os erros funestos do Racismo Alemão, contrapondo-se á doutrina revelada por Nosso senhor.

Hoje, devo fazer a síntese e dizer:

- O Cristianismo não é uma Religião para “escravos” ou “imbecis” conforme ensinou um dos Chefes da juventude hitleriana nazista. Jesus Cristo, que é deus e Homem verdadeiro fundando a sua Igreja “Ecclesia meã”, transmitindo aos seus Apostolos o tríplice poder de “Ensinar”, “Reger” e santificar os fieis, não tolheu, nem tão pouco destruiu a liberdade dos homens reduzindo-os a Escravos, mas, muito pelo contrario, valorizou a liberdade do homem de modo que, confor-

me ensina a Teologia católica, as Obras dos homens para merecerem a Eternidade dos Céus devem ser livres de coração e necessidade. Assim se explica aquele texto do “Eclesiástico”, que diz: “É digno de merecimento do céu aquele que pode fazer o mal e não o fez: “Qui potuit facere mala et non fecit”.

A razão disso, é o seguinte: Ninguém é remunerado ou punido a não ser que, seja senhor dos seus próprios atos, isto é, a não ser que seja intrinsecamente livre.

Outro absurdo: “Para o cristianismo, não há distinção entre Negros e Alemães. Respondo dizendo: Depois do Cristianismo, são todos os homens filhos do mesmo Pai que é Deus, remidos por Jesus Cristo que “destruindo a morte nos deu a Vida Eterna”. De passagem, digo a palavra de S. Paulo: “nao existe acepção de pessoas diante de Deus: “Non est personarum acceptio apud deum”.

Outra passagem das proposições racistas: “A Igreja sempre opera com a violência e o terror”. Respondo, enviando os contraditores para a Historia: estude-se a civilização cristã dos Países Europeus operada por S. Bonifacio, S. Patricio, S. Remigio, e outros, e ver-se-à, justamente, o contrario, isto é, a Igreja vencendo pela força da Caridade e não pela Caridade da força.

Mais uma: “O mal passa, o bem fica e porisso, a Igreja católica deve acabar”. Contrasenso! A Igreja de Jesus Cristo tem a promessa da existência eterna e infalibilidade em matéria de doutrina e moral. A propósito, ouça-se Jesus Cristo: Eu estou convosco, todos os dias, até á consumação dos séculos.

Quisera discorrer, discriminadamente, sobre as 49 proposições racistas; mas ... na próxima vez veremos o reverso da medalha, isto é, o “Racismo Cristão”.

+Ano XVII, 04/04/1942, n° 832, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO Á

CULTURA RACISTA ALEMÃ

Uma vez estudada, em suas linhas gerais, a Cultura do Sangue no Racismo Alemão, passemos ao reverso da medalha: - o Racismo Cristão.

Não existe, com efeito, uma cultura do Sangue inteiramente diversa, muito verídica e bem fundada na Redenção de Cristo?!

Sino, vejamos: Não é, porventura, o Sangue, o princípio de uma vida superior, a fonte superabundante das mais altas qualidades vitais?! Não existe na humanidade uma ordem, supereminentemente, divina?!

Vamos, então, expor o papel do Sangue na economia sobrenatural.

Si nós estudarmos, criteriosamente, à luz do Antigo Testamento, o valor do Sangue das Vítimas em holocausto, veremos que o Sangue derramado era um alimento de importância capital, um símbolo de libertação.

Assim, quando Jehovah ordena que a décima praga mate os primogênitos das famílias egipcias afim de que forçasse o Farao deixar sair do Egito o povo hebreu, os israelitas são obrigados a imolar o cordeiro imaculado e tingir com Sangue os batentes de suas portas para que o anjo exterminador não entre em suas casas.

Como pode acontecer, considera S. João Crisostomo, que o Sangue, tenha esse poder?! Um simples sangue de um Cordeiro será capaz de salvar uma criatura racional?

Continuaremos no próximo numero

+Ano XVII, 11/04/1942, não 833, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSICO  CULTURA RACISTA ALEMÃ

Continuando o Artigo passado, digo, que o Sangue do Cordeiro póde salvar a criatura racional. Ouçamos a explicação de S. João Crisostomo, na sua Homilia do Breviario Romano: “O Sangue salva, não enquanto Sangue; mas enquanto Simbolo do Sangue Redentor”. O raciocínio do grande Santo, è o seguinte: Assim como as criaturas dos Reis, simbolizadas por estátuas, desprovidas de razão e palavra, podem salvar os homens dotados de memória, entendimento e vontade; de tal modo que aquelas imagens servindo de baluarte acobertam e defendem os homens pela lembrança do príncipe que representam; assim, esse Sangue, destituído de Razão, salvou, no passado, homens, não por ser, simplesmente, Sangue; mas, por ser prefigura do Sangue Redentor.

No plano divino da economia eterna, o Sangue se nos apresenta, ainda, como Simbolo autentico de aliança das almas com Deus.

Quando Moisés no deserto escreveu todas as palavras e leis de Jehovah e leu o Livro da Aliança, o Povo exclamou: “Faremos tudo quanto Jehovah ordenou e a isto obedeceremos!” Que fez, então, Moisés? Tomou o Sangue das Vitimas oferecidas em ação de graças, derramou a metade sobre o altar e com a outra aspergiu o Povo, dizendo: “Eis o Sangue da Aliança que o Senhor concluiu convosco por tudo isto.”

Continuaremos no próximo numero

+Ano XVII, 18/04/1942, n° 834, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO Á CULTURA RACISTA ALEMÃ

Si o sangue è símbolo do Antigo Testamento da Aliança dos homens com Deus, ele se nos apresenta também como símbolo de purificação legal. Para aqueles holocaustos antigos, em que se destruíam sacrificialmente as Vitimas, o Sangue aparece como elemento principal

e estritamente indispensável para a purificação exigida pela Lei.

O respeito ao Sangue era tão grande, que se tornava proibido aos homens, servirem-se daquelas libações sanguíneas e sorve-las, mesmo, sem faltar-lhes o respeito devido.

A razão de tudo isto, é considerar-se o sangue como principio de Vida. Ouçamos Moisés, autoridade máxima na historia do verdadeiro culto do Sangue: “A alma da carne, diz a lei de Moisés, está no Sangue, e vo-lo dei para o altar afim de que sirva de expiação às vossas almas. (Lev. Cap XVII 11, 12, 14).

Entregando o Sangue diante do Altar, Moisés reserva e atribue a Deus o direito exclusivo sobre a Vida, assim, como, por aquele rito externo, queria simbolisar a expiação e purificação da alma diante dos Tabernaculos de Deus Vivo.

Continuaremos no próximo numero

+Ano XVII, 25/04/1942, n° 835, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

A unidade do Genero Humano foi estabelecida pelo pecado de desobediência formal às ordens do Creador.

Diante disto, a Revelação Divina contem dois dogmas fundamentais, estabelecendo a unidade do Genero Humano, a saber: o Dogma do pecado original que passou a todos os descendentes de Adão, “in quo omnes peccaverunt”; bem como o Dogma da redenção operada por Jesus Cristo, mediante o seu Sacrificio piacular da Cruz, “Lavit nos in Sanguine suo”.

O pecado original, não é um pecado metafórico; mas, rigorosamente falando, um “pecado de natureza,” consoante a expressão lapidar de Santo Tomás de Aquino.

Pecado este que se acha tão profundamente arraigado no ho-

mem, ao nascer, que o vicia, interiormente, segundo nos ensina o sagrado Concilio Tridentino: “Inest unicuique proprium.”

Não é, por conseguinte, o pecado original, uma falta, juridicamente imputada aos homens; mas, possui o seu sentido mais exato e profundo nas palavras terminantes do Apostolo S. Paulo, quando se esforça para explicar a questão: “Per inobedientiam unius hominis, peccatores constituti sunt multi.” “Pela obediência de um só homem, todos se tornaram pecadores”.

Há, por conseguinte, um ponto de contato físico e moral, que faz com que todos os homens tenham pecado nos próprios pais. Aí, está, precisamente, a unidade essencial do Genero Humano, baseada no Misterio do sangue contaminado pelo pecado Original nos nossos primeiros Pais.

Continuaremos no próximo numero

+Ano XVII, 02/05/1942, n° 836, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

O Racismo Alemão pretende destruir a unidade do gênero humano, baseado no pecado original. A doutrina católica do pecado original, vista no ultimo artigo, opõe-se, inteiramente, á mística exagerada do Racismo anti-cristão.

A dissecação absurda da humanidade em raças separadas e irreduzíveis dotadas de caracteres tão perfeitos que sejam e estejam acima dos demais homens, “superhomens,” é absurda e insustentável diante da unidade básica do gênero humano estabelecida pela perda da justiça original.

Os homens, depois daquele “peccatum naturae,” pecado de natureza, sentiram as suas faculdades diminuídas e até, hoje, sofrem as influencias daquele pecado de desobediência formal ás ordens do

Criador.

A inteligência, a memória e a vontade ficaram inclinadas á concupiscência da vida, porque todos participaram da falta dos nossos primeiros pais, sofrendo tristes consequências. Ora, com o raciocínio mais vulgar, nós vemos que o principio da unidade do Genero Humano é o Sangue.

Logo, conforme acentua o Eminentissimo Snr. Cardeal Von Roey, Arcebispo de malinês, “já que nada impede conceder que o Sangue produz as características próprias das diferentes raças, é preciso também admitir, de outro lado, que ele une todas as raças humanas e todos os indivíduos na união mais intima que se possa conceber.”

Na próxima vez, começaremos, então, a estudar, a redenção operada por Jesus Cristo pelo derramamento de Sangue, resgatando as almas pelo Sacrificio de Cruz.

+Ano XVII, 09/05/1942, n° 837, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO Á CULTURA RACISTA ALEMÃ

Do mesmo modo que pelo Sangue derivado do primeiro homem se transmite a lei do pecado original, assim também, se realiza a restauração do Genero Humano pela Virtude do Sangue do Novo Adão que é Jesus Cristo.

E, assim como o sangue de Adão é comunicado aos homens pela geração; assim, também, é pelo nascimento a uma nova vida, admirada por Nicodemos que o Sangue do Redentor opera plenamente, a sua eficácia superabundante, segundo as próprias palavras textuais de Jesus Cristo: “Oportet vos nasci denuo” (João III,3.) Eis o papel característico do Sangue Divino na Economia Redentora de nossas Almas remidas. Segundo o plano da vontade eterna de Deus, a eficiência deste Sangue, é formalmente sobrenatural, embora, fisiologicamente,

encarado, seja ele, o mesmo Sangue que corre na veia dos demais homens. A única diferença, segundo a palavra autorizada do Cardial Von Roey, é que este Sangue ao entrar na natureza humana de Cristo, pertence à pessoa divina do Verbo, e, desde então, participa, instrumentalmente, da sua onipotência Eterna. Vejamos, por conseguinte, o valor do Sangue de Cristo, á luz da Teologia Catolica.

A morte de Cristo na Cruz pelo derramamento de todo o seu Sangue, constitui um sacrifício Verdadeiro e propriamente dito, isto é, um ato solene, satisfatório e superabundante, pelo qual Jesus Cristo livra as Almas do cativo do pecado, reparando a justiça de Deus ofendida.

Isto, nós poderemos encontrar, não somente nas palavras textuais dos Livros Santos, mas também, na Historia Patrística da Igreja.

Vamos percorrer, pois, na próxima vez, sobre o dogma da Redenção operada por Jesus Cristo, e, assim teremos firmado o valor preponderante do sangue redentor, na salvação eterna de nossas almas.

+Ano XVII, 16/05/1942, n° 838, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

O Padre Faber, no seu admirável livro sobre o “Precioso Sangue” é um dos que melhor focaliza o valor superabundante do Sangue de Jesus Cristo na Redenção das Almas.

A prodigalidade do Sangue do Cordeiro Imaculado, a sua efusão assinala para nós um prodígio de liberalidade divina, e é, antes de tudo, uma manifestação esplendida e necessária da onipotência de Deus.

Foi, porisso, precisamente que o Sangue Redentor se tornou o elemento indispensável e principio unificados da humanidade regenerada.

Na Ordem da Economia Eterna, o mistério do Sangue haveria

de ser a causa instrumental da reintegração do homem nos seus destinos eternos.

O Sangue Redentor, será o timbre, o Selo por Deus autenticado, para a aliança nova entre a Criatura e o Criador.

“Este é o cálice do meu Sangue que será derramado por vós.”

O Sangue de Cristo, é, de fato, o preço da Redenção: “Pretium Redemptionis”.

Verdadeira emptio ou redemptio, no sentido realissimo da palavra latina.

Assim, S. Paulo nos ensina que fomos resgatados por um alto preço; “empti enim estis pretio magno” (I ad Cor. VI, 20): que temos a Redenção em Cristo por seu Sangue. “In quo habemus Redemptionem per Sanguinem ejus” (Efeso I,7); que Jesus Cristo adiuviu a Igreja por seu Sangue; Ecclesiam Dei quam acquisivit Sanguine Suo”.

Continuaremos no próximo numero

+Ano XVII, 30/05/1942, n° 840, página 04

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

Jesus Cristo na obra redentora da salvação das Almas, derramou todo o seu Sangue de tal modo que podemos exclamar como o Salmista: “Copiosa apud Eum Redemptio.” (OS CXXIX,7)

A S. João, Vidente de Patmos, Jesus Cristo na sua obra messiânica, se apresenta coberto com uma veste de Sangue; “Et vestitus erat veste aspersa sanguine”. (Apoc XIX, 13)

E se nós quisermos examinar, profundamente, o valor meritório do Sangue derramado por Jesus Cristo, leiamos as Epistolas de S. Paulo aos Hebreus, onde o Salvador das Almas, como Pontífice e mediador da Nova Aliança, apresenta-se ao Pai Eterno como preço de resgate da Humanidade decaída.

Existe na Epistola aos Hebreus, uma oposição frisante entre

o Sacerdote da Antiga Lei e Jesus Cristo, Pontífice Eterno das Almas remidas no seu Sangue. Jesus Cristo, conforme assinala S. Paulo, não entrou “num Santuario feito por mãos de homens, á maneira do Sumo Sacerdote da Lei Antiga, que penetrava, uma vez por ano no “Sancta Sanctorum; Jesus Cristo, conforme a expressão lapidar do Apostolo, “penetrou no céu mesmo; não se apresentou “com um Sangue estranho,” mas , “com o seu próprio Sangue.” Formou-se novamente, uma ponte de ligação entre os Remidos e o Redentor, levando, ascensionalmente as almas para o trono de Deus.

Das sagradas Escrituras, podemos deprender, claramente, a eficácia superabundante do Sangue de Cristo: Pelo Sangue Redentor, aqueles que estavam longe de Deus, d’Ele se aproximam: “Nunc auem in Cristo Jesu vos, qui aliquando eratis longe, facti estis prope in Sanguine Christi.”

+Ano XVII, 06/06/1942, n° 841, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

Continuando o estudo sobre o valor do Sangue de Jesus Cristo na Redenção da Humanidade, digo que aquela imolação sangrenta foi um verdadeiro sacrificio, cujos méritos superabundantes são constantemente aplicados ás nossas almas cristãs.

Os primeiros homens ofereciam frutos e imolavam vitimas, provando assim que Deus era o Soberano senhor de todas as cousas. Mas, si fizermos um paralelismo entre o Sacrificio efetuado por Jesus Cristo e os Sacrificios da Antiga Lei, veremos que em tudo aquilo do passado não passava de mera figura, diante da realidade que haveria de vir. O próprio Apostolo S. Paulo, no-lo afirma, assim: “Omnia in figura contingebant illis.” Eram elementos fracos desprovidos de virtude sobrenatural: “Egena elementa”. Eram, no entanto, de certo

modo, agradáveis a Deus porque representavam, embora palidamente, o Sacrifício Uico e Real que deveria vir na plenitude dos tempos. Jesus Cristo foi quem, na expressão de S. Paulo, ofereceu-se a Deus por nós, como uma Oblação e um Sacrifício em odor de suavidade; “Christus tradidit sementipsum pro nobis oblationem ET hostiam Deo in odorem suavitatis.” E foi numa oblação sacrificial tão completa e satisfatória na sua propiciação que S. Paulo pode dizer: “Quem proposuit Deus propitiationem per fidem, in Saguine Ejus”.

+Ano XVII, 13/06/1942, n° 842, página 02

Pela construção de nossa Cathedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

Os fieis da Santa Igreja formam o Corpo Místico de Jesus Cristo, A todas as almas que se unem na mesma Fè, tem um único Batismo são aplicados, constantemente, os méritos superabundantes do Sangue Redentor.

A Igreja Catolica, considerando os seus Filhos como verdadeiros Membros Vivos do Corpo Glorioso de Jesus, faz correr em nossas almas a seiva vivificante da graça na comunicação perene dos frutos da Redenção.

Este contato vivificante, extraordinário e único, se estabelece por meio dos Santos Sacramentos, que na expressão lapidar de Santo Tomás de Aquino, são Relíquias Preciosas do Sangue Redentor.

Estes, para usar da expressão, universalmente clássica, são os “canais”, os “Fios Condutores” da Seiva Divina comunicada por Deus e recebida por nossas almas. Assim, por meios diversos, o Sangue de Jesus, cai sobre os Homens, deles se apossa, eleva-os, transforma-os de tal modo que se poderá exclamar como Santo Agostinho:” Quem quiser perceber a Vida que dimana de Jesus Cristo, por meio dos Sacramentos, tem onde viver, possui como viver, aproximar-se-á, será

incorporado e conseqüentemente vivificado.” Qui vult viver, habet unde vivat, habet ut vivat, accedat, incorporetur ET vivificetur.”

+Ano XVII, 20/06/1942, n° 843, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

São Paulo è chamado pelos Escritores Sagrados, o Apostolo do Corpo Místico de Cristo.

Foi Ele quem revelou a todos os Povos a Nações o Misterio estupendo de Cristo Incarnado e Redentor. Foi Ele quem desenvolveu e explicou de modo perfeitissimo, a doutrina de Cristo, Cabeça da Comunidade dos Fieis.

Muitos encaram Jesus Cristo de modo puramente histórico. É um Cristo longinguo, cuja atividade vital no seu sentido divino, já não se impõe, nos tempos modernos.

No entanto, a Verdade evidente, palpável, sensível, é que Jesus Cristo para a alma Cristã, que efetiva no tempo o plano da Economia Eterna de Deus, Jesus Cristo, digo, possui um dinamismo vital profundamente restaurador do Homem, que vive na Terra de passagem à Eternidade.

Daí o sentido da Doutrina do Corpo Místico, que congrega, une, estreitamente, as Almas a Jesus Cristo, fazendo que os Homens percebam, à flux, os méritos superabundantes do Sangue Redentor. Os Sacramentos são os meios ordinários para receber-se a seiva comunicativa da vida de Deus.

Ao fundar a sua Igreja, Jesus Cristo, não instituiu um Reino formado apenas, por um arcabouço visível. Isso constitue o exterior, parte indispensável, sem duvida, e cuja suprema conveniência se explica facilmente: O Homem não é sómente Alma; possui também Corpo e Sentidos.

Não ignorava isto Jesus Cristo.

Porisso, a Sua Igreja deveria comportar uma Hierarquia Visível, um Magisterio Exterior, um Culto que falasse abertamente aos olhos.

Mas, este lado somático, exterior, não é Tudo. A Igreja não é sómente uma Administração; é também uma Pessoa Moral.

Não è, apenas uma organização, no dizer de muitos, complicada; mas, antes de tudo – e sobretudo, um Ser Vivo vitalizante.

+Ano XVII, 27/06/1942, n° 844, página 02

Pela construção de nossa Cathedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

Continuando o estudo sobre o Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, digo que de dois modos a Alma Cristã pode fazer parte deste Cristo Coletivo, a saber: Perfeita ou Imperfeitamente.

Perfeitamente, si ligada a Jesus pelo Batismo e pela profissão exterior da Religião, a alma se acha em estado de graça, isto, interiormente unida a Cristo, recebendo, d'Ele a Seiva Vital Divina.

Imperfeitamente, si conservando, embora, a comunicação exterior com Cristo por meio da Fé, a Alma se encontra em estado de pecado, como se fosse galho seco violentamente destacado do tronco.

Ora, entre todos os sacramentos, o mais próprio a fomentar, manter e desenvolver a vida divina na Alma, acha-se a Divina Eucaristia.

A Eucaristia, consoante a expressão unanime dos Santos padres, realiza efetivamente para a Alma Cristã, o sentido perfeito e completo da unidade orgânica entre Cristo e as Almas. “Ut omnes unum sint.” “Ut sint consummati in unum.” “Para que todos sejam uma unidade.” “Para que sejam os homens consumados em um como meu Pai e Eu somos um.” Foi o desejo explicito de Jesus. Eis, pois, o resumo

assombroso da unidade orgânica, da penetração íntima de sentimentos e afetos na participação efetiva do Amor de Deus.

O homem é fraco de mais para permanecer um com os seus irmãos. É necessária a intervenção onipotente de Deus, misturando-se, por assim dizer, com a Vida das Almas.

O homem que necessitou de um mandamento especial para amar; necessita, também, de um Sacramento especial para observar, fielmente, este mandato, vivendo unido a Cristo e aos seus semelhantes na unidade da harmonia do mesmo Espírito Cristão.

+Ano XVII, 04/07/1942, n° 845, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

A união da nossa Vida á Vida de Cristo Eucarístico, constitue a base do nosso desenvolvimento sobrenatural dentro deste Corpo Místico de Jesus, que é – a Igreja.

Pela Fé e pelo Batismo, já, as Almas formam uma grande Unidade espiritual, “Uma Fides”, “ Unum baptisma”; mas, eis que um laço mais estreito, penetrante e íntimo, vem desenvolver e completar a soldadura vital do Cristão, que deve realizar o sentido sobrenatural da sua vocação á graça de Deus.

Já nos tempos primitivos da Igreja, quando os Fieis, dadas as perseguições, se refugiavam nas Catacumbas Romanas, o Ato principal daquela comunidade de Cristo chamava-se Coleta ou Sinaxe. O sentido daquela palavra Coleta significa, na origem, a união da Coletividade assistente á participação efetiva do Sacrificio Eucarístico e da Comunhão Sacramental. Com os tempos aquela palavra Sinaxe foi traduzida por comunhão ou união comum, que mostra acentuada e profundamente, a coparticipação das Almas no Corpo e Sangue de Jesus Sacramentado.

A Eucaristia, na Igreja, realiza, pois, verdadeiramente, a Unidade das Almas no Corpo Glorioso de Cristo Eucarístico.

Naquela tarde memorável de Quinta-feira Santa, Jesus Cristo produziu, no Cenaculo, a mais sublime das maravilhas divinas, dando á Humanidade o seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

Realizou o desejo enfaticamente expresso de comer a páscoa com os seus Discipulos antes de sofrer: “Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum antequam patiar.”

E na efetivação daquele desejo se concentra toda Virtude restauradora da Alma que deve estar intimamente ligada a Cristo – para receber a Seiva Vital Divina.

No Cenaculo, - nada de isolamentos; mas, pelo contrario, Congregação das Almas em torno de Cristo Eucarístico, realizando aquelas palavras do Divino Mestre: Ficai em mim e Eu ficarei em vós.

+Ano XVII, 11/07/1942, n° 846, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO Á CULTURA RACISTA ALEMÃ

Na Eucaristia, Sacramento da Unidade Cristã, abre-se para todos os Fieis que se congregam em torno de Cristo, - a fonte mesma de todas as graças.

Pela Eucaristia, multiplica-se e prolonga-se em todos os recantos da terra, a presença de Jesus Humano e Glorioso; e o Seu sangue Divino infiltrando-se, por assim diz, nas nossas Almas, reanima, a cada passo, as cinzas da mortalidade humana, fazendo cada um exclamar: “Vivo, mas, não sou eu quem vive, é Jesus que vive em mim.”

É um brado de reanimação gloriosamente amorosa!

Por decreto divino, é necessário que Jesus Cristo morra, resuscite e suba glorioso aos Céus; mas, ao invés, o seu Amor, pelas Almas, o retém Sacramentado para comprazer-se com os Filhos dos

Homens: “Deliciae meae esse cum Filis Hominum”.

Entre partir e ficar, a ansia incontida do Seu Coração paterno!

Qual dos dois Amores há de vencer? Será, porventura, a atitude complacente, amorosa, de cumprir à risca a vontade do Seu Eterno Pai? Sim, pois, o beneplacito de Deus era a sua norma suprema: “Quae placita sunt Ei facio semper.”

E o Amor dos Homens? Que composição fazer? Era penoso para o seu coração de Pai deixar os Filhos na orfandade e porisso, dissera: “Non reliquan vos orphanos”.

Entretanto, a visão introspectiva da Fé desdobra, às nossas vistas, o Oceano imenso das potencialidades divinas.

O Amor de Jesus posse inspiração de Genio, ainda mais quando dispõe de uma pujança operativa á qual tudo obedece.

O Triunfo do Amor de Deus, será o triunfo do Amor dos Homens, Porisso, a Eucaristia, unindo as Almas a Cristo fa-las participar da Glorificação do Cordeiro Imolado, glorificação essa, que começa na terra, mas, desenvolve se e perpetua-se na visão intuitiva do Céu.

+Ano XVII, 18/07/1942, n° 847, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO Á CULTURA RACISTA ALEMÃ

O Amor de Jesus Eucarístico no Cenaculo se dilata com a tendência de se entregar até a Morte.

Morrer e imolar-se é o derradeiro esforço do Amor de Cristo. É, precisamente o seu triunfo: Regnavit a ligno Deus”!

Jesus Cristo, Amor Supremo das Almas Unidas, imolou-se, de modo cruento, uma só vez. No entanto, não podendo ser mais imolado sanguinolentamente, instituiu a Eucaristia como Sacrificio real e místico, onde pudesse dar expansão ao seu Amor de vitima perpetua palpitante de anseios intermináveis.

No altar das igrejas, ei-lo, novamente, neste estado de passividade gloriosa, de inércia aparente, de dependência absoluta, de morte sem morte.

As palavras consacratorias realizam, exatamente, o que significam: “Isto è o meu Corpo”. “Este é o Calice do meu Sangue”. Jesus Cristo, Vitima Gloriosa, é o Sacerdote Principal agente; enquanto o sacerdote ordenado para o Sacrificio, possui uma virtude comunicada, agindo “in persona Christi”.

O mesmo Amor de Cristo que produz o Sacrificio, realiza, também, eficientemente, o Sacramento.

Dar-se de si mesmo, sacrificialmente e sacramentalmente, é o penhor invencível de afeto, e o dom completo sem reserva e sem medida: “Accipite et manducate”. “Bible ex eo omnes.”

O derradeiro termo deste Amor se completa na união das Almas ao Corpo Sacrificado e Sacramentado de Cristo, provocando em Todos, a alegria da presença inseparável, o contentamento da posse inamissível.

N.B.) No artigo passado, onde se leu Humano, leia-se Humanado.

+Ano XVII, 25/07/1942, n° 848, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

Quando Jesus, no deserto, prometeu a Divina Eucaristia dizendo que sua Carne era verdadeiramente comida e o seu Sangue verdadeiramente bebida, Ele tinha o pensamento fixo em dar Seu Corpo como comida a cada um de Seus Filhos para consumir a Redenção e Restauração de nossas Almas e fazer-las, assim, viverem da Vida de Deus!

A Comunhão Eucarística, é, pois, a ultima etapa da Obra Vivi-

ficadora de Jesus!

O Verbo se incarnou, diz Santo Agostinho, “não para se incarnar mas, para morrer”; e morre o Verbo Incarnado, não para morrer, mas para que a Vida alcançada por Sua Morte, chegue às mesmas entranhas de cada um dos Homens pela participação do Seu Corpo Eucarístico.

Tão transcendente é no pensamento de Jesus e na Vida Cristã, o fato da ingestão da Vida Divina pela manducação do Corpo do Homem-Deus, que o Divino Restaurador de nossas Almas faz de Sua Carne e de Seu Sangue verdadeira Comida e verdadeira bebida. E de tal modo e com tanta perfeição, que se não comeremos da Carne do Filho do Homem e não bebermos do Seu Sangue, não teremos a Vida em nós!

É, pois, Jesus Cristo com a mesma Vida de Deus, que desce às regiões solitárias de nossas Almas, numa união tão penetrante, tão profunda e vivificadora, que o Homem, alimentado com o Pão Eucarístico, poderá exclamar como São Paulo: “Vivo, mas, não sou Eu quem vive; é Jesus que vive em mim!”

+Ano XVII, 01/08/1942, nº 849, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

A Santa Igreja consagra o mês de junho ao Culto do Precioso Sangue cuja festa foi celebrada no primeiro dia do mês findante.

Um dos aspectos sob os quais o Precioso Sangue de Jesus é digno da nossa adoração Cristã é no mistério inefável da Eucaristia. A Santa Liturgia na pessoa de Santo Tomás nos convida á glorificação do Sangue do Cordeiro Imolado: “Pange língua gloriosi Corporis Misterium Sanguinisque pretiosi”

Logo, o Sangue Eucarístico de Jesus desempenha um papel

preponderante na união das Almas ao Corpo Místico de Cristo que é a Igreja. É o Sangue que possui a Força divinamente restauradora de santificar os Homens e uni-los a Deus. Foi esse o plano da Economia Eterna de Deus, por isso, exclama a Igreja: “Redemisti nos, Domine, in sanguine tuo.” “Sine Sanguines effusione non fit remissio.”

Para as Almas que compreendem o sentido da perfeição cristã adquirida pelo Sangue Redentor, as ideologias malsãs, cheias de paganismismo audaz, não encontram absolutamente eco!...

Bastam-lhes, apenas, poucas reflexões á luz dos textos Sagrados: “Empti enim estis pretio magno”; e d’ai, a consequência de S. Paulo: “Glorificate ET portate Deum in Corpore vestro”...

As Almas sabias, prudentes, criteriosas, são aquelas que vivendo a Doutrina do Sangue de Cristo na consumação do Sacrifício Eucarístico, “lavaram as suas estolas no Sangue do ‘Cordeiro’, isto é, participaram também da glorificação do ‘Cordeiro’ Imolado!

A grandeza e eficácia do Sangue Redentor não terminou na “exinanitio” do Calvário, mas, é, por assim dizer, uma torrente constante que jorrando do Coração de Cristo alegra a Cidade de Deus, que é a Santa Igreja: “Fluminis impetus laetificat civitatem Dei”!

Onde está o Corpo de Cristo Eucarístico se acha também por concomitância o seu Sangue Redentor. Logo, para os Membros Vivos do Corpo de Cristo que são os fieis, o caminho a seguir é esse, a doutrina a viver é essa: “Ubi cumque fuerit Corpus, illic congregabuntur ET aquilae!”

+Ano XVII, 08/08/1942, n° 850, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO Á CULTURA RACISTA ALEMÃ

Estudada a parte dogmática concernente ao valor do Sangue Redentor da Obra da restauração universal das Almas Unidas ao Cor-

deiro Imolado, pode-se, começar agora, a descrever, aos olhos da Fé Cristã, o quanto os Cristãos Primitivos veneravam o Sangue dos Martires, que tombavam na arena das lutas, confessando o nome de Cristo!

Lá, nas Catacumbas Romanas, é que se encontra a verdadeira Cultura do Sangue, como si fosse um Sacerdocio de Arte Cristã criados pelos nossos Irmãos na Fé para venerarem indiretamente o Sangue Redentor.

A Cultura do Sangue dos Martires obedecia a um verdadeiro ritual.

Aos olhos dos Fieis nascentes, o Sangue daqueles heróis se lhes afigura ser a gloria mais pura da Igreja, porque marcava com o sinete da santidade a Terra onde ele corria!

Não foi sem razão que, certa vez, um poeta latino considerando aquelas palavras de Tertuliano “o Sangue dos Martires é semente de Cristãos”, decantou a Imortal Roma santificada pelo Precioso Sangue dos Santos:

“Sancta es, sanctorum pretioso sanguine, Roma! S. Cipriano, Bispo de Cartago reivindicava a mesma gloria para a Sua Igreja dizendo que “pelas Obras dos Irmãos, a Igreja se tinha tornada branca, Imaculada; porem, pelo Sangue dos Martires, adquiriu o esplendor da púrpura!

Nossos Antepassados na Fé, criam, baseados nos ensinamentos dos Santos Padres, que o Sangue derramado pelos Cristãos para a confissão de Cristo, longe de esgotar as veias da Igreja, possuía uma força sobrenatural que aumentava, dia a dia, a fecundidade dos irmãos na Igreja Nascente!

(Continua)

N.B.) no começo do Artigo passado, onde, por engano, se imprimiu junho, leia-se julho!

+Ano XVII, 15/08/1942, n° 851, página 02

Pela construção de nossa Catedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO

DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

São João Crisostomo querendo patentear a todos o valor do sangue dos Martires; dizia: “Os jardins recebem menos fecundidade das águas que os regam, do que a Igreja do Sangue dos seus Martires.”

Compreende-se, facilmente que, penetrados de tais ideias, cheios de um respeito religioso pelo Sangue dos Irmãos na Fé, os Cristãos Primitivos recolhiam, piedosamente, em grandes esponjas, o Sangue que jorrava das veias dos Confessores martirizados por Jesus Cristo.

Preservavam o Sangue dos Martires dos olhares e toques profanos dando-lhe um verdadeiro culto nas Catacumbas conforme descreve Prudencio.

“Ne quid plenis fraudaretur ab exequiis”.

Consolidam tais afirmativas, os inumeraveis testemunhos da antiguidade Cristã e muito em particular, as Atas dos Martires, onde se depreende, em cada pagina, o fervor dos cristãos nascentes precipitando-se nas arenas para absorver, em panos e esponjas, o Sangue generoso que corria aos borbotões pela causa de Cristo. Os Cristãos, cheios do Espirito de Fé, não temiam, absolutamente, enfrentar os tiranos e carrascos e muitos deles, no desempenho cuidadoso dessa obra, tiveram o martírio atroz sob os maiores sofrimentos.

+Ano XVII, 22/08/1942, n° 852, página 02

Pela construção de nossa Cathedral

A CULTURA DO SANGUE NO SACERDÓCIO DA ARTE CRISTÃ EM CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA RACISTA ALEMÃ

Roma é a cidade por excelência dos Mártires da Fé!

Durante três séculos de perseguição, ela se apresenta, aos olhos do mundo, como exemplo frisante do heroísmo cristão.

As portas daquela Cidade, parecem, ainda, banhadas no Sangue dos Confessores de Cristo, e guardam também religiosamente, as pegadas dos Fieis, que serenamente enfrentavam o Martírio Santo.

Entre as Santas que se dedicavam de corpo e alma ao culto dos Irmãos mártires da Fé, avultam os nomes das Santas Prudenciana e Praxèdes.

Hoje, ainda, nas habitações destas Santas, conservam-se cântaros, onde, segundo uma tradição das mais respeitáveis e não interrompida, Elas vinham, respeitosamente, derramar o Sangue dos Martires recolhido nas arenas do suplicio.

Lê-se nas Atas do Martirio de S. Vicente que os Irmaos, assistindo á sua morte, beijavam os traços de seus pés, tocavam, com piedosa curiosidade as chagas de seu Corpo e não satisfeitos ainda, recolhiam seu Sangue em panos afim de o deixar como valiosa proteção aos seus descendentes, “posteris profuturum”.

PELA CONSTRUÇÃO DA NOSSA CATEDRAL

Fevereiro 2018

Pe Luis Antônio Baldi Fávero

luisinhojf@ibest.com.br

Tel.: 32 9 9987-0376

PATRONATO SÃO JOSÉ

Divulgado, semanalmente, a partir do Jornal
"O Lampadário"
da Diocese de Juiz de Fora – MG



Pe Luis Antônio Baldi Fávero
Fevereiro de 2018

APRESENTAÇÃO

Dom Justino José de Sant'Ana, 1º Bispo da Diocese de Juiz de Fora, pastoreou seu rebanho de 1924 a 1958, como um verdadeiro pastor, e este muito preocupado com seu rebanho. Esta preocupação foi muito expressiva, pois, Dom Justino queria dar uma identidade nova à recém Diocese, desmembrada da Arquidiocese de Mariana.

Por sua vez, o Bispo de Juiz de Fora, fez 04 (quatro) investimentos e estes tornaram-se um grande tesouro da Diocese. Foi criado o Jornal “O Lampadário”; periódico semanal como órgão oficial da Diocese e que permaneceu de 1926 à 1969, levando, de canto a canto, o noticiário dos acontecimentos locais, nacionais e internacionais. O Seminário Santo Antônio, foi criado e tornou-se a sementeira na formação dos futuros padres da Diocese. A Catedral de Santo Antônio, a Igreja-Mãe, foi erigida, tornando-se a referência maior de nossa Igreja local.

O quarto (4º) órgão, ou melhor, tesouro que Dom Justino erigiu, adquiriu foi o Patronato São José. Este foi construído bem junto do Seminário Santo Antônio e desde cedo, o Bispo teve a preocupação com os meninos mais pobres, mais carentes. No Patronato acolhia internamente meninos e oferecia formação integral, que além dos estudos tinha a preocupação numa profissionalização para eles.

Toda a trajetória do Patronato São José que está relatada no Jornal “O Lampadário” e eu pesquisei (sendo conhecedor das obras de Dom Justino e pesquisador do “O Lampadário”), fazendo recortes, naquilo que se referia ao mesmo no período de 1931 até 1959.

O Patronato São José foi uma obra social de grande valor para a Diocese de Juiz de Fora e para as cidades interioranas mineiras e seus arredores, visando promover àqueles pequeninos que mais careciam. Ao correr os olhos em cada frase ou imagem, irá percebendo o valor deste grande tesouro diocesano e o que representou para a sua época. Dom Justino empenhou-se profundamente em criar e manter o Patronato como casa de formação de grandes homens.

Concluo, afirmando que Dom Justino, foi um Pastor cuidadoso com seu rebanho, sobretudo tendo um cuidado especial com aqueles pequeninos pobres que mais precisavam.

Padre Luisinho Fávero
Outubro de 2018

. Ano V, 04/01/1931, n° 247, página 01

Patronato

Cogita-se na cidade, da fundação de um patronato para menores.

A idéa foi bem recebida, e pelas adhesões já existentes, parece que será victoriosa.

De facto, a necessidade de um patronato em Juiz de Fóra é muito sensível, pois as creanças desvalidas, aqui, são innumeradas.

. Ano VII, 15/10/1932, n° 339, página 02

Patronato de São José

Com a presença do escól social e religioso da cidade, realizou-se terça-feira p.p. a cerimonia da benção da primeira pedra do Patronato de São José, obra de grande momento e que irá prestar lustre ao já adeantado progresso de Juiz de Fóra.

Officiou S. EXcia. Reverendissima. Sr. D. Justino José de Sant'Anna, a cuja iniciativa devemos o emprehendimento de tão util quão necessaria instituição. A seguir, o nosso prezado Diocesano dirigiu aos circumstantes palavras allusivas ao acto, nas quaes deixou impresso o alto objectivo da sua esplendida iniciativa.

A allocução de S. Excellencia foi de véras um programma, em synthese. O Exmo. Prefeito, dr. Pedro Marques, pelo povo juizdeforano, depois de frisar a grandeza da iniciativa particular nesta cidade e de offerecer a medida das possibilidades, o apoio que a Prefeitura lhe daria a esta obra, agradeceu a S. Excia. Revma. com quem se congratulou pela alta visão desta iniciativa, onde no seu proprio dizer, entrevia a vontade de Deus.

. Ano VII, 29/10/1932, n° 341, página 02

Patronato de São José

Copia da Acta da benção da pedra fundamental

Aos onze dias do mez de Outubro de mil novecentos e trinta e dois, nesta cidade de Juiz de Fóra, alto da rua Dom Silverio e encosta do Seminario Diocesano de Santo Antonio, em o local destinado á edificação do Patronato São José (asylo e escola para menores desvalidos), compareceu o Exmo. e Reverendissimo Snr. Bispo Diocesano, Dom Justino José de Sant'Anna, e, perante o Seminario incorporado, representantes do Clero e da imprensa, exmas. Senhoras, o Exmo. Snr. Doutor Juiz de Menores, o dignissimo Prefeito da Cidade, e muitas outras pessoas gradas da sociedade Juizdeforana, annunciou S. Exc. Rvma. que ia proceder, como procedeu, á benção da pedra fundamental do edificio, cujo começo de alicerces alli se via.

E effectuada e terminada a benção com as orações e cerimoniaes do ritual, o Exmo. e Reverendissimo Snr. Bispo Diocesano disse, substancialmente, o seguinte:

“Senhores! Está benta a primeira pedra desta edificação.

Tive o pensamento de fundar um asylo e escola para menores desvalidos, e ahi vêdes a primeira palavra ou gesto a traduzil-o em realidade.

Tenho fé em Deus e confiança na incansavel generosidade do povo de Juiz de Fóra, não me deixarão sozinho no preenchimento dessa, talvez a unica, lacuna entre as necessarias instituições altruisticas de nossa culta cidade.

Excellent augurio dessa ventura que se almeja, a vossa presença aqui, neste momento apezar da chuva, e, mais ainda, da interrupção dos vossos outros affazeres e graves occupações.

Agradeço penhorado este vosso comparecimento; e, si elle tem a significação de que me acompanhaes no mesmo pensamento, ahi o exponho e entrego ao vosso apoio moral e material”.

Terminada essa allocução do Exmo. Snr. Bispo Diocesano, tomou a palavra o Exmo. Prelado Diocesano.

Começa affirmando que o Patronato São José se póde considerar uma realidade para brevissimo praso, visto a elevação e nobreza do pensamento do Excellentissimo Snr. Dom Justino José de Sant'Anna, cuja vontade forte e digna vem, de há muito sagrando S. Ex. Reverendissima como causa efficiente de varias outras realizações, secundado sempre pela alta comprehensão do cultissimo povo da cidade e da dio-

cese de Juiz de Fóra.

“Tudo o que temos de melhor nesse genero de altruismo e caridade christã vem da iniciativa particular”. registra o Excellentissimo Snr. Prefeito; e, para não enumerar todas ou muitas obras do genero, S. Exc. lembra a Santa Casa de Misericordia desta Cidade, o Asylo João Emilio, a Maternidade Santa Terezinha e o Asylo de Mendigos, exaltando, quanto a este ultimo, o gloriosos nome do Snr. Doutor José Procopio Teixeira, que é logo ovacionado pelos presentes.

Por sua vez, o Estado (continúa S. Exc.) no limite das possibilidades da ocasião, nunca deixou de vir ao encontro da iniciativa particular: e é assim que S. Exc., em nome do Municipio de Juiz de Fóra, finalizando, hypotheca desde já todo o bafejo, favor e auxilio que puder prestar ao Patrono São José, na realização do seu nobre e altissimo desideratum”.

E não havendo mais quem da palavra quizesse usar, encerrou-se a cerimonia, lavrando eu, Padre José Carolino de Menezes, de ordem superior, a presente acta, que se apresenta á approvação e assignatura dos presentes.

Dom Justino, Bispo de Juiz de Fóra; Pedro Marques, Prefeito; André Martins de Andrade, Juiz de Menores; Dr. José Procopio Teixeira; Conego Marciano B. da Fonseca; Alvaro Martins Villeva; Dr. João Rezende Ribeiro de Oliveira, pela U. M. C.; Venicius Costa, pela “Gazeta Comercial”; Marianna Medeiros Evangelista; Erlinda Rey Horta; Silvia Del Duca; Padre Elpidio Cotias, Vigario; Pe. Agostinho Michielsen, Cura da Gloria de S. José; Pe. José Leite alves, professor; Hilario Horta; Manoel Procopio R. Valle ; Conego José Dias Machado, Vigario de Mathias; Pe. Saturnino Casas, Reitor do Seminario; Abilio Baeta da Fonseca; Natalino Modesto de Almeida; Angelo Garcia, Instructor de Escoteiros; Pe. Gustavo Freire, Vigario de S. Matheus; Pe. José Carolino de Menezes, Secretario do Bispado.

. Ano VII, 29/10/1932, n° 341, página 02

Patronato de São José

Por todo este mez será inaugurado mais esta casa de assistencia social em Juiz de Fóra, graças á iniciativa de S. Excia. o Sr. D. Justino.

Deverá ser encontrado um tecnico da Secretaria de Agricultura, afim de ministrar aos pequenos desamparados os conhecimentos indispensaveis á cultura dos campos, uma das disciplinas do Patronato.

A construção do predio já está em vias de acabamento, apesar da desproporção entre a receita e a despeza. Pois, emquanto os donativos apenas atingem a 2:800\$000, já foram realizados pagamentos, por emprestimo, na importancia de 16:342\$850.

Damos a seguir a lista dos bemfeitores que já deram signal de boa vontade, ao mesmo tempo que fazemos um apello aos catholicos juizdeforanos:

D. Marianna Evangelista 1:000\$000

Baroneza de S. Geraldo 1:000\$000

Cel. alvaro Villela 500\$000

Dr. José Procopio 200\$000

D. Maria Helena 100\$000

. Ano VIII, 18/03/1933, n° 361, página 03

Patronato de São José

Realizar-se-á, amanhã a inauguração do Patronato São José que se destina ao amparo de creanças pobres.

As 9 1/2 horas haverá missa campal celebrada por S. Ex. o Sr. Bispo Diocesano.

Estão sendo armadas algumas barraquinhas para a installação de bares, kermese, leilão, etc. Todas as familias catholicas de Juiz de Fóra terão entrada franca. Não haverá convites especiaes.

. Ano VIII, 25/03/1933, n° 362, página 03

Inauguração do Patronato S. José

Conforme tinhamos anunciado, effectuou-se no domingo passado a inauguração solemne do Patronato S. José, que se destina a protecção das creanças desamparadas.

Pela manhã, ás 9 1/2, o Exmo. Sr. Bispo celebrou missa cam-

pal á porta do edificio, e em seguida procedeu á benção do predio em presença de grande numero de paranympnos adrede convidados.

No correr do dia um grupo de gentis senhorinhas prendeu a atenção de todos os visitantes, graças á variedade e efficiencia dos processos mais modernos para captivar os nikeis das almas caridosas, em beneficio da obra.

Às 3 horas da tarde os paranympnos compareceram a um lauto banquete, fallando na occasião o revmo. Conego José Dias Machado, o Director da Casa, saudando S. Exa. o Sr. Bispo que presidia o banquete.

Em nome da familia juizdeforana, saudou o dr. José Procopio, agradecendo o beneficio de uma obra realmente oppotuna e prevendo para um futuro não muito distante a ampliação natural daquella instituição. Pela magistura local, e a pedido do Exmo. dr. André Martins e pela comissão promotora da festa, falou o sr. Dr. Gomes Filho.

Agradecendo a todas as manifestações, o Exmo. Sr. D. Justino frizou, com a modestia que lhe é propria, o de quanto é capaz a caridade e o devotamento de seus prezados diocesanos.

Entre as pessoas presentes destacamos a exma. sra. d. Mariana Evangelista, os drs. José Procopio e André Martins, o coronel Alvaro Villela, o representante do Commandante da Região, dr. Antonio Teixeira. Do clero compareceram os revmos. Pes Agostinho Michielssen, Adrian Wiegant, Manso Valent e o nosso director, e o Seminario Diocesano.

Consignamos com muito applauso a dedicação e proficiência com que as Sras. DD. Sylvia Del Duca e Ibrantina Pinto se desvelaram pelo perfeito andamento das solenidades.

. Ano VIII, 05/08/1933, n° 381, página 03

Patronato S. José

Constando andarem pela cidade peditorios com listas em beneficio do Patronato S. José, estamos autorizados a declarar ser um verdadeiro abuso e exploração.

Taes listas devem ser apprehendidas, a não ser que tenham, além de sello, a propria assgnatura do Exmo. Prelado Diocesano.

Este aviso attinge também os pedidos para qualquer fim religioso nas parochias e Capellas da cidade.

. Ano VIII, 18/11/1933, n° 396, página 03

Patronato S. José.

Donativos em beneficio do Patronato S. José, recebidos por intermedio da senhorita Carmen Guimarães:

Srs. Procopio Ladeira e Cia. 50\$000

Dr. Aprigio Ribeiro de Oliveira Filho 100\$000

D. Analia Campos Silva 50\$000

D. Maria da Gloria Garcia 20\$000

Aos generosos bemfeitores os agradecimentos e orações dos orphãos beneficiados.

. Ano VIII, 25/11/1933, n° 397, página 03

Patronato S. José

Uma piedosa filha de Maria 10\$000

A proteção de S. José sobre os bemfeitores de seu Patronato.

. Ano VIII, 23/12/1933, n° 401, página 03

Patronato S. José

Assumi a direcção do Patronato São José o Rvdo. Padre Dorotheu Zöllner.

Espera-se que, sob sua nova direcção intelligente, o Patronato progrida rapidamente.

.....

Em memoria de Francisco Aurelio Costa 10\$000

Cel. Alfredo de Souza Bastos 300\$000

A prece dos orphãos pelos corações generosos.

.....

Constando andarem pela cidade peditorios com listas em be-

neficio do Patronato São José, estamos autorizados a declarar ser um verdadeiro abuso e exploração.

Taes listas devem ser apprehendidas, a não ser que tenham, além de sello, a propria assignatura do Exmo. Prelado Diocesano.

Este aviso attinge também os pedidos para qualquer fim religioso nas parochias e Capellas da cidade.

. Ano VIII, 30/12/1933, n° 402, página 01

Patronato S. José

Coronel Aprigio Ribeiro 500\$000.

O reconhecimento dos orphãos em fervorosas preces pelo generoso bemfeitor.

.....

Constando andarem pela cidade peditorios com listas em beneficio do Patronato São José, estamos autorizados a declarar ser um verdadeiro abuso e exploração.

Taes listas devem ser apprehendidas, a não ser que tenham, além de sello, a propria assignatura do Exmo. Prelado Diocesano.

Este aviso attinge também os pedidos para qualquer fim religioso nas parochias e Capellas da cidade.

+Ano VIII, 20/01/1934, n° 405, página 02

SAGRAÇÃO EPISCOPAL

Faz, hoje, nove annos que S. Excia, D. Justino José de Sant' Anna foi sagrado Bispo da Diocese de Juiz de Fora, no Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro.

É uma data festiva para a nossa cidade, onde a acção de D. Justino se tem desenvolvido de maneira a merecer applausos geraes.

Não precisamos lembrar os serviços prestados pelo Sr. Bispo á Diocese, pois estão elles na memória de todos.

Mas, sua última obra merece referencia especial pelo seu grande alcance social e philantropico.

Queremos referir-nos ao Patronato São José, cuja instalação

foi feita com recursos escassos.

Mesmo assim, o prédio levantou-se, e lá está abrigando algumas dezenas de meninos abandonados.

Conhecemos o coração bondoso de D. Justino, e o seu interesse pela Religião.

É com prazer, portanto, que o felicitamos pela grande ephemeride, pedindo-lhe a benção pastoral.

Pó

. Ano IX, 01/03/1934, n° 411, página 01

Patronato São José

Os corações generosos, d'esta cidade, não se esquecem desta obra de larguissimo alcance social, fundação benemerita do nosso Exmo. Bispo e que a ella dedica o melhor dos seus cuidados.

A's casas Dias Cardoso, "Feira de Livros e "Casa Flamengo", da rua Halfeld, que offereceram ultimamente muitos livros, cadernos e papel, aqui deixamos consignado, em nome do Patronato, o nosso reconhecimento.

. Ano IX, 10/03/1934, n° 414, página 03

Patronato São José

D. Maria José Brandão 20\$000

D. Maria Antonia Penido 100\$000

D. Maria Candida Burnier 40\$000

D. Endoxia Villela 60\$000

Caderneta de d. Argemira Assis 33\$000

Caderneta de d. Gestrudes Campos 17\$000

A proteção de São José sobre todos os bemfeitores.

. Ano IX, 30/06/1934, n° 428, página 03

Patronato São José

O “Patronato São José”, tendo um competente oficial de sapateiro, aceita encomenda para fazer e concertar qualquer calçado.

. Ano IX, 30/06/1934, n° 428, página 03

Patronato São José de Juiz de Fora

A criação de patronatos para a infancia abandonada é assumpto momentoso em nossa cidade.

De facto, os patronatos prestam grandes beneficios á sociedade, resguardando os menores do vicio e de máos costumes.

Donde resulta que a sua disseminação pelos varios pontos do paiz é obra meritoria.

Coube a S. Excia. D. Justino a primazia de fundar o primeiro patronato em Juiz de Fóra, do qual publicamos o “cliché”.

Mas, os recursos de que se dispõe o nosso Bispo Diocesano são escassos, existindo, ainda, debito pela construção do edificio, que, conforme se vê pela photographia acima, é grande e vistoso.

A manutenção do patronato é, também, dispendiosa, consumindo verbas elevadas. São os generos alimenticciios, é o material, o vestuario dos asylados, muita cousa, emfim.

A Diocese, sózinha, não poderá arcar com todas essas despesas, que correm por conta da assistencia publica e social, a cuja obrigação os governos não pódem fugir.

O Patronato S. José já abriga alguns menores preparando-lhes o caracter e o futuro.

Prestigiai-o, não resta duvida nenhuma, é providencia meritoria e digna de applausos.

+Ano IX, 01/12/1934, n° 450, página 02

Patronato São José

O “Patronato São José”, tendo um competente official de sapateiro, aceita encomenda para fazer e concertar qualquer calçado.

. Ano X, 22/06/1935, n° 479, página 02

Patronato São José Será iniciado um curso de Agronomia

Ninguem poderá desconhecer nesta cidade, os ingentes esforços de D. Justino de Sant’Anna, Bispo desta diocese, em pról das obras de assistencia aos desamparados.

Para levar a effeito tão applaudida ideia, D. Justino fundou, ha tempos, o Patronato S. José, instituição que vem distribuindo grandes beneficios e um elevado numero de creanças abandonadas, sem ter a protecção efficiente dos podres publicos.

Achando-se o Patronato installado á chacara do Seminario Episcopal, está D. Justino organizando um curso de Agronomia pratica que habilite os menores recolhidos áquelle educandario a tornarem-se valores de real utilidade social.

E’ assim que attendendo aos justos appellos feitos pelo sr. Bispo, por intermedio do deputado João Tostes, o qual fidalgamente se predispoz a auxiliar tão nobre obra, o dr. Dirceu Braga, operoso director da secção do Departamento Nacional de Café, nesta cidade, e professor cathedratico da Escola de Viçosa promptificou-se a auxiliar, cooperando para ser iniciado o mais breve possivel essa obra util e benemerita, obra de character social, inaugurada com as benções de Deus, pelo nossos respeitado Bispo D. Justino José de Sant’Anna, que não poupa esforços para levar a effeito obras de alta significação social em pról dos desprotegidos da sorte.

GILBERTO BRUNO

. Ano X, 17/08/1935, n° 487, página 0

Patronato São José

Uma catholica generosa 1:000\$000

“The Rio de janeiro Flours Mills 50\$000

Dr Syvio Passarella 10\$000

. Ano X, 05/10/1935, n° 494, página 01

Patronato São José

Assistimos, ha dias, aos exercicios phisicos dos meninos do Patronato S. José, impressionando-nos agradavelmente.

O instructor é o sr. Sebastião Ferreira, que exerce suas funções a contento, interessando as creanças nas series de exercicios adoptados.

Continuando o mesmo entusiasmo, dentro de breve tempo o Patronato terá sua turma bem instruida.

No mesmo dia, notámos com satisfação, que a meninada se approximára, antes, da mesa eucharistica.

. Ano X, 08/02/1936, n° 512, página 02

Patronato São José

Este estabelecimento de caridade e de educação de meninos abandonados recebeu dos generosos Irmãos Couri da Casa “Primavera”, da cidade de Santos Dumont, 8 kilos de feijão, 5 kilos de arroz e mais 5\$000 em dinheiro.

Por intermedio deste jornal a directoria do Patronato agradece aos Illmos. Srs. Irmãos Couri, cujo magnifico exemplo de caridade, de certo será imitado por outros bondosos leitores.

. Ano XI, 14/03/1936, nº 517, página 02

Patronato São José

De Cannavieiras, pequeno bairro de Santos Dumont, os srs. José Marcellino Gomes e d. Collecta Maria de Oliveira mandaram para o Patronato, 5 kilos de arroz. Agradecidos.

. Ano XI, 04/07/1936, nº 533, página 02

Patronato São José

Os meninos - orphãos deste estabelecimento festejaram com uma alegria, propria á sua idade, a noite de S. Pedro. Os pequenos musicos tocaram com entusiasmo ao redor da tradicional fogueira. Os estampidos dos foguetes não lhes desafiaram.

A bôa Irmã Perpetua, directora da Escola Profissional Domes-tica, serviu-lhes pessoalmente doces e biscoitos com fartura. Talvez fosse isso - e podemos perdoal-o aos pequenos gulosos - o principal da festa.

S. Excia. Rvma. Sr. Bispo participou com visivel satisfação dos festejos dos seus 33 protegidos. O bem estar e o prazer destas creanças são uma consolação e uma recompensa aos esforços empregados por S. Excia. Rvma. em pról deste instituto.

A' S. Excia. Rvma., á Irmã Perpetua, como tambem ao abne-gado Sr. Messias Nery de Andrade, as nossas felicitações. O brilho que rutilava nos olhos dos pequenos, sirva-lhes de agradecimento, um sentimento que elles, apesar de não poderem exprimir em palavras, com certeza nutrem em seus corações.

. Ano XI, 28/11/1936, nº 554, página 04

O Patronato S. José é já um passo dado para a solução do problema da assistencia á infancia desamparada

Já por vezes a imprensa local tem mostrado a necessidade que há, entre nós, de assistencia á infancia desamparada.

Como disse ao numero anterior do “O Lampadario”, o nosso povo já tem feito muito, e mais do que qualquer outro, pelos desherdados da sorte. Ahi estão, avultando entre as muitas instituições de caridade social - a Santa Casa, a Maternidade, o Asylo, o Lactario S. Jospe das viúvas, o Patronato S. José, etc., etc. Póde-se dizer que já ha, em Juiz de Fóra, um refúgio para todas as necessidades, e o problema, que tanto preoccupa outros centros - a indigencia - já está em parte resolvido, na cidade.

Mas não obstante este cuidado por parte da população, de levar um conforto aonde quer que more a dôr; não obstante todas as obras que a caridade publica tem realizado de assistencia e amparo aos desfavorecidos, a verdade é que se continúa a ver por todos os recantos da formosa urbs e até nas suas ruas mais centraes, enxames de creanças descalças, maltrapilhas, vestidas de farrapos, cam os cabellos eriçados os rostos nauseabundos.

Si se deixam assim esses pobres desherdados, abandonados aos seus instintos, sem as noções do dever e do trabalho, tendo por mestre o mundo cruel e tyranno, que se poderá esperar destes infelizes coitados!?

Não admira que do meio deste enxame surjam candidatas á matricula dos prostibulos e que nos registros judiciaes do crime muitos delles estejam inscriptos.

Si não se protege hoje esta infancia; si não s’a defende contra os flagellos que a degeneram; si não s’a previne contra os vicios, vigiando a na rua, nas officinas, fiscalizando os seus divertimentos, etc., não admira que a sociedade tenha amanhã a necessidade de inscrever no numero dos criminosos, jovens assassinos ou “pequenas raparigas que não chegaram a conhecer a virgindade”.

“Acreditar na defesa da sociedade por meio da multiplicação dos tribunaes e das cadeias, escreveu um criminalista, é uma superstição tão extraordinaria, que não penso nella sem estremecer, visto que a fermentação do mal em taes isntituições é manifesta, assim como a sua putrefacção apenas serve para encher de vicios e de maldade todos os individuos que por ellas passam! Pegar n’um embryão do homem, estragado pelo proprio homem, e apresental o ao tribunal para depois sahir para a vida pela porta de uma cadeia, não é cumprir a lei, é prati-

car um crime por se ter assassinado uma lama ainda em flôr.

Defender a sociedade não é deixar que as creanças se viciem e se façam criminosas para depois as castigar, é, antes, evitar que ellas se envenenem pelo vicio e se bestalizem pelo crime, mas quando praticuem o crime, evitar ao menos que o repitam”.

E é isto que faz a caridade. Cria institutos de protecção, aprendizados agricolas, patronatos, onde a infancia esteja a salvo da contaminação dos vicios, ou já viciada se possa regenerar pelo trabalho.

E’ de instituições deste molde que ainda carece Juiz de Fóra, porque della se resente. O “Patronato S. José”, criação do zelo apostolico de D. Justino José de Sant’Anna, tem este fim, e removendo difficuldades que só S. Excia. conhece, já protege algumas dezenas dessas creanças, que como muitas que por ahi perambulam, estavam expostas a “se envenenarem pelo vicio e se bestalizarem pelo crime”.

Juiz de Fóra deve olhar com mais carinho para esta obra, que é caridosa e patriotica. alli naquella herdade-asylo a creança passa horas mais felizes, mais tranquilladas do que aquellas que lhe daria a liberdade sem freio que gosava na rua, cujo uso seria para ella um sofrimento e um perigo. Proteger o Patronato S. José é dar um passo para a solução do problema de assistencia á infancia desamparada de Juiz de Fóra.

Pe. M. Barreto

. Ano XIII, 19/06/1937, n° 583, página 03

Patronato São José

Lembraram-se do Patronato: Dr. José Vieira Marques 200\$. Irmandade do S. C. de Jesus da Parochia do Rosario 50\$. J.F.C., saldo da festa 250\$. Sr. Pedro Groia, um sax para a banda.

As orações dos orphãozinhos e a Protecção de S. José sobre todos os benfeitores.

. Ano XIII, 19/03/1938, n° 621, página 04

Patronato São José

Sobre quantas existem nesta diocese, sobreleva se pela evoca-

ção altruística de sentimentos christãos a modelar instituição – Patronato “S. José”, onde se vê centralizada a bondade de um coração que só cuida de fazer bem ao próximo.

Por sem duvida que a caridade é a rainha de todas as virtudes, é o verdadeiro característico de ûa alma votada ao amor de Deus, pois o seu exercicio é a expansão lidima desse amor que traduz o mesmo Deus.

Na terra somos favorecidos de todos os confortos necessários à vida, cuidado que só em um Deus salvifico pode haver sem restrição de conceitos.

E Deus, nessa liberalidade sò sua, concebe planos, maravilhosamente, divinos, repartindo largamente os seus dons com alguns de nós, porque o mesmo fazemos aos desprotegidos da fortuna.

Temos ahi bem expressa a vontade divina que, conduzindo-nos por caminhos diversos, collima um só fim – a salvação das nossas almas.

Socorrer á pobreza desamparada, mitigando os seus soffrimentos, está affecto á nossa generosidade, consoante as possibilidades dos nossos recursos materiaes. Deus suscita de sempre os vanguardeiros do bem aos quaes se devem associar os corações generosos

Aqui, nesta cidade, genuinamente catholica, onde os seus filhos são proverbialmente dedicados ás boas causas, vê-se o grande pioneiro dos destinos espirituaes desta diocese – o Exmo. Sr. Bispo diocesano á frente de uma instituição que recommenda os tradicionaes sentimentos de seu povo.

O Patronato “S. José”, fundado pelo Exmo. Snr. Bispo, D. Justino José de Sant’ Anna, vae em franco progresso, preenchendo as suas finalidades.

Auxiliar uma obra tão meritória, qual a do Patronato “São José”, entre nós, parece um dos nossos maiores deveres.

Seria muito para desejado que as energias despendidas pelo nosso prelado fossem bem aproveitadas, afim de que esses anseios de distribuir o bem entre os pequeninos tivessem êxito franco com a conservação da instituição modelo – o Patronato “São José”.

Aqui fica, portanto, mais um incentivo aos bons e fervorosos catholicos desta frutuosa diocese.

Felicitando ao Exmo. Sr. Bispo, e augurando o incremento do Patronato “São José”, offereço á essa instituição de caridade a minha pequena contribuição de – 100\$000.

Um Christão

. *Ano XIII, 12/1/1938, n° 655, página 03*

Patronato São José

Aceitam-se encomendas para feitiços e concertos de sapatos sob a direção de officia, competente. Rua D. Silverio.

. *Ano XIII, 12/12/1938, n° 659, página 03*

Patronato São José

O Patronato São José na Rua Dom Silverio

O Patronato São José, a grande obra social-caritativa de Sua Excia. Revma. Dom Justino José de Sant’Anna, foi fundado em 1933 e festeja, portanto, o seu primeiro lustro.

Apesar de ser uma obra que depende quase totalmente da caridade publica, o patronato São José, sob a direção do Sr. Joaquim Julio, está atualmente em franco progresso. Hospede cinquenta meninos-orfãos que, além do curso primário, seguem um curso profissional. Seis meninos terminaram este ano o seu curso e receberam no dia 8, festa da Imaculada Conceição, o diploma.

Grande parte dos meninos applica-se á agricultura e horticultura. A officina da sapataria, sob a direção de um mestre competente, tem dez aprendizes todos bem adeantados no serviço de concerto e reforma de sapatos.

A banda de musica com quinze figuras, novamente fardadas, e com instrumental completamente reformado, está sob a direção do Maestro Sr. João Rabello.

Bastam estas pequenas notas para avaliarmos quantos beneficios o Patronato São José traz aos pequenos órfãos.

Concluimos também as despezas que o Exmo. Sr. Bispo tem neste educandário. Somente o sustento em gêneros corre em mais de

dois contos mensais. Acrescentai ainda o salário dos cinco empregados, utensílios, instrumentos, farmácia, etc., e teremos uma ideia do quanto custa esta obra caritativa, digna de auxilio de corações generosos.

Ouvimos, de fonte segura, que uma comissão de Senhoras tem a intenção de realizar um “Kermesse”, no dia 6 de Janeiro p. futuro. Esta festa deverá realizar-se no parque Halfeld, centro da cidade. Aproveitando a ocasião, fazemos o primeiro apelo ao publico para esta festa caritativa. Logo que tivermos minociosas noticias da própria comissão, voltaremos ao assunto.

. Ano XIII, 21/01/1939, n° 665, página 04

Patronato São José

Resultado da festa do dia 6 de janeiro no Parque Halfeld em beneficio do patronato S. José:

Paroquia de S. Mateus 1:550\$000

Paroquia da Gloria 1:101\$000

Paroquia de Sto Antonio 706\$600

Paroquia de S. José 245\$000

Total 3:602\$600

Complementares

Complementares que já tiveram seus alunos classificados em exames vestibulares Superiores do Paiz são as únicas instalações do Brasil.

Em os primeiros lugares nos exames vestibulares prestados nas escolas Superiores.

De sorte que, enquanto outros estabelecimentos de nossa cidade aguardam, que em 1939 vão organizar os Cursos Complementares, o Colégio São José prazeirosamente anuncia que seus alunos obtiveram.

Em os primeiros lugares nos exames vestibulares prestados nos Cursos Superiores do Paiz.

Isto significa que, os únicos Cursos oficiais, possuidores dos melhores aparelhamentos e da melhor congregação não só em Juiz de Fora, como em Minas Gerais, são os do Colégio São José, de nossa cidade.

Se, porventura, outros Estabelecimentos de nossa cidade, obtiverem oficialização para seus Cursos Complementares, de acordo com a lei em vigor, somente em 1941 entrarão seus alunos nos exames vestibulares, e nessa ocasião veremos, que possui as únicas instalações em Minas e uma das melhores do Brasil. Em 1939 o único Estabelecimento que provou todas as exigências regulamentares foi o Colégio São José. O mesmo acontecerá em 1940.

AMERICANA

EXIJAM
CULMBACH
A PREFERIDA

PREFIRAM
MALZBIER
A FORTIFICANTE

ESCOLHAM
PORTER
A MEDICINAL

Galeria Pio X---35 P 32

PATRONATO SÃO JOZÉ'

Donativos recebidos neste mez

Armazens de generos alimenticios

Grande armazem		
Queiroz	10	kilos de tubá
A Economia do Lar	5	" " "
Casa Progresso	5	" " "
Armazem J. Fôra	3	" " "
Mescolin Filho & Cia.	10	" " "
F. Abdala & Cia.	10	" " "
J. Teixeira Lopes & Cia.	10	" batatas
Irmãos Baptista	5	" " "
Casa Bella Aurora	5	" feijão
Pereira & Irmãos	5	" " "
A. Alres & Cia.	5	" massa
Casa Turolia	1	" " "
Irmãos Soggiaro	4	" " "
Ferreira Veiga & Cia.	2	" assucar

Açougues

Açougue Cruzeiro do Sul	5	kilos de carne
" Popular	1	" " "
" Rio de Janeiro	2	" " "
" Flôr de Minas	2	" " "
" Flôr de João	2	" " "
" Perini	2	" " "
" Abaeté	1	" " "
" Pinto	2	" " "
" Horizonte	2	" " "
" Juiz de Fôra	2	" " "

Padarias

Carreiro & Valle	50	Paes
Ribeiro & Motta	50	" "
Falci & Cia	50	" "
Mello & Oliveira	50	" "
Padaria Nova	50	" "
" Americana	200	" "
" S. José	50	" "
" Rischuolo	50	Roseas
" Santo Antonio	200	biscoitos
Cafés (torra-fação)		
Café Vinva Oliveira	1	kilo
" Apollo	1	" "
" Juiz de Fôra	1	" "
" Macêdo	1	" "

A todos estes benfeitores, cordiais agradecimentos.

Juiz de Fôra, 15 de Fevereiro de 1939

Joaquim Julio Oliveira

...dario" deixa aqui este agradecimento por todos os que deram na sua reportagem o alimento a P. A. e a todos da Federação.

Sani'Anna do Deserto

Na 5a. feira, 16 de fevereiro, foi, nesta missa lebrada solene missa quem seguida de Eucaristia, por alma de o Papa Pio XI.

No mesmo dia foi comendado o corpo de Maria da Silveira Marinho. Durante longos mezes de sofrimentos, D. Marinho foi modelo de paciência cristã. Recebera os últimos Sacramentos da Igreja, na vespera da sua morte, nosso Vigario lhe deu mais uma vez a absolvição e a Indulgência Plena in articulo mortis.

Hoje, ás 9 horas, foi lebrada a Missa de 7a. Descance em paz os mesmos ao desolado esposo Joaquim Marques.

21 de Fevereiro de 1939

Senhora:

Jaranta o luto de sua filha, procurem hoje mesmo o "Instituto de Corte e Costura Larrio", de Mme. GOUVEIA que em um mez, põe as alunas aptas a costurar, armar e fazer vestes pelo afamado modelo de Mme. CARVALHO, ralhando-lhes os diplomas. Preços barattissimos.

Rua Halfeld n. 758 e Quasi em frente a C. feiaria Rio de Janeiro

Enxovas para casamento a dinheiro ou pelo Jardim das Norvas

. *Ano XIII, 25/02/1939, nº 670, página 02*

Patronato São José

. *Ano XIV, 22/04/1939, nº 678, página 03*

Patronato São José

Continuam inscritas como contribuintes as seguintes pessoas:

Cel Aprigio Ribeiro de Oliveira, com 10\$000 mensaes

Srta. Irene Villela com 5\$000

Dona Argemira de Assis Pinto com 3\$000

Irmã Superiora da Santa Casa, com 2\$000

Srta. Maria das Dores Lopes, com 1\$000

Para o Natal de 1938 foi arrecadada a quantia de 283\$000 assim distribuída:

Medicos e empregados da Santa Casa de Miserecordia 104\$000

Outras contribuições 179\$000

Esta quantia foi inteiramente empregada na compra de roupa, doces e brinquedos para os meninos que assim tiveram um Natal cheio de alegrias.

Carmen Guimarães

Patronato São José

Ao Excelentissimo e Reverendissimo Dom Justino José de
t'Anna um lindo quadro de São José para a sala dos Bemfe
do campo do Congresso e 3 Caminhões de Taboase madeirrs e

Queiroz Irmão	10	kilos de Fubá
A Economia do lar	5	" " "
Casa Progresso	5	" " "
Armazem Juiz de Fôra	3	" " "
Merculim Filhos & Cia.	10	" " "
F. Abdala & Cia.	10	" " Feijão
Casa Bela Aurora	5	" " "
J. Teixeira Lopes & Cia.	10	" " Batatas
Irmãos Batista	5	" " "
Pereira & Irmão	5	" " "
A. Alves & Cia.	5	" " Massas
Casa Turula	5	" " "
Irmãos Saggiaro	4	" " "
Ferreira Veiga & Cia.	2	" " Assucar
Açugue Cruzeiro do Sul	5	" " Carne
" Popular	1	kilo " "
" Abaeté	1	" " "
" Pinto	1	" " "
" Rio de Janeiro	4	kilos " "
" Flor de Minas	4	" " "
" Flor	2	" " "
" João Perini	2	" " "
" São Vicente	2	" " "
Padaria Americana	5	sacos " Pães
" Nova	50	" "
" Carreiro Vale	50	" "
" Falci & Cia.	50	" "
" Irmãos Marcate	50	" "
" São José	10	" "
" Riachuelo	50	roscaas
" Santo Antonio	200	Biscuitos
Café Viuva Oliveira	1	kilo " Café
" Apolo	1	" " "
" Juiz de Fôra	1	" " "
" Macedo	2	kilos " "
De uma Senhorita	uma oferta em saudosa memoria de sua Mãe	100
De uma Senhorita	18	kilos de Mandioca
Menino Fernando Queiros	3	kilos de Doces
Cley Macedo	100	frutas de Carambolas
Albertina de Assis	25	Pães e 100 laranjas
Dante Belem	3	metros de lenha
Sabino Geraldo Rodrigues:	90\$000;	produtos de um bezerro e um de laranja
Cia. Fiação e Tecelagem M. e R.	24	camisetas em meia
Dona Maria José,	para bolas	4000
Pedro Rodrigues de Macedo	o	Diretor

. Ano XIV, 28/10/1939, nº 705, página 01

O problema dos menores abandonados
Patronato São José
A grande realização de Dom Justino

Enquanto as autoridades competentes e os homens de boa vontade se esforçam no sentido de solucionar o angustioso problema dos menores abandonados, ali no Alto dos Passos, á rua D. Silvério, existe uma casa que deve ser encarada como um exemplo e como uma guia.. Referimo-nos ao Patronato São José, obra do esforço e do idealismo do Revmo. Bispo D. Justino José de Sant’Anna, por ele fundada há quase oito anos.

Essa instituição, a qual D. Justino dedica especial carinho e amor, é a demonstração de quanto póde realizar a fé cristã a serviço da humanidade.

DIARIO MERCANTIL visitou outro dia o Patronato S. José. E do que viu, ouviu e observou, póde concluir de acordo com o Padre Flanagan: - “Não há menino que queira ser ruim”. E a nossa impressão é que, se existissem donativos, melhor boa vontade e compreensão do nosso povo, especialmente dos homens mais ricos, o Patronato São José seria, uma verdadeira “Cidade dos Meninos” e uma solução encaminhada do problema da infância abandonada em Juiz de Fóra.

O EDIFICIO

O edificio se constitue de dois pavimentos. No andar térreo há a sala de entrada, sala de visita, sala de musica, sala de aulas, secretaria, sapataria, sala dos empalhadores, alfaiataria, “hall”. Um pateo espaçoso para recreio dos meninos comunica o andar térreo com o salão de refeições e com a cozinha e outras dependências do edificio.

No segundo pavimento alinham-se pobres e humildes os dormitórios – dos menores, dos médios e dos maiores. Há uma sala do diretor do estabelecimento, cargo esse ocupado pelo sr. Pedro José Macedo. Há a sala dos bemfeitores ou seja o salão nobre. Uma enfermaria e uma sala que serve provisoriamente de capela, e onde os meninos fazem as suas orações quotidianas e assistem ao officio da Missa.

FIADO? SÓ AMANHÃ

Na sala onde funciona a sapataria, um aprendiz colocou perto da sua banca e pregado na parede, um retrato – recorte de jornal – do presidente Getulio Vargas; ao lado, uma taboleta de papelão com os seguintes dizeres: “È favor não pedir fiado!”

E ali naquela sala, prazerosamente e alegres, porém, com muita ordem e disciplina, os pequenos sapateiros vão cortando e polindo o couro, a vaqueta, a camurça, costurando aqui, chuliando acolá, enquanto que, daquelas mãos pequeninas e frágeis, inexperatas umas, hábeis outras, velhas e imprestaveis sapatos se remoçam. Ora é a sucuri impotente que se anima ao toque mágico dos seus dedos... já não é mais o reptil repelente e traiçoeiro, mas um autentico sapatinho á Luiz XV.

BANDA DE MUSICA

Tambem ali se cultiva e se aprecia a arte das artes - a musica. O sr. João Rabelo, alto funcionario do comercio local, é professor. Já ensinou e diplomou varios meninos do Patronato. E a atual banda de música estende fóra as suas atividades, tocando nas festas e outras solenidades para as quais ela é convidado. Ganha pouco, mas esse pouco é revertido na manutenção do Patronato.

EDUCAÇÃO DO CARATER

Dentro do lema - “todos por um e um por todos” - aquelas crianças lutam pela vida, fazendo do Patronato não um peso morto para a sociedade, mas uma verdadeira colmeia humana, onde todos trabalham para a sua manutenção. E onde recebem instrução e educação moral e civica em condições excelentes, demonstrada pela alta proporção de exitos conseguidos pelos rapazes, dali saídos, os quais estão sendo bem sucedidos na vida pratica.

Ha, atualmente, no Patronato, cincoenta meninos. E, de vez em quanto, ali aporta mais um levado pelas autoridades policiaais da cidade.

AGRICULTURA

Os pequenos do Patronato aprendem varios oficios que lhes facilitam ganhar a vida ao deixarem aquela casa. E aprendem tambem a cultivar a terra. Nesse sector, o seu instrutor é o sr. Pio Antonio da

Silva.

Já cultivam ali, para experiencia o trigo “fronteira”, da Argentina, e o trigo de Patos, tudo tratado pelos meninos, além de uma horta notavel e uma chacara promissora.

RESUMINDO

A nossa impressão relativamente á educação ministrada aos meninos foi ótima, mas não podemos esconder a nossa tristeza pela pobreza que vai ali dentro, justamente pela falta de donativos do nosso povo.

A Prefeitura auxiliava a manutenção do Patronato com a verba insignificante de 3:000\$ anuais. Pois essa verba foi cortada, por motivos que se não justificam, quando era prefeito o sr. Eduardo de Menezes. Desta coluna fazemos um apelo ao sr. Raphael Cirigliano no sentido de restabelecer a verba, porém, aumentada.

(Transcr. do Diario Mercantil)

. *Ano XIV, 27/01/1940, nº 718, página 02*

Patronato São José

Dario Pinho 50\$000

Agradecidos

O Lampadário

a Filiolo

ndo. Temos um no; estamos nu- te possibilidade de prazer, da gloria. El-lo, o no; fomos crea- gem de Deus; sidos por Cristo- mem-Deus; so- tros da stercif- ica. Devonca puzza nossa am- sol esta depen- e o bom senso veusar: a riqu- ser verdadeira, o *aparente*. Tu- undo chama de um simples va- vanção, comple- asio de resili- sa e eterna. Um i, lambusado de ta, não poderia ser que sua alma de ouro e pra- *senso cristão*, do nessa e equi- mntassas an-

A festa em beneficio do Patronato São José, amanhã, à Praça Antonio Carlos



PATRONATO S. JOSÉ
JANT DE PORA

Sua Excia. Revms. Dom Justino entre os seus protegidos

Marianos de Julia

Ainda no meio da da Pascoa, quando ca de Jesus Resen- dar-voa a gratissim- que, em breve, se ou grande pompa, na Juiz de Pora, o dia Congregado Marian- E com intuito p- por ordem de Sua Bispo Diocesano, e todos os Revms. S- tores, presidentes e des a proxima vinda Pora, do Revmo Sr. Mariaux, Diretor M- Congregações Maria de pregar o iriduo re- no dia mudal do C- Desnecessario seria a grandeza da vicia, religioso, a bondade- tiva, o interesse ma- bustas vezes. A tem-

**A festa em benefício do Patronato São José,
amanhã, à Praça Antonio Carlos**

Em boa hora, o Exmo. e Revmo. Sr. bispo, Dom Justino José de Sant'anna, entregou a direção do patronato São José aos cuidados das Rvmas. Irmãs, Filhas de São Vicente de Paulo.

Desde 5 de fevereiro, as abnegadas Irmãs de Caridade estão encarregadas da disciplina e da educação dos órfãos.

Não ha duvida que ninguem melhor do que a Irmã de São Vicente de Paulo possa dar educação ao menino abandonado. Ela é “especialista” nesta obra de caridade cristã. Afigura-se sempre o seu Patrono e Pai Espiritual ladeado de uma ou duas crianças necessitadas para mostrar a especial solicitude de S. Vicente de Paulo para seus filhos órfãos e abandonados. A Irmã de Caridade não póde erguer os seus olhos para o Santo Fundador da Congregação sem ser, ao mesmo tempo, a criança desamparada. Aspira, portanto, o carinho para o órfão com a sua educação religiosa.

E as Irmãs Vicentinas que vieram, não iludiram as grandes esperanças do nosso Exmo. Prelado. Logo ao tomarem conta do Patronato, as Rvmas. Irmãs estabeleceram novos planos: Boa educação só em presença de Nosso Senhor. As Irmãs têm a sua capelinha no pequeno convento, mas é mistér que Jesus vivo na Eucaristia esteja presente no proprio Patronato. Construir-se-á uma capela junto ao estabelecimento.

Para a boa ordem serão necessarias mais algumas salas e uma residencia das Rvmas. Irmãs junto ao Patronato. A planta foi orçada em 138 contos.

Eis o motivo da festa de amanhã na Praça Antonio Carlos.

Não precisamos descrever os enormes beneficios sociais e caritativos do Patronato São José. Os jornais da cidade, em diversas edições e por muitas vezes, exaltaram a grandiosa Obra de Dom Justino.

Ninguem, portanto, negará o seu apoio ao desenvolvimento do Patronato que hospeda atualmente 60 crianças órfãs.

Um festival é um meio suave de ajudar. Vamos, pois, todos á praça Antonio Carlos, ajudando, divertir-nos e divertidos ajudar.

. *Ano XVI, 05/07/1941, n° 783, página 01*

O Lançamento da pedra fundamental da Capela do Patronato São José

Conforme noticiamos em o nosso numero de 26 de Abril ultimo, as Filhas de S. Vicente, ao tomarem conta do Patronato, idealizaram o plano da construção de uma capela junto ao educandário dos meninos órfãos. A planta do santuário e de novas dependências contíguas foi orçada em 138 contos de reis. A primeira festinha realizada na Praça Dr. António Carlos deu o resultado de 14 contos. Foi animador, e imediatamente punham-se mãos á obra. Ainda na mesma semana iniciou-se o trabalho de desaterro da colina ao lado do edificio existente, em que todos os meninos prestaram o seu auxilio. Com grande prazer observamos, como as mais pequenos levaram uma meia pazinha ou um bloquinho de terra na mão para o lugar destinado. Não é por dizer que aquele auxilio fosse eficaz, mas assim habituam-se os meninos ao trabalho, e, mais tarde, estes meninos terão a satisfação de dizer que ajudaram a construção da sua capela. A ociosidade é grande inimiga da boa educação.

Em menos de dois mēses cavaram-se um enorme barranco de oito metros de altura e os alicerces.

A BENÇÃO DA PEDRA

Eis chegando o dia de iniciar a construção. Foi marcado o dia 25 de Junho, véspera da viagem de Sua Excia Revma. o Sr. Bispo em visita pastoral. Com a presença de representantes do Exmo. S. General da IV Região Militar e do ilustre Comandante do 2º. Batalhão, do Revmo. Clero e das Irmãs das diversas casas de instrução, além de elevado numero de pessoas gradas realizaram-se a Benção e o lançamento da pedra fundamental. Os visitantes foram recebidos sob os sons alegres da banda musical dos orfãos.

Antes de começar o ato litúrgico, o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo explicou aos presentes que a cerimônia havia de ser simples, sem festividade exterior, como é simples, toda verdadeira caridade cristã. Trata-se, continuou Sua Excia. Revma da construção de uma capela

e de alguns apartamentos absolutamente necessários á boa ordem da casa; não será obra de luxo, mas de premente necessidade. Aproveitou o Sr. Bispo desta ocasião para agradecer todo apoio e auxilio que recebera da caritativa sociedade juiz de Fora, e fez votos que, para o futuro, posso contar com a mesma benevolência.

Em seguida, o Exmo. Sr. Bispo benzeu o terreno da construção: “Senhor Deus que, apesar de exceder o espaço do céu e da terra, vos dignais de possuir na terra uma morada, onde vosso Nome é glorificado; nós vos suplicamos pelos méritos do Sma. Virgem Maria, de S. José e de todos os Santos, que visiteis este lugar e, pela efusão da vossa graça, o purifiqueis de todo inquinamento, e o conserveis puro. Por Nosso Senhor Jesus Cristo que vive e reina por todos os séculos, Amen.

Todas as demais orações do ritual referentes á benção da pedra são tocantes e de alta expressão litúrgica. Por falta de espaço limitamo-nos a traduzir a seguinte: Benzei, Senhor, esta pedra, obra de vossa criação, e, pela invocação de vosso Santo Nome, concedei a todos que com reta intenção prestaram o seu auxílio para a edificação desta igreja, a saude do corpo e da alma. Por Cristo Nosso Senhor. Amen.”

LEITURA DA ATA

A convite do Revmo. Sr. Pe. Secretario, o Revmo. Sr. Padre Antonio Pachêco Ribeiro, cura da catedral, leu em voz alta a ata da cerimonia ora realizada. O documento foi assinado pelo Exmo. Sr. Bispo, pela Revma. Irmã Lemos. Superiora do Patronato, pelo clero, pelas irmãs e as demais pessoas presentes. A, ata, com os jornais do dia e algumas moedas da época, foram lançados na cova, que ia ser coberta pela pedra.

OS DISCURSOS O CLERO

Em nome do clero discursou o Revmo. Sr. Pe. Pachêco. Em palavras escolhidas, Sua Revma, disse da significação, dos características e da atualidade da obra do amparo á criança desprotegida. Em bela

oposição apresentou o quadro da criança amparada e desamparada, tirando daí a conclusão da necessidade da construção para uma formação completa, ou seja espiritual, intelectual e moral dos órfãos. Por fim, manifestou ao Exmo. Sr. Bispo, em nome de clero, os sentimentos de veneração e gratidão, prometendo o apoio de todos os colegas .

O POVO

O nosso prezado amigo, Sr. Capitão Eduardo Faustino, iniciou o seu belo improviso, dizendo que, apesar de não estar oficialmente autorizado de representar os habitantes de Juiz de Fóra, ter a certeza absoluta de interpretar os sentimentos de todos, aplaudindo a obra benemérita de Dom Justino.

Havendo o orador precedente falado sobre o lado espiritual, o Cap. Faustino, como bom militar, quis focalizar a parte patriótica da obra. O Brasil necessita de uma população forte. Educar a criança de hoje é garantir a prosperidade do Brasil de amanhã. O Patronato é obra em benefício da Patria.

Terminando, o orador fez votos para que Deus conceda ao Exmo. e Revmo. Sr.. Bispo muitos anos de vida para o bem da religião e da Patria brasileira.

A AÇÃO CATÓLICA

O representante da Juventude Masculina Católica Brasileira. Sr. Michel Ahouagi, disse que entre o clero e o brasileiro ha uma entidade que não pode considerar a obra puramente material, nem numa visão sublimemente espiritual do clero. E' a Ação católica, Essa instituição não se atreve sequer de comentar a ação da hierarquia eclesiástica. Como em todas as demais ocasiões diz o seu: Amen, Alleluia! A palavra Alleluia traduz o sentimento de alegria; alegria por ver o Cristo morar entre os mais pobres e abandonados; alegria por ser iniciada a construção de uma igreja enquanto tantas se destroem em outras partes; alegria por ver o reino de Cristo estendido entre os órfãos.

LANÇAMENTO DA PEDRA

Concluiu-se a tocante cerimonia com o colocação da pedra fundamental, enquanto o Exmo. Prelado rezava a oração liturgica: Na fé de Jesus Cristo colocamos esta primeira pedra, em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo: que floresça aí a verdadeira fé, o temor de Deus e a caridade fraterna; e que este lugar seja destinado à oração para invocar e louvar o nome do mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina por todos os seculos dos seculos, Amen.

O LAMPANDARIO, feliz de poder noticiar mais um notavel empreendimento do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo, Dom Justino José de Sant'Anna, apresenta a Sua Excia. Revma. cordiais felicitações.

+Ano XVI, 06/12/1941, n° 815, página 04

Patronato São José

Levantou-se, quinta-feira p.p., a cumieira da capela e do novo pavilhão do patronato S. José.

Assistiram ao ato o exmo. e Revmo. Sr. Bispo e muitas pessoas amigas da benemérita instituição.

Em o nosso próximo número esperamos dar notícias mais detalhadas.

A festa da cumieira da capela São José

LAMPADARIO

DE MINAS,
LUIZ DE FORA

SABADO, 13 DE DEZEMBRO DE 1941

Redator-Chefe: PADRE ANTONIO PACHECO

PRO DEO ET PATRIA

A festa da cumieira da capela São José



Revista d
Uma pe
a estagiu
Está am
numero da
te à lepra
deração d
sobrecar
contra a l
de Janair
Palacio H
O pres
blação,
exemplar
nista do
go, da, C
mo Lam
ves Carr
notista, s
riço Na
gulamen
aprovaç
Naciona
ben as
pela Sr
Gatado
so em
previos
notas a
pra m
do, nu
119. S
os L
outras
Com
prime
somb
senta
realiz
vada
Hans

A fotografia que reproduzimos, foi tirada por ocasião da festa da cumieira, vendo-se S. Excia. Revma. Dom Justino entre as autoridades presentes e os órfãos do Patronato.

Conforme noticiamos em o da Creche, do Asilo dos Men-
neste número da semana p.p. digos e da avenida Rita Hal-
realizou-se, no dia 4 de corren- feld. Entre as autoridades pre-
te, o levantamento e a benção sentes notamos Exmo. Sr. Dr.
da cumieira da capela e do novo João Luis Alves Valadão, fan-
pavilhão do patronato São José, dador da Chacara dos Menores,
Cap. Edoardo Faustino, um re-
Infelizmente a chuva impediu presentante do Sr. Comandante
que a festa tivesse o brilho e a do 2. B.C.M., Sr. Cel. Alvaro
assistência dos amigos que se Vilela e Srs.
esperavam.

Após a caramônta, a Revma. Irmã Lúcia, diretora do Patronato, ofereceu aos presentes uma mesa de doces.

Os nossos leitores não igno-
ram o que é o Patronato, a instituição das mais admiráveis da caridade cristã, mantida pelo esforço sobretudo do Exmo. Sr. Dr. João Luis Alves Valadão e do Exmo. Sr. Dr. Dom Justino José de Sant'Ana. Quando o sustento dos 70 abrigados requer grandes sacrifícios de Sua Excia. Revma. maior esforço de Sua Excia. Revma. pede a construção da capela e do novo pavilhão, que são de absoluta necessidade. Recomendamos, pois, a grandiosa Obra de Sua Excia. Revma. á generosidade dos nossos leitores.

A
Ele
maç
El

A fotografia que reproduzimos, foi tirada por ocasião da festa da cumieira, vendo-se S. Excia. Revma. Dom Justino entre as autoridades presentes e os órfãos do Patronato.

Conforme noticiamos em o nosso numero da semana p.p., realizou-se, n o dia 14 do corrente, o levantamento e a benção da cumieira da capela e do novo pavilhão do patronato São José.

Infelizmente a chuva impediu que a festa tivesse o brilho e a assistência dos amigos que se esperava.

Procedeu a benção o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Dom Justino José de Sant'Ana, e assistiram ao ato vários sacerdotes, seminaristas, irmãs vicentinas da creche, do Asilo dos Mendigos e da Avenida Rita halfeld. Entre as autoridades presentes notamos o Exmo. Sr. Dr. João Luiz Alves Valadão, fundador da Chácara dos Menores, Cap. Eduardo Faustino, um representante do Sr. Comandante do 2. B.C.M., Sr. Cel. Alvaro Vilela e Sra.

Após a cerimônia, a Revma. Irmã Lemos, diretora do patronato, ofereceu aos presentes uma mesa de doces.

Os nosso leitores não ignoram o que é o Patronato, a instituição das mais admiráveis da caridade cristã, mantida pelo esforço sobrehumano e continuo de Sua Excia. Revma. Dom Justino José de Sant'Ana. Quando o sustento dos 70 abrigados requer grandes sacrificios de Sua Excia. Revma. maior esforço de Sua Excia. Revma. pede a construção da capela e do novo pavilhão, que são de absoluta necessidade. Recomendamos, pois, a grandiosa Obra de Sua Excia. Revma. á generosidade dos nosso leitores.

XVII, 09/05/1942, n° 837, página 01

Carta a Filiolo

Realizou-se, Filiolo, a anunciada festa em beneficio de nosso Patronato São José. Irmãs Filhas da Caridade, senhoras, moças, em todas, quanta generosidade afetiva e efetiva! Sei do espirito que a todas e a tudo animou, por isso, com fé, sacerdotalmente, tenho e proclamo esta visão: tornou-se visível a realidade sobrenatural da comunhão dos santos. Visível aos olhos daqueles que têm para ver coisas elevadas. Aos olhos beneficiados pelo batismo. Ao olhar cristão que vê e consequentemente realiza a *esmola* como ofertório de amôr realizado que se perde em Deus. A beneficência cristã vindo da misericórdia; a mi-

sericórdia vindo da caridade; a caridade seiva sobrenatural, circulando ininterruptamente de Deus ao homem, do homem a Deus, eis a gênese legítima de esmola. Fóra dessa base o que a gente vê é um grosseiro e fugaz e politicamente comercio por automáticas funções de taxas. O que a gente vê é tapeação, fabricada á força de fantasistas mediações sociais. Fabricada e exportada sob ilusório sentimento de solidariedade. Fabricada e imposta á força de legalidades existentes nas papeladas dos escritórios burocráticos / Não me preocupo com agradecer insistentemente a todos que trabalham mais uma vez pelo Patronato. Fez-se do alto e para o alto. Também assim é e será: o verdadeiro e correspondente agradecimento. Louvado seja Nosso Senhor Jesus, Filíolo. Até outro dia.

. *Ano XVII, 31/10/1942, nº 862, página 01*

Capela de São José

Sua Excia. Revma procederá amanhã, ás 8 horas, a benção da Capela anexa ao patronato S. José.

Para assistirmos a este ato religioso recebemos gentil convite da Digna Diretoria do estabelecimento, a Revma. Irmã Lemos.

. *Ano XVII, 07/11/1942, nº 863, página 02*

CARIDADE

Homenagem a S. Ex. Revma. D. Justino José de Sant'Ana e ás D. D. Irmãs de S. Vicente, por Ocasão da Inauguração da Capela do Patronato S. José.

Na rua, sob a garoa insistente e gélida, vai o pobre garotinho, sujo, rasgado, encharcado ate aos ossos, tremendo de fome e de frio. Passa por casas sem conta, fechadas, todas, quentes e confortáveis, mas não ousa bater em nenhuma. Tantas vezes já foi maltratado despedido com o maior desprezo, chamado “malandro” e vagabundo... E lá vai ele o coitadinho, com uma tossezinha a minar lhe o peito nu, e

com uma fome a atroz a devorar—lhe o organismo em desenvolvimento. Mas esse espetáculo não comove a ninguém mais, é tão banal, tão diário. E ninguém se preocupa em pensar para onde ira esse garoto maltrapilho e andrajoso, doente e infeliz. Terá ele um teto, ao menos um abrigo semelhante aos dos nossos animais domésticos? Terá ele mãe carinhosa, um lar, ou viverá num antro de perdição e de crime?

Que almoço e que jantar teve esse pequenino corpo sofredor? Que aspirações ou que crenças medram nessa alma deixada assim do leu? E lá vai o ele o garoto infeliz, assobiando uma canção qualquer, brincando com uma lata que tirou do lixo, indiferente a tudo, resignado e paciente, predica viva contra os nossos comodismos e revoltas injustas. Que almazinha corajosa e aproveitável! De quanto heroísmo, talvez seria capaz, caso fosse cuidada e orientada. E esse corpozinho débil como se tornaria robusto e útil, se pudesse ser alimentado e fortalecido com os recursos modernos de terapêutica e higiene. Mas ninguém, ninguém pensa nele, no pobre garotinho da rua...

Mas, pobre garotinho querido, graças a Deus, o teu abandono não é tão completo assim.

Há quem pense em ti também, há quem almeje da-te um teto, a ti e a todos os teus companheirinhos de infortúnio. E esse alguém que te ama tanto assim, é o Pai que Deus te deu, em substituição ao teu que não te soube amar como devia. É o Pastor que o pai Celeste pós em teu caminho para conduzir- te a Ele, na sua morada Eterna, onde serás um rei, um bem aventurado, um feliz. E foi por ti que ele fundou um Patronato, para que ali recebas alimento e carinho, fé, ofício, instrução e civismo.

Ele te quer armar para as lutas da vida, quer fazer de ti um brasileiro digno e um cristão de valor, e seu maior desejo e que esse Patronato cresça e prospere tanto que possa abrigar sob seu teto todos os teus companheirinhos pobres e abandonados. E para que nada te falte lá, nem mesmo o carinho materno, S. Ex. Revma. O D. D. Bispo Diocesano entregou esse Patronato aos cuidados e carinhos das abnegadas e heroicas filhas de São Vicente de Paulo, que ansiosas e amigas aguardam a tua chegada a esse lar... que é teu, meu, pobre garotinho, querido.

Ouve, pois, meu amiguinho pobre e infeliz, ouve, em troca do

bem que me fazes com tua resignação sorridente e humilde; em troca do bem que me fazes ao tirar o teu chapeuzinho roto ao bater das Ave - Marias; em troca de toda essa tua pregação muda e eloquente, eu quero dar-lhe um conselho: O Natal aproxima – se, e, como todas as crianças, tu também desejas receber alguma coisa. Meu garotinho, não peças ao Menino Jesus que mande balas nem brinquedos, essas alegrias são efêmeras e passageiras, e nem terás onde guardar esse pedacinho de lata que te derem. Reza sim, menino pobre se tu souberes rezar... Mas pede a Deus um lar, pede a Deus que de ao Patronato S. José recursos suficientes para que te possas receber em seu seio, onde serás feliz. Mas não peças só por ti, meu amiguinho querido, pede para que os corações generosos da cidade ajudem essa instituição de tanto alcance para que todos os garotinhos pobres como tu, possam ser recebidos também no Patronato S. José, para lá viverem felizes e serem honrados. E que nunca se veja em Juiz de Fora esse espetáculo comovente e desolador que é a criança abandonada, a infância sem proteção e sem lar.

M.J.V.

. Ano XVII, 28/11/1942, n° 866, página 01

Patronato S. José

Recebeu, há dias, um lindo harmonium, doado pela D. Nhazinha Assis. Por muitos e muitos anos, ajudará os orfãosinhos nos seus louvores a Deus Pai, pelo Filho, no mesmo Espírito. Deus pague a esta carinhosa benfeitora.

. Ano XVIII, 04/09/1943, n° 905, página 02

Pensai no “Patronato São José” Piedade para os pequeninos Por Austregesilo de Alhayde

Quando encontrardes nas ruas nos jardins, nas praças públicas, essas crianças andrajosas que vos estendem a mão, pedindo um

níquel, não as olheis com desprezo ou vergonha. É piedade que elas merecem. Se vagueiam nas ruas, incertas do teto para o sono do agasalho para o frio e do alimento para o estomago, não o fazem porque prefiram esse gênero de vida, mas porque não lhes deu outro e a sociedade recusa-se a cumprir para com eles os altos deveres que lhe incumbem. Considerai-as antes na sua imensa infelicidade. Cresceram sem pais ou responsáveis, quando não exploradas pelos que tinham a missão de ampara-las. E Deus sabe qual será o duro caminho que terão a percorrer, antes que cheguem ao cárcere ou a enfermaria do hospital. Entre tantos problemas do Brasil, esse tem uma importância decisiva, porque vai nele o próprio futuro da nacionalidade. Cada dia aumenta o numero desses pequenos desvalidos na cidade e nos campos, sem que na mesma proporção cresçam as Instituições publicas ou particulares, destinadas a protege-los. Será humano voltar-nos no contra a vitima, enxota-las na nossa presença, ou , o que importa no mesmo, concorrer para que ainda mas se degradem, dando-lhes a esmola que agrava o mal com o vicio da vagabundagem recompensado pela caridade.

O patriotismo moderno não é feio de palavras, de louvores estéreis ás glorias do pais, de exaltação aos feitos dos antepassados. Tem que ser dinâmico e consistir sobretudo na cooperação de todos para que a comunidade se aperfeiçoe e engrandeça.

Por isso digo sempre que a responsabilidade do sofrimento dessas crianças recai, por igual, sobre todos nos, como brasileiros. Vendo-as aos bandos, soltos na rua, ao Deus dará, as almas bem formadas não podem refugir a consideração da sua cumplicidade indireta na sorte desses pequeninos seres.

Assim, quando se atravessarem no caminho, o vosso movimento não deve ser nem de colera nem de vergonha.

Os que teem pais, lar, escola, abundancia, não se extraviam na perseguição dos transeuntes. Só os miseráveis o faram, ao desamparo de uma existência cujo desenlace será sempre de confranger os corações.

Foi as crianças como essas, que os apóstolos ciosos do sossego de Jesus, procuravam afastar, que Ele disse a inesquecível frase: *“Deixai que elas venham o mim, porque lhes pertence o reino dos céus”*.

(Transcrito do “O Cruzeiro”. Por M.J.V.)

. Ano XVIII, 30/10/1943, nº 913, página 01

Nosso Patronato ao Sr Bispo

Em 1 de Novembro, 9º. aniversario de ordenação do Sr. Bispo, Sua Excia. Revma. celebrará no Patronato São José, ás 9 hs.. Nesse dia a mimosa Capela do Patronato fará um ano, e lá estaremos muitos, numa Festa: a Festa de Todos os Santos, em que, de coração e de altar, uma vez mais entre muitas, reafirmaremos, ou, reafirmar-se-á em nós, o único vinculo sobre o qual jamais prevalecerá coisa alguma: a caridade de Nosso Senhor Jesus.

. Ano XVIII, 20/05/1944, nº 924, página 04

Ao Patronato São José

Cel. Alvaro e D. Eudoxi Martins Villela ofereceram hoje mil cruzeiros. Percebemos que foi por ocasião do aniversario natalicio de D. Eudoxia. S. Excia. Revma. sr. Bispo Diocesano agradece, de coração e de altar, a esses constantes e sinceros bemfeitores do Seminario Diocesano e do Patronato São José. Lovamo-los diante dos homens, na convicção de que eles e nós glorificamos ao nosso Pai que está no céu.

Pe. RUI, a 15=V=1944

. Ano XIX, 05/08/1944, página 01

Nosso Patronato São José

A humilde escritora de “Meu Rosario”, pequenos artigos em publicação neste jornal, considera hoje nosso Patronato São José. Nessa casa haverá procura de prestigio, de representação? ou, simplesmente uma verdadeira vida em linha classica? - Resposta: em embaraços humanos (Deus é quem sabe!), no meio de precariedade

às vezes multiplicadas, há esta bôa vontade - de despertar nos meninos, jovens e jovensinhos, que alí se abrigam, o SER CRISTÃO que cada um deles é. Desperta-los, acorda-los em pleno dia, nos seus brinquedos, nos seus trabalhos, nas alegrias e pesares ... desperta-los para que não cedam lugar ao mal, ao MAU. Desperta-los paciente e constantemente para que vejam a sua grandeza e gloria não inferior ás destes ou daqueles. Gloria em condições humildes, em situações silenciosas e esquecidas... mas, é a condição que traz glória? Estaremos sub-conscientemente materialistas para negar uma gloria sob especies humildes, silenciosas e esquecidas?

Essa a verdadeira, unica, LINHA CLASSICA, que ali não se esquece ainda quando dificuldades tremendas atizam ou perturbam seu caminhar, sua volta a Deus Pai, pelo Filho, no Espirito Santo, em correspondencia á vinda de Deus Filho pra redenção de tudo.

. Ano XIX, 14/10/1944, página 01

Visitai o Patronato SÃO JOSÉ

IDE vêr, observai e refleti ...

Percorrei o estabelecimento, assisti ás refeições, observai o pessoalinho recolhido e como é tratado. Depois ... deixai, ali, vosso nome e residencia.

A entrada é franca.

“O que fizeste ao minimo de teus irmãos, a mim fizeste...”

. Ano XIX, 14/10/1944, página 02

Semana da Criança Infância abandonada!!!

Lembrem-se de que em Juiz de Fora existe o PATRONATO São José há quase 12 anos, com fecundos resultados?!...

E o nosso Patronato S. José?

“O misterio da pobreza é um desses misterios que estão no cerne profundo de toda a vida cristã.

Cristo foi, aliás, o primeiro pobre. Uma vestimenta tosca e simples - era tudo o que possuía. O Filho do Homem não teve uma pedra sequer onde reclinar a cabeça.

É que o mistério cristão se estrutura todo ele numa base de ordem sequentemente, num clima espiritual. Ora o clima espiritual é justamente aquele onde não pompeiam as riquezas e superfluidades do mundo, senão em que medra a pobreza, como uma virtude que polariza a nossa atividade, nortendo-a para Deus.

“Beati poupare spiritum, quia illorum est regnum coelorum” - bemaventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino de céus”

Esse reino dos céus de que falam as Escrituras já começou aqui na terra, com a Igreja. A Igreja é o reino de Deus na terra. O cristão, desde que possua a vida da graça já tem PARTE na vida da glória. Pois o Novo Testamento não é apenas um simbolo do testamento eterno. É um simbolo deste, sim, mas é o seu principio também. o novo testamento simboliza e inicia o Futuro Testamento, de que já é um techo.

Assim, se o reino dos ceus será dos pobres, a Igreja deve ser também dos pobres. E é, o efetivamente. Por isso mesmo é o que pobre compreende a Igreja. Por isso também é que o burguês não compreende a Igreja. O espirito de pobreza é essencial ao cristianismo. Como o espirito de pobreza deverá ser essencial a todos aqueles que queiram viver, pensar e sentir como a Igreja vive, pensa e sente.

Se a pobreza está no ambito das realidades cristãs, que devem ser defendidas a todo transe, não é, porém, legitimo o pauperismo, que ultrapassa as fronteiras da pobreza, para constituir como uma ridicula caricatura desta.

O pauperismo é um fenomeno social que a todo custo devemos combater, pois reflete sempre um desequilibrio social, um desajustamento na vida das coletividades. É um mal sociologico. E reclama sempre uma terapeutica ou uma medicina para sanar-se, em suas cau-

sas proximas e remotas.

Mas, uma vez resolvido este, persistirá a pobreza, perambulando por toda a parte, porque ela está inseparavelmente ligada á vida cristã. Onde houver um cristão consciente e digno, ai existirá a pobreza, testemunhando gloriosamente a sua dignidade cristã.

O pobre é uma imagem viva do Cristo. Na esquina de cada rua, no portão de cada casa, quando o pobre nos acena é o Cristo que nos pede uma esmola. Demo-lha, se a caridade é efetivamente qualquer coisa de positivo em nossa vida cristã.”

+Ano XIX, 02/12/1944, n° 966, página 01

VISITAI o Patronato SÃO JOSÉ

IDE ver, observai e refleti...

Percorrei o estabelecimento, assisti ás refeições, observai o pessoalinho recolhido e como é tratado. Depois... deixai, ali, o vosso óbolo, vosso nome e a residência.

A entrada é franca.

“O que fizeste ao mínimo de teus irmãos, a mim fizeste...”

. Ano XX, 31/03/1945, n° 982, página 03

Hino do Patronato São José a D. Justino

Eia! Vamos saudar
Todos a cantar
Ao nosso Pai amado
Resplende a Caridade
Fulge a Bondade
Deste Pastor Sagrado

Oh! Pai! Eis dalma um hino!
Com nossos corações enternecidos,
Queremos proclamar, agradecidos,
Um grande amor a D. Justino!

II

Ao nosso Protetor
Que nos tem amor,
Ao Pai dos pobresinhos,
Damos o coração
Com a gratidão
Sincera dos orfãozinhos.

III

Rasgando o azul dos céus
Sobem até Deus
As preces mais ardentes
Pelo Pastor querido,
Nunca esquecido
Das almas inocentes.

Musica da “Marcha Brasil”

. *Ano XX, 26/05/1945 n° 991, página 04*

Infancia desajudada

A *Diocese*, representada pelo Sr. Bispo Diocesano a Comunidade Diocesana nos seus bons elementos, não precisa de “dialéticas”. Não faz caso de “retóricas”. Nem faz “casos” com “apologéticas” elaudicantes. Detesta manobras fascistas ou nazistas. Não teme os desmandos bolchevistas á procura de uma *cousa justa* que perseguem *injustamente*. Não propõe «planos» artificiais ou «direitos». Nem se refugia em saudosismos. Também não se apega a ‘exercícios’ ou “práticas” secundárias delas esperando resultados primários.

A DIOCESE EXISTE e VIVE. Existe e vive na dialética, na retórica, na apologética, na justiça, no plano, no exercício, na prática das *bem-aventuranças*.

Eis um sinal *externo* dessa *vida interior*; a EXISTÊNCIA DO PATRONATO SÃO JOSÉ. Ha quasi 13 anos! num trabalho *humilde*.

Si nosso leitor quer *viver* um cristianismo *decente*, queira enxergar e aceitar o conteúdo de nossas *afirmações* que não são nossas.

São do Cristo Jesús. Não fazemos mercê a outros que não a nós próprios, quando as aceitamos *decentemente*. Salvamo-nos. Apresentamos ao mundo um “partido” que é uma parte do céu “em ordem” de “regular” a terra. Um partido para materializar perenemente, no tempo e na terra, as relações entre Deus e os homens.

Sejamos *decentes!*

Aceitamos decentemente o conteúdo desta afirmação: “CIVILIZAÇÃO CRISTÃ,” tantas vezes e tão estupidamente pronunciada!

. *Ano XX, 27/10/1945*

Salvemos a criança

A infância em nossos dias mais do que nunca, necessita de proteção. Proteção quanto ao físico e proteção quanto á moral.

O organismo humano requer sempre bom tratamento e isto não pode ser feito mais oportunamente do que na infância, pois dela depende toda a resistência física do homem.

São inúmeros os perigos a que está exposta a criança, não só por causa da miséria reinante, mas também devido aos descuidos de alguns e a grande falta de compreensão de muitos. O resultado é ver-se por toda a parte: nas povoações ruraes, nos recantos dos arrabaldes, nas praças e avenidas dos centros populosos – crianças raquíticas e atrofiadas por falta de alimentação, de medicamentos e por todas as privações da miséria. Há, felizmente, pessoas que já veem essa necessidade premente da infância e contribuem com generosidade para o amparo dos pequenos. Nas cidades, principalmente, a infância acha-se não raro bem protegida. Lactários, creches, patronatos, e muitas outras instituições oferecem à criança amparo e assistência. É muito. Mas ainda não é o suficiente. O que urge é fazer conhecer a todos, o inapreciável valor destas instituições, fruto dessa iniciativa particular quasi todas, e mostrar a cada cidadão que só o sentimento de humanidade não permite a ninguém regatear apoio e contribuição para o progresso de obras de tanto merecimento.

Com referência á parte moral, basta-nos examinar as diversões da criança moderna. Aqui e ali, quanta cousa indesejável, repulsiva

até! Quanta afronta á inocência dos pequenos! E estes, na simplicidade que lhes é peculiar, entregam-se facilmente as pretensas leituras recreativas e aos filmes, as mais das vezes, impróprios para qualquer cristão. E assim se desenvolve a criança, respirando nesse ambiente o germe inéfito de muito elemento nocivo, que vai desfigurar a imagem do Deus em sua alma.

À vista de tão alarmante realidade, os mais lídimos sentimentos de caridade cristã, de solidariedade e de patriotismo – impõem-nos o dever de aplicar os meios adequados a salvar a criança moderna: salvá-la fisicamente, intelectualmente e sobretudo moralmente. O mínimo que daí há de resultar serão poderosas reservas para as novas gerações que hão de garantir o futuro da sociedade.

Carlos Martins

5 ano do Seminário

. Ano XXI, 22/02/1947, n° 1082, página 01

Patronatos de menores

O problema dos menores desamparados continua no cartaz. E' um problema que carece de solução pratica e infelizmente continua a ser desprezado por muitos daqueles que deveriam ajudar a resolver com mais vantagem, a situação de tantos meninos e meninas que andam pelas ruas das nossas cidades a pedir esmolas ou a praticar cenas de “mocinho” aprendidas nos cinemas e através de leituras já conhecidas como perniciosas.

Pouco se cuida ainda desta questão vital. Quanta gente poderia dar o seu amparo a iniciativa que visam tirar das ruas os futuros criminosos porque desamparados, e não o fazem por amor reprovavel ao comodismo!

Existem aqui ou ali, uma ou outra casa de amparo a menores, na sua maioria orfãos ou então desprezados pelos pais. Mas como são sustentadas estas almas caridosas e abnegadas que com todo sacrificio se dedicam a tão importante e urgente problema. Entre nós temos, por exemplo, o Patronato S. José, obra do nosso querido Bispo Diocesano e confiado ao zelo das benemeritas Irmãs Vicentinas. Si quizermos saber um pouco da historia deste Patronato, perguntemos a D. Justino ou á Irmã Superiora. Luta com dificuldades de toda sorte, mas particular-

mente material. Precisamos aumentar em todo sentido o nosso Patronato e voltarmos também as nossas vistas para a chamada Chacara dos Menores, para onde; ao que consta, são levados menores apanhados na pratica de crimes, como sejam, roubos etc, seria talvez o caso de se fundir as duas casas sob a mesma orientação cristã com o auxílio dos poderes públicos, dos ricos e de todos que se empenham pela grandeza da nossa Patria, pois os menores de hoje entregues aos Patronatos bem dirigidos, serão amanhã elementos úteis á sociedade.

A este respeito, escreve entre outros, o Pe. Arlindo Vieira, um importante artigo em que dá as suas impressões sobre o Patronato de Desengano e de Rio das Flores. Acha êle que alí a meninada é verdadeiramente educada, sentindo-se bem com o regulamento ministrado. Conta fâtos interessantíssimos que assistiu e que provam cabalmente a eficiencia dessas casas de formação, meios indicados para solucionar praticamente o doloroso problema dos menores abandonados de que tanto se fala.

E' preciso, porém, que todos auxiliem real e cristãmente, com donativos e orações, estimulando-se aquêles que se sentem com coragem para orientar e manter diretamente uma obra desta natureza.

Si já temos, pois, em Juiz de Fóra, graças a Deus, alguma cousa neste particular, resta-nos exatamente amparar, mas de verdade e sempre e teremos resolvido o problema, ao menos na nossa cidade.

A. COSTA

**Acta da bênção da pedra fundamental do
PATRONATO SÃO JOSÉ
Para menores desvalidos**



Aos onze dias do mez de Outubro de ano de mil novecentos e trinta e dois, nesta cidade de Juiz de Fora, alto da Rua Dom Silvério e encosta do Seminário Diocesano de Santo Antônio em local destinado á edificação do PATRONATO SÃO JOSÉ (asylo e escola para menores desvalidos), compareceu o Exmo. e Revmo. Senhor Bispo Diocesano Dom Justino José de Sant'Ana, e, perante o Seminário incorporado, representantes do Clero e da imprensa, exmas. Senhoras, e exmo. Snr. Doutor Juiz de Menores. o digníssimo Prefeito da cidade e muitas outras pessoas gradas da sociedade juizdeforana, anunciou S. Excia. Revma. que ia proceder, como procedeu, á bênção da pedra fundamental do edificio, cujo começo de alicerces ali se via.

E efetuada e terminada a bênção com as orações e cerimônias do ritual, o Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Diocesano disse, substancialmente, o seguinte:

“Senhores! Está benta a primeira pedra desta edificação. Tive o pensamento de fundar um asylo e escola para menores desvalidos, e

aí vêdes a primeira palavra ou gesto a traduzi-lo em realidade. Tenho fé em Deus e confiança plena na incansável generosidade do povo de juiz de Fóra, não me deixarão sozinho no preenchimento dessa talvez a única lacuna entre as necessárias instituições altruísticas de nossa culta cidade. – Excelente algario dessa ventura que se almeja, a vossa presença aqui, nesse momento, apesar da chuva e, mais ainda, á interrupção dos vossos outros afazeres e graves ocupações. – Agradeço, penhorado, o vosso comparecimento; e, si ele tem a significação de que me acompanhais no mesmo pensamento, aí o exponho e entrego ao vosso apoio moral e material”.

Terminada essa alocução do Exmo. Snr. Bispo Diocesano, tomou a palavra o Exmo. Snr. Prefeito Doutor Pedro Marques de Almeida, que, pegando com felicidade, a deixa do exmo. Prelado Diocesano, começa afirmando que o Patronato São José se pode considerar uma realidade para brevíssimo prazo, visto a elevação e nobreza do pensamento do exmo. Snr. Dom Justino José de Sant’Ana, cuja vontade forte e digna vem, de há muito, sangrando S. Excia. Revma. como causa eficiente de varias outras realizações, secundado sempre pela alta compreensão do cultíssimo povo da cidade e diocese de Juiz de Fora. “Tudo o que temos de melhor nesse gênero de altruísmo e caridade cristã, vem da iniciativa particular”, registra o Exmo. Snr. Prefeito; e, para não enumerar todas ou muitas obras do gênero, S. Excia. Lembra a Santa Casa de Misericordia desta cidade, o Asylo João Emilio, a Maternidade Santa Terezinha e o Asylo de Mendigos, exaltando quanto a este ultimo, o glorioso nome do Snr. Doutor José Procopio Teixeira, que é logo ovacionado pelos presentes. Por sua vez, o Estado (continua S. Excia.), no limite das possibilidades da ocasião, não, digo, nunca deixou de vir ao encontro da iniciativa particular: e é assim que S. Exc., em nome do município de Juiz de Fora (finalizando), hypoteca desde já todo o bafejo, favor e auxilio que puder prestar ao patronato São José na realização do seu nobre e altíssimo desideratum”. – E não havendo mais quem da palavra quizesse usar, encerrou-se a cerimonia, lavrando eu, Padre José Carolino de Menezes, de ordem superior, a presente ata que se apresenta à aprovação e assinatura dos presentes. (Assinados):

+ Justino, Bispo de Juiz de Fora.

Pedro Marques, Prefeito.
André Martins de Andrade, Juiz de Menores.

. *Ano XXI, 06/12/1947, nº 1122, página 04*

**Festa no Patronato
Entrega dos diplomas aos meninos
que concluíram o curso primário**

Dia 29 de novembro realizou-se significativa solenidade no Patronato São José. Doze meninos que ali concluíram o curso primário, receberam o diploma correspondente. Presidiu à festa S. Excia. Revma. o Snr Bispo Diocesano, que foi recebido à entrada do patronato com banda de música.

Durante a festa falou em nome dos diplomandos o menino Alair Moura que pronunciou o seguinte discurso:

Exmo. e revmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Justino José de Sant'Ana.

Exma. Srta. Marta da Conceição de Alencar

Exmo. Sr. Pe. Helvecio Botelho de Assunção, nosso mui digno examinador.

Ilustradas professoras

Caros colegas.

Presentes.

Ao encerrar o presente ano letivo neste abençoado educandário “Patronato São José”, dádiva preciosa com que Deus misericordioso, pela mão benfazeja e providencial de seu insigne representante na terra – o Sr. Bispo D. Justino, quis amparar, nesta cidade a infância desvalida – seja-me permitido dizer algumas palavras com que nós os meninos deste acolhedor aprisco, queremos manifestar nossos sinceros sentimentos de íntima gratidão.

Em primeiro lugar, extremamos o melhor do nosso ardente reconhecimento ao magnânimo e respeitável D. Justino, nosso máximo benfeitor e fundador desta casa, que ele mantém, auxiliado pela benevolência dos generosos cooperadores desta obra de perfeita caridade e pelos quais jamais deixamos também de implorar a Deus as mais mimosas graças.

O mesmo fazemos quanto a ilustre e carinhosa Maria da Conceição Alencar, que, com bondade, acolheu o nosso convite para ser a nossa madrinha, ao lado do nosso paraninfo, Sr. Bispo.

Também saudades ás ilustres e abnegadas Irmãs – a começar pela Revma. e carinhosa Irmã Superiora – que tanto se desvelam pela nossa assistência e educação.

Depois, nos dirigimos ainda as nossas competentes e bondosas professoras que instruindo-nos o espírito, nos sabem inculcar os mais puros ensinamentos morais e sagrados preceitos da Santa Religião Católica Apostólica Romana, que é histórica e arraigadamente a dos brasileiros.

Não menos gratos nos sentimos ao ilustre Padre Helvécio Botelho d' Assunção, representante do muito digno Diretor da Educação Municipal, por sua honrosa presidência aos exames e sábia assistência aos trabalhos de encerramento de nossas aulas.

A todos, pois, apresentamos reverentemente nosso intraduzível agradecimento, lamentando apenas não sabermos manifestá-los por palavras belas e eloquentes.

Se pobres meninos do Patronato pudéssemos fazê-lo teceríamos de palavras tais um lindo ramalhete para oferecê-lo ao nosso paternal e santo protetor, Sr. D. Justino, como símbolo do quanto veneramos, idolatramos e lhe somos profundamente gratos.

Mas do que tudo, porém, valem as fervorosas preces que elevamos a Jesus por V. Excia. Revma. Senhor Bispo, e por todos os que nos auxiliam nesta obra de admirável caridade, que Vossa Excelência criou, sob a proteção patriarcal de São José.

Aceitai, pois, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo, estas humildes florinhas. Falam elas por nós em sua linguagem de perfume que despendem tudo que sentimos no coração e os lábios não sabem proferir.

Homenageando o fundador e protetor do Patronato, o menino Romulo Vale declamou os seguintes versos:

*Bom pai, bom amigo, bom pastor
Ele vive a repetir, cheio de amor,
De cristo o santo ensinamento...*

E é cheio de contentamento,
De alegria serena, mansa e pura
Que ele cumpre na terra, com ternura
O divino preceito...
De ter Jesus no peito.

“Ide e ensinai”...
Por isso é que ele vai,
Olhos ao céu voltados
Pés à terra ligados.
Espalhando a verdade,
A Fé, a caridade
E a todos proclamando;

“Filhos: é só rezando
Que se têm do Senhor
A graça e o favor...
Olhai comigo o céu,
E vede como um véu
Se estende sobre o azul;
Vêde que, de Norte a Sul,
Sempre brilham estrêlas
Acreditai que foi Deus mão
Que se espalhou, cheia de emoção,
Para mostrar seu gênio criador,
Seu poder e seu imenso amor...

Filhos olhai o céu e vede bons!
Ouvi da terra todos os mil sons,
Vêde o pássaro, o grande e o pequeno,
Vêde a flor, a planta, o fruto ameno,
E vede, enfim quão grande é do Senhor,

O zelo Criador
Crêde em Deus, que é bom pai,
E ao vosso próximo amai

Como Êle vos ama a todos nós
Êle que criou a cada um de nós!
Assim é que diz Dom Justino.
Sua voz, como o eco de um sino
Empolga a alma do Cristão
E vai, direita, a qualquer coração...

Êle é manso e bondoso:
Seu espírito virtuoso
Brilhante e nobre, mora
Em todo lar de Juiz de Fora
Que tenha um coração
Piedoso afeito ao pão
Que nos virá do Senhor
E do seu gesto de amor...

Pastor, cheio de alma e ternura
E por meio de sua palavra pura
Que Deus, em Juiz de Fora, arrebanha
As ovelhas perdidas na montanha
Ou à beira do abismo,
Êle é que, cheio de civismo,
Defende a Pátria, o Altar,
E o direito humano de se amar
A própria terra e à Pátria Eterna
Onde, um dia, como navio que aderna,
O porto buscaremos
E graças cantaremos...

*QUERIDO D. JUSTINO;
Que o bom Jesus divino
Olhe sempre por vós
E que vossa piedade,
Vosso amor, vossa bondade,
Nunca nos falte a nós!*

*Que a Igreja e o Brasil
Tenha por anos mil
Toda vossa vontade,
E, de vosso coração,
A suprema, a grande, a imortal caridade!*

+Ano XXIII, 06/03/1948, nº 1134, página 05

Patronato São José

Esta é a casa benfazeja, onde se abrigam os meninos pobres. Ali encontram eles teto protetor e tratamento caridoso. Os meninos do Patronato, além de aprenderem as primeiras letras, tem ocasião de se iniciarem nos mais diversos ofícios, segundo as inclinações de cada um, tornando-se aptos a enfrentar, amanhã, as dificuldades da vida, como membros úteis e dignos da sociedade.

O Patronato São José é uma obra da Diocese, mantida com sacrifício, mas com carinho pelo Senhor Bispo Diocesano.

Auxiliar o Patronato São José é fazer obra de lidima caridade cristã.

+Ano XXIII, 17/04/1948, nº 1140, página 01

Festejos em benefício do Patronato São José

Há algumas semanas o brilhante órgão dos Diários Associados, Diário mercantil, publicou ampla reportagem sobre o Patronato São José, fazendo ao mesmo tempo um apelo para que fosse socorrido nosso simpático educandário, onde quase uma centena de rapazes recebem instrução e assistência.

Atendendo a esse apelo, um numeroso grupo de distintas senhoras e senhoritas resolveu promover festejos em benefício do Patronato.

Assim, comemorando ainda o 15º aniversário do Patronato, em uma de nossas praças serão armadas barraquinhas de quermesse, a car-

go da comissão de senhoras e senhoritas, cujos nomes publicaremos em nossa próxima edição.

+Ano XXIII, 24/04/1948, nº 1141, página 04

Patronato São José

Grandes festejos populares em benefício desse simpático educandário, organizados por uma comissão de senhoras e senhoritas.

Dia 8 e 9 de maio próximo

Aguardem:

Qualquer contribuição pode ser entregue no Bispado

. Ano XXIV, 13/01/1951, nº 1281, página 01

Patronato São José

Para evitarem-se mal entendidas explorações, o Patronato S. José sob a orientação da Autoridade Diocesana está sempre com as portas abertas para receber os pequenos abandonados, conservando a sua finalidade: Curso primário, educação moral e física, sapataria, carpintaria, alfaiataria, agricultura e música.

. Ano XXV, 29/09/1951, n° 1318, página 01

Patronato São José



Continua nessa organização mantida pela Mitra Diocesana, o serviço de reorganização dos diversos ramos de atividades ali praticados.

Lamentamos não ter podido noticiar em momento mais oportuno a re-inauguração da marcenaria.

Com a presença de S. Excia. D. Justino José de Sant'Ana, verificou-se a bênção e inauguração das máquinas destinadas a este setor de atividades do Patronato. Constam elas de uma tupia e de um furador mecânico.

Assim, já podemos anunciar que o patronato, com a sua marcenaria sob a direção do Sr. Luiz Marcacini, está habilitado a atender às encomendas de moveis de qualquer espécie, já tendo produzido, nesses poucos dias de atividade, algo que satisfaz perfeitamente.

Uma nota digna e menção é que na cerimônia da nova inauguração da marcenaria os presentes tiveram satisfação dobrada, pois também ouviram a banda de música do patronato, que entra assim uma nova fase, como, aliás, o Patronato inteiro, visto como ele se fazia necessária, conforme verificamos na primeira visita que ali fizemos, uma boa re-organização.

. Ano XXVI, 01/05/1952, n° 1347, página 01

Patronato São Jose

O Diretor do Patronato São José declara que a mesma Instituição nada deve à Praça até 31 de dezembro de 1951. Se houver alguma dívida de janeiro a março do ano corrente, apareça o credor e apresente nota que, examinada e reconhecida legal, será paga imediatamente com o abatimento de 10%. O motivo deste abatimento é porque jamais foi autorizada dívida de mais de 30 dias.

Juiz de Fora, 24 de abril de 1952.

D. Justino José de Sant'Ana, Bispo de Juiz de Fora, Fundador e único Diretor do Patronato de agora em diante.

. Ano XXVII, 18/05/1953, n° 1399, página 04

Marcenaria

Está em pleno funcionamento a Marcenaria do Patronato São José, pelo que espera oferecer a boa vontade de quem necessitar de qualquer trabalho referente ao ramo.

. Ano XXXI, 22/11/1957, n° 1624, página 04

Patronato São José

A Diretoria e os alunos do Patronato São José, apresentam aos seus benfeitores e amigos, os melhores votos de um feliz Natal e que o Deus Menino faça com que o Novo Ano lhes seja venturoso.

. Ano XXXII, 14/12/1958, n° 1673, página 04

Patronato São José

No dia 27 de novembro. Às 7 horas, realizou-se a 1ª Comunhão de alunos do Patronato São José, sendo a santa Missa celebrada

pelo Exmo. e Revmo. Sr Bispo Diocesano.

O Santo Sacrifício foi em ação de graças pelo aniversário do fundador da Congregação das Servas da Sagrada Família.

Após o café, houve um festival encerramento do ano letivo, com discursos e cânticos dirigidos pela professora D. Carmem Pascini.

. Ano XXXIII, 13/12/1959, n° 1725, página 02

Patronato São José

O Patronato São José, obra de amparo aos menores, fundado pelo 1º. Bispo de Juiz de Fora, D. Justino José de Sant'Ana, foi agora anexado ao Abrigo Profissional Dom Bosco, dirigido pelos Padres da Divina Providência.

. Ano XXXIII, 28/02/1960, n° 1736, página 04

Que as obras de Assistência Social prossigam

Há semanas passadas, o Prefeito Olavo Costa, e em companhia do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, visitou o Abrigo Profissional Dom Bosco, dirigido pelos Padres da Divina Providencia.

Depois de percorrer as dependências daquela entidade, que abriga, atualmente, 120 crianças, com a anexação do Patronato São José ao mesmo, o Sr. Prefeito entregou ao Revmo. Sr. Padre Paulo a quantia de quarenta mil cruzeiros, subvenção municipal aquela casa de amparo ao menor.

Relembramos aos nossos leitores a apoio merecido a tão importante obra.

. Ano XXXIII, 20/03/1960, n° 1739, página 01

Ação Social Arquidiocesana

Damos a grata noticia de que o prédio, a Rua D. Silverio, onde funcionava o Patronato S. José, será, oficialmente, a SEDE da AÇÃO SOCIAL DIOCESANA.

Como se sabe, este novo DEPARTAMENTO, fruto da ação apostólica de nosso Bispo, vem preencher uma das maiores necessidades da Diocese, isto é, orientar as obras assistenciais católicas existentes, assim como promover e intensificar o apostolado social.

LEI DO AMOR

+Ano XVI, 13/09/1941, n° 803, página 01

Lei do Amor

Inegavelmente a esmola é uns dos modos reais por que a gente pratica a divina lei do amor. Esmola evangelizada cuja origem se perde em Deus. A beneficiência cristã vindo da misericórdia vindo da caridade; a caridade seiva sobrenatural, circulando ininterruptamente de Deus, envolvendo o homem a Deus, envolvendo a todos na imensa comunidade—cristã eis a gênese legítima da esmola. Fóra dessa base o que a gente vê é um grosseiro e fugaz politiquero comercio por automáticas funções de taxa. Muitos católicos, de notória e notada decadência humana e cristã, precisam refletir sobre isso. Recomendar a prática da esmola parecerá exquisito aos espíritos complicados á força de fantasistas mediações sociais. Complicados á força de legalidade existentes nas papeladas dos escritórios burocráticos. Pareça exquisito e que sensato exame dos fatos desmanche a exquisitice. Nosso *Patronato São José* existe há anos. Quem se lembra de considerá-lo? Quem se lembra dele afetiva e *efetivamente*? Será porque a imprensa e o radio e o cinema dele não fazem farolagem? Será que no passado não satisfazia? Será que no presente dele tenham noticia á maneira de noticia de cousa longínqua? Não abona essas cogitações uns dos nossos autênticos maiores. Dedicados amigos das grandes realizações que começam começando, *Dr. João Penido e Excma. Esposa*, na discrição que lhes é peculiar a toda prova, fizeram ao Patronato a doação de cinquenta contos. Com essa referencia rápida e sincera, queremos

proclamar a muita admiração e o evangélico agradecimento dos pobrezinhos do Patronato e de quantas mourejam pela manutenção do mesmo. Deus lhes pague. A Comunidade Cristã de Juiz de Fora recebe isso no patrimônio da “comunhão dos santos”, e os mencionados encontrarão os juro centuplicados na balança da eternidade.

Diretoria do Patronato

+Ano XVI, 20/09/1941, nº 804, página 01

Lei do Amor

Vamos compreender direitinho isto: exercer beneficência não é a Ação Católica, mas, o exercício da beneficência é também da Ação Católica. Para evidenciar isso não é necessário recorrer a lucubrações doutrinarias. Basta enxergar claramente o adjetivo e o substantivo: *católica* e *ação*. Longe de nós esse sofisma: alguém fez compromisso de ação católica, ora, ação católica é exercer beneficência: logo, todos da A. C. fazem compromisso de trabalhar par patronato SÃO JOSÉ. Não aceitamos esse sofisma, mas, vemos e aceitamos o pedaço de verdade que esse sofisma encerra. Ser da A. C. é ter especial responsabilidade *também* diante e no meio das obras de beneficência.

A Irmã Diretora do Patronato SÃO JOSÉ recebeu:

“... De minha representante, Aliança Comercial de Anilinas LTA., Rio de Janeiro, recebi a incumbência de entregar a este benemérito patronato a importância de 150\$000... para beneficio dos órfãos aí recolhidos tão humanitariamente... Muito atenciosamente - Geraldo Sybertz”.

“...informamos que se acham separadas ... as seguintes peças que destinamos a esse patronato: 1 lavatorio / 1 pia/ 1 cadeira/ 1 caçarola/ ... Atenciosamente – Fundação Indígena S.A. / R. Carvalho. – Presidente Rio.”

Do excmo. Sr. Major Napoleão de Alencastro Guimarães;
50% de abatimento no porte de material vindo de Entre Rios.

De uma beneficente: 100\$000

Fabrica Santa Cruz, nesta: uma peça de fazenda.

Fabrica Santa Rosa, nesta: retalhos,

Cerâmica Juiz de Fóra: 2.000 tijolos.

Que todos sejam recompensados pela munificência divina a quem servem na pessoa dos pobrezinhos.

Diretoria do Patronato

+Ano XVI, 27/09/1941, nº 805, página 01

Lei do Amor

Quanto e quantas vezes é profanado o dom do amor. Em muitos a lei do amor aparece totalmente desorganizada. Em lugar de ser qualidade, cultivada humanamente ao menos, aparece simplesmente como instinto á mercê de gastos e simpatias as mais degradantes. Isso a gente vê em pessoas e também em instituições, v. g., os casinos. A sacralidade do amor é completamente substituída pelo fantasma do amor com ares de caridade, de beneficência. Dir-se-á ingênua ou maçonicamente: os casinos fazem “caridade”. E as “esmolas”, farisaicamente espalhadas pelos casinos de onde veêm? As cousas e fatos nos permitem esta afirmação categórica: nos casinos o mínimo que se perde é dinheiro. Muitos darão de ombro a essa fraqueza. Mas, as realidades não se destroe com razões de cabo de esquadra. Possível que não queiram vê-las... mas, pretender nega-las ou oucuta-las com obstrucionismo seria irrisório. Conclusão: ainda que casinos socorressem algumas misérias, fariam-no á custa de outras maiores e mais desgraçadas e temíveis.

A Irmã Diretora do Patronato SÃO JOSÉ recebeu: de FERREIRA GONÇALVES e Cia. Ltda. / BELO HORIZONTE – 3 lavatórios de louça.

Sejam recompensados pela munificência divina a quem servem na pessoa dos pobrezinhos.

Diretoria do Patronato

+Ano XVI, 04/10/1941, nº 806, página 01

Lei do Amor

Os que nos caluniam, mutilando a história e violando os fatos, enxergar não enxergam ou não o querem, as realidades que sempre existiram na Igreja. A Comunidade Católica nunca perdeu consciência do que deve fazer aos pobres. Si fieis, muitos ou poucos, aqui, alí ou acolá, não se dão conta de sua responsabilidade, são eles os culpados, os desgarrados, e não a Igreja. Por toda parte existem pequenas ou grandes obras de beneficência, obras católicas,. No momento em que escrevemos não temos um registro completo de todas elas. Temos em mão somente um sucinto relatório das que dependem diretamente dos desvêlo e solicitante paternal do Santo Padre. Ei-las:

2.000 orfanatos com 122.000 orf. 888 hospitais com 36.300 doentes, 3.505 dispensarios,

428 asilos com 17.800 abrigados, 47.853 centros de educação primaria, secundaria e superior, com perto de 2.000.000 de estudantes.

Dr. José Procópio Teixeira Filho esmolou ao Patronato São José com 500\$000. Sincero agradecimento.

Diretoria do Patronato

+Ano XVI, 11/10/1941, nº 807, página 01

Lei do Amor

As almas também estão sujeitas á influencia de *modas e modos*. Vê-se claramente que está correndo mundo, a moda da farolagem e o modo da tapeação. Meu fulano, pense e fale e aja por sua conta, não por conta do vizinho. Estructure-se u'a *mentalidade católica* e não deixe arrastar pela onda. Andar em onda é andar movido por hábitos e cestros. Os hábitos são indispensáveis, mais se não ficam a mercê da razão, o habituado se iguala ao simples animal que age por instinto. Si ficam á mercê da Razão e não ficam a mercê da Fé, pior ainda, porque então o habituado é bom bípede e cristo nada. Um exemplo dentre muitos. – Fulano andando em onda, fantasia-se com a obrigação e o direito de “colocar” um “protegido seu” no Patronato. Será mesmo um *protetor*?! Ótimo protetor de boca, de farolagem, de tapeação. Protetor de fato, nada. Si por causa desse *arrazoado* surgir alguma odiosidade, caia sobre mim que o proclamo e tenho toda a responsabilidade dessa proclamação.

Pe. Rui Nunes Vale

PATRONATO SÃO JOSÉ

Divulgado, semanalmente, a partir do Jornal
“O Lampadário”

da Diocese de Juiz de Fora – MG

Pe Luis Antônio Baldi Fávero

luisinhojf@ibest.com.br

Tel.: 32 9 9987-0376